REVISTA DA SEMANA
N. 35 29-8-1953 Cr$ 5,00 em todo o



NO PELOURINHO DA DEMOCRACIA

•

O MISTÉRIO DE ORÓS

Sempre melhorando...

a **BANDEIRANTES**

entrega ao Brasil

suas

ONDAS CURTAS

25 MTS. 11.925 KLCS.

49 MTS. 6.185 KLCS.



INAUGURAÇÃO EM SETEMBRO

RADIO BANDEIRANTES



a mais popular emissora paulista

PRH-9 - 840 KLCS.

«O açude Orós, como se pretende construir, é impraticável» — diz o engenheiro Pompeu Sobrinho. Eis o local da futura barragem.

O MISTÉRIO DE ORÓS

"O AÇUDE, QUE FARA DO NORDESTE UMA NOVA CALIFÓRNIA, SERA CONSTRUIDO" — PROMETE O MINISTRO JOSÉ AMÉRICO ★ "É IMPRATICAVEL", DIZ O ENGENHEIRO POMPEU SOBRINHO, O DESCOBRIDOR DO "ORÓS" ★ FAMÍLIAS LEVADAS A MISÉRIA COM AS DESAPROPRIAÇÕES ★ GIPCITA EM QUANTIDADE ★ O QUE OS NORTE-AMERICANOS DEIXARAM.

Reportagem de EDMAR MOREL **Fotos de ADIR VIEIRA**

ORÓS, o açude que armazenaria quatro bilhões de metros cúbicos de água, seria maior do que a Baía de Guanabara. O próprio reservatório de Billings, no planalto de São Paulo, com seus dois bilhões, passaria a ser um filhote do grande açude, que transformaria a região árida do leste do Ceará, numa nova Califórnia.

Acontece que tudo parou em 1922, quando Epitácio Pessoa, o admirável paraibano que levou a sério as Obras Contra as Sêcas, deixou o govêrno, sendo substituído por Artur Bernardes. A simples publicação de duas cifras diz, perfeitamente, do interêsse dos dois presidentes pelo angustiante problema das sêcas. Epitácio Pessoa, no seu quatriênio, gastou Cr$ 250.800.497,00 com as Sêcas, ou seja, uma média anual de 60 milhões de cruzeiros. Artur Bernardes reduziu a despesa para 43 milhões, menos de 10 milhões por ano. O resultado foi o seguinte: a firma norte-americana Dwight D. Robinson, que contratara a construção do Orós, rescindiu o contrato e 21 milhões de cruzeiros, gastos em moderna aparelhagem mecânica, ficaram ao relento.

O Orós passou a ser um depósito de material. Do açude pròpriamente dito resta, apenas, um ponto no mapa do Ceará, indicando a cidade de Icó, antiga capital da Província e em cujas terras seria construído um dos maiores reservatórios do mundo, inundando uma área de 350 quilômetros quadrados e irrigando 40.000 hectares, fornecendo, ainda, energia elétrica a inúmeras cidades vizinhas. Mas a

O MISTÉRIO DE ORÓS



Êste homem foi levado à miséria. O govêrno desapropriou as suas terras e pagou uma bagatela. Cinco hectares por 800 cruzeiros.

nova Califórnia não surgiu, por culpa dos poderes públicos. E o drama da sêca continua, com sacrifícios de vidas e com graves prejuízos econômicos, já que o êxodo cresce dia a dia. Paradoxalmente, a região, nos invernos rigorosos, sofre com as cheias do rio Jaguaribe.

O plano de construção do «Orós», entretanto, levou à miséria inúmeras famílias de trabalhadores rurais, cujas terras foram desapropriadas por alguns níqueis. Numa rua do longínquo povoado, para citar um fato, conheci um biscateiro, outrora proprietário de 5 hectares, que foram adquiridos pelo govêrno, em 1922, pela bagatela de 800 cruzeiros.

A NOVA ESPERANÇA

A volta do sr. José Américo ao Ministério da Viação faz renascer, no nordeste, a esperança de que o Orós seja, em breve, construído. Acontece que existem duas correntes: uma contra e outra pró, muito embora o Congresso Nacional já tenha decretado:

«Autoriza o Poder Executivo a mandar construir o açude «Orós», do sistema do Jaguaribe, no Ceará». Art. 1º — Fica o Poder Executivo autorizado a mandar construir, entre as obras do plano de defesa contra os efeitos da denominada sêca do Nordeste, o açude «Orós», do sistema do Jaguaribe, no Ceará. Art. 2º — A despesa com a construção dêsse reservatório, calculada em tresentos milhões de cruzeiros (300.000.000,00), constará, em seis partes

Várias tôrres como esta sairam de Orós para a construção de outros açudes no nordeste. Agora o material voltará novamente à base.



O funcionário que guarda o material. O velho Magalhães está há 25 anos no Orós. Salário: três mil cruzeiros, mensalista, classe «L»...



— «Vou iniciar, brevemente, as obras do Orós, antiga aspiração do Ceará». — diz o Ministro José Américo, em Julho de 1953.

O MISTÉRIO DE ORÓS

iguais, de sucessivos Orçamentos da República, correndo por conta da dotação especial consignada no art. 198 das Disposições Gerais da Constituição Federal.

Art. 3º — A presente lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. Sala das Sessões, em 30 de março de 1949. Alencar Araripe, Gentil Barreira, Humberto Moura, Fernandes Teles, José de Borba, Mcreira da Rocha, José Augusto, Flores da Cunha, Frota Gentil, Francisco Monte, Janduí Carneiro, Samuel Duarte, Aloísio Alves, Mota Neto, Paulo Sarasate, Graccho Cardoso, Antenor Bogêa, Heitor Collet, Raul Pilla, Romeu Lourenção, Area Leão, Beni Carvalho, Raul Barbosa, Leite Neto, Osvaldo Studart, Alarico Pacheco, João Henrique, Hugo Carneiro, Antônio Maia, Nogueira da Mata, Juraci Magalhães, Lima Cavalcânti, João Cleofas, Osmar de Aquino, Plínio Lemos, Jurandir Pires, Valfredo Gurgel, João Ursulo, João Adeodato, Alves Linhares, Ernani Sátiro, João Agripino, João Mendes.

O presente projeto está justificado, tanto em discurso proferido, quando foi apresentado, como nos que o primeiro signatário já havia pronunciado, na Câmara dos Deputados, nas sessões de 7 de outubro e 8 de novembro de 1948.

Os técnicos continuam discutindo e outros, como os engenheiros Francisco Saboya Filho, Luís Vieira, Vinícius Barredo, ex-diretores das Obras Contra as Sêcas; Edson Passos e Luís Jannuzzi, respectivamente, presidente do Clube de Engenharia e do Sindicato dos Engenheiros do Rio de Janeiro, não responderam, sequer, a pergunta formulada pela REVISTA DA SEMANA:

— O Orós deve ou não ser construído?

Mas o ministro José Américo quebrou o silêncio sepulcral que envolve o Orós, desde 1932, e falou:

— Vou iniciar, dentro do mais breve espaço de tempo possível, as obras do «Orós», antiga aspiração do Ceará, porque representa, não sòmente uma solução para o problema das sêcas, mas também um fator de transformação econômica no interior daquele Estado. A área a ser beneficiada por êsse grande lago artificial será convertida num centro industrial, capaz de colaborar poderosamente na revitalização do meio, exposto a permanente depressão. Será também uma obra capaz de, na incidência de uma nova calamidade, acolher, de acôrdo com o novo ritmo de trabalho, as massas deslocadas dos campos. Quanto à segurança da construção, é um problema técnico que seria confiado à engenharia nacional e revisão no seu projeto e, naturalmente, completou os seus estudos com a grande igualmente à responsabilidade profissional do engenheiro Luís Vieira, que fêz experiência que vem adquirindo. Sei que êsse empreendimento suscita algumas controvérsias no Ceará. Alegava-se, antes, que seria coberta uma zona enriquecida, e, agora, a existência de minérios de uma riqueza que não poderia ser sacrificada. Mas quando falo em estudos, é abrangendo todos êsses aspectos do problema. Não poderia atacar o «Orós» sem procurar saber se, realmente, existe essa fonte de riqueza e se ela deve ser poupada. Possìvelmente entrarei em entendimento com o órgão competente para que se proceda, antes de iniciada a construção, as sondagens necessárias, eliminando, assim, tôdas as dúvidas sôbre uma iniciativa de tamanho porte.»

Vários estudos, a partir de 1912, foram feitos para a construção do «Orós». Uma das grandes autoridades no assunto é o engenheiro Thomaz Pompeu Sobrinho, o descobridor do Orós, em 1910, quando chefe do Distrito de Obras Contra as Sêcas no Ceará. Atualmente é o presidente do Instituto do Ceará. Falando à imprensa, disse o conhecido técnico:

«Pelos dois projetos existentes, é impraticável e inconveniente a construção do grande açude, que continua um problema a ser estudado.»

Depois de expor seu ponto de vista, concluiu com esta advertência:

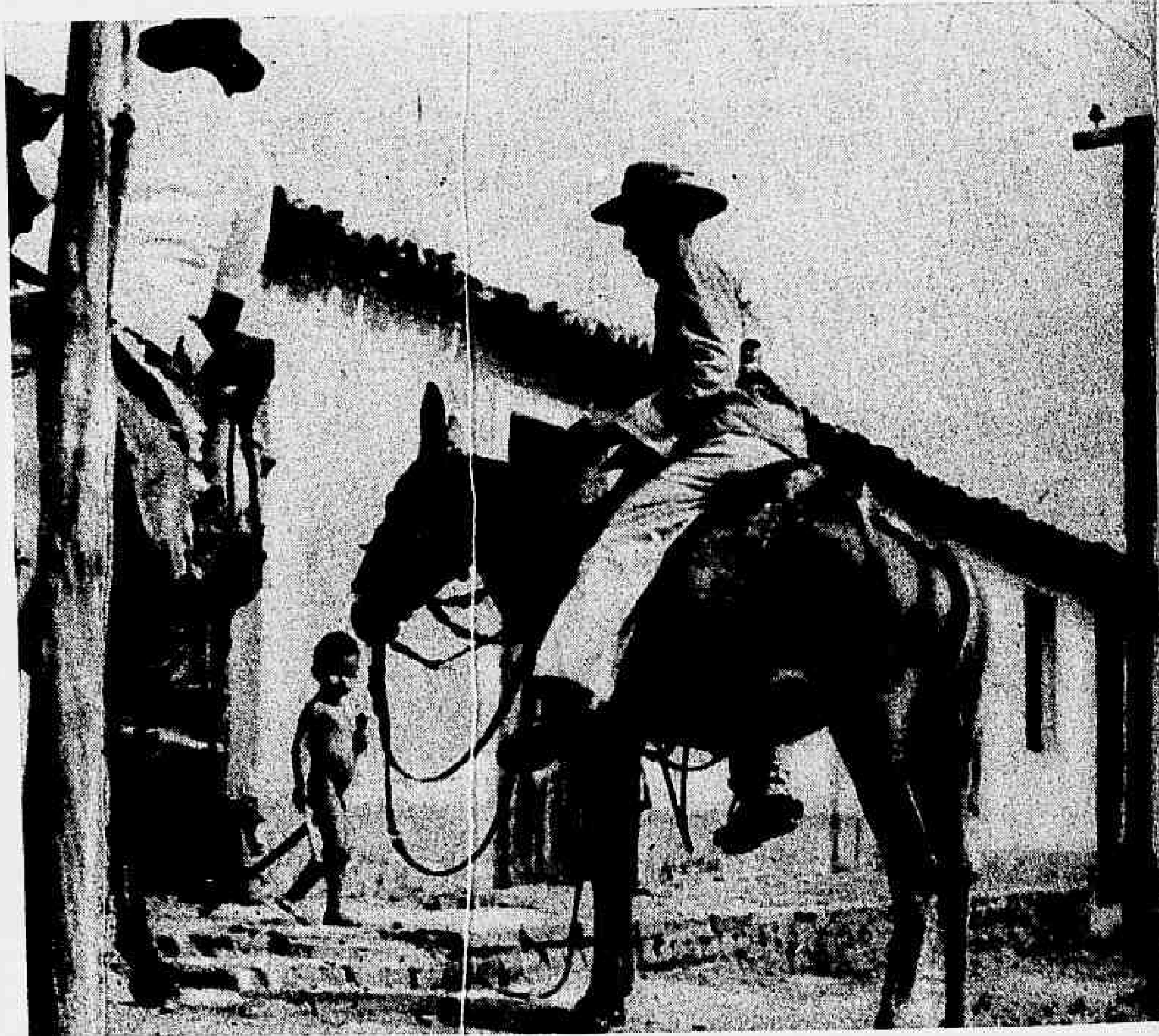
concreto armado, é pràticamente inconveniente, isto porque as fundações do local

«O açude Orós, como se pretende construir, com barragens e alvenarias ou do boqueirão não são conhecidas, mas é certo que elas são dificílimas e onerosas.

A rua principal de Orós, a quinhentos quilômetros do litoral. Dia sim, dia não, sai um trem para a capital do Ceará. Orós tem 1.700 habitantes.



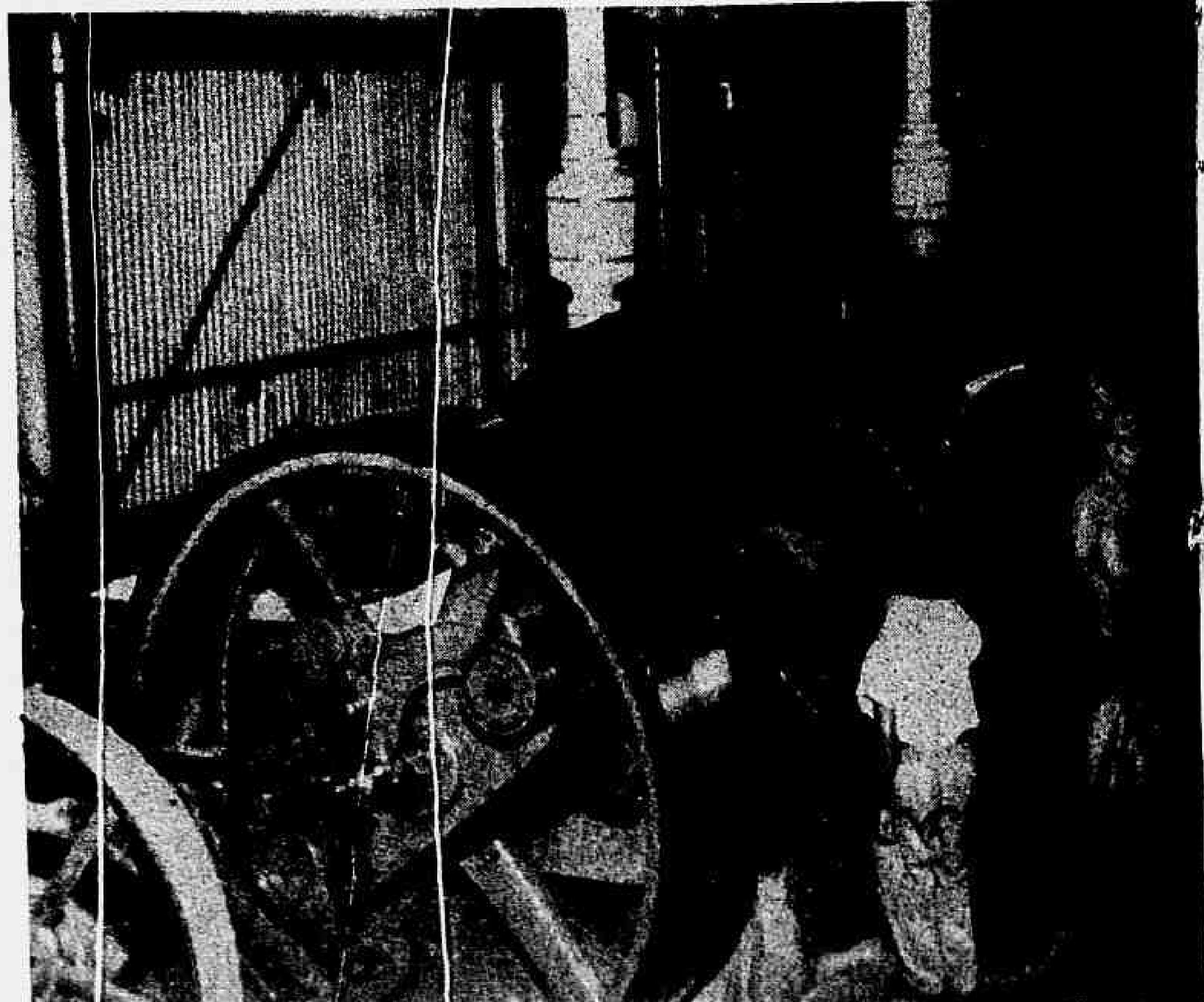
A despeito de ter estradas de rodagens e de ferro, um bom campo de aviação, o sertanejo ainda prefere o cavalo. E' sempre mais seguro...



«Procurarei saber se, realmente, existe minérios em Orós», — disse o Ministro José Américo. Eis o minério: gipsita, em grande quantidade.



Os norte-americanos deixaram uma uzina com seis turbinas, com 5.000 H.P. para atender a 300.000 pessoas, população de Fortaleza.





O que existe em Orós, em excesso, é criança. Nem tôdas sabem ler e muitas estão com impaludismo. E' o fim da raça. Pobre Brasil!

Os dois projetos atendendo às dificuldades das fundações na parte mais estreita do boqueirão, localizam as respectivas barragens a cêrca de quatrocentos metros abaixo do boqueirão, num lugar bastante largo do vale, por isso as barragens teriam quase um quilômetro de desenvolvimento na crista.

Os projetos dessa natureza, dadas as dificuldades da construção e o custo do material (ferro e cimento), são quase impraticáveis. O primeiro projeto, que trata de alvenaria e marcos múltiplos, é caríssimo e já foi desaprovado pelo então diretor da I.F.O.C.S., engenheiro Henrique Novais. O segundo, que tratou sôbre o concreto armado, cuja barragem ficaria no mesmo local do projeto anterior, além do custo muito elevado do cimento e do ferro, oferece o inconveniente de representar uma experiência perigosíssima, não se podendo contar com uma impermeabilidade absoluta do concreto. Os ferros das armações, mais cedo ou mais tarde ficarão ao alcance das águas represadas. Ora, como essas águas são geralmente regadas de sais corrosivos em solução, será de esperar que as seções transversais dos ferros, com o tempo, se reduzam e a estabilidade da obra fique comprometida. Aproveitando o ensejo para apontar a solução para o probelma em questão e levando tudo isso em consideração, já há alguns anos lembrei a conveniência de ser estudada a aplicação de uma barragem em «Rock Fil», para a qual existe abundância de meterial no local. Entretanto, durante muitos anos, essa lembrança ficou esquecida.

O sistema «Rock Fil», trata-se de um tipo de barragem muito usada nos Estados Unidos. Consiste numa cortina de material impermeável, através do vale, cravada nas ombreiras e no fundo do leito do rio; é para dar mais estabilidade à cortina, que se joga a pedra britada a jusante e a mentante, dando taludes muito suaves.»

À disposição do DNOCS, no Banco do Brasil, estão 30 milhões de cruzeiros, do orçamento de 1951; no orçamento de 1953 também estão consignados outros 30 milhões; e na proposta orçamentária do corrente ano, já veio consignada a mesma importância para as obras do açude, perfazendo, assim, um total de 90 milhões.

Acontece que em 1949, quando foi aprovado o projeto nº 50-949, que autoriza o Poder Executivo a mandar construir o «Orós», foi calculada uma despesa de trezentos milhões de cruzeiros. Técnicos em construção de açudes, falando ao autor desta reportagem, acham que o «Orós» não poderá ser construído com menos de 500 milhões de cruzeiros, com o aproveitamento, em parte, do material retirado para a construção de outros açudes, como o «Mãe d'Agua», na Paraíba, com 640 milhões de metros cúbicos de água, o último grande açude do sistema do Alto Piranhas, que assegurará a irrigação de 20.000 hectares.

A construção do «Orós» requer muito dinheiro e, sobretudo, boa-vontade dos poderes públicos. O povoado de Orós tem 1.700 habitantes, cinco ruas, uma uzina elétrica deixada pelos norte-americanos, com seis turbinas num total de 5.000 H.P., o bastante para fornecer luz elétrica aos 310.000 habitantes de Fortaleza, uma olaria, um cabo aéreo, uma fábrica de gêlo. Agora, apareceu uma mina de gipcita, sulfato de cálcio hidratado, com o qual se fabrica o gêsso. Ninguém, em Orós, pela experiência de 30 anos, acredita que o açude seja construído.

— Isto aqui é terra esquecida por Deus . . . . — disse-me o mestre-escola do lugarejo.

E num desabafo:

— Aqui sai e chega doutor todos os santos dias. Espia o boqueirão, bate fotografias, conversa com a gente e vai embora de automóvel . . .

O nordestino, açoitado pelas desgraças, com aquêle fatalismo dos homens sem esperança, na verdade, não acredita mais em nada.

— Era uma vez o Orós . . .



Sr. Luís Jannuzzi, que vai reunir a diteroria do Sindicato dos Engenheiros para responder a pergunta da «REVISTA DA SEMANA».



Eng. Francisco Saboya Filho, que saiu do cargo de diretor do D.N.O.C.S., e não respondeu: o Orós deve ou não ser construído?»



Sr. Edson Passos, presidente do Clube de Engenharia, que só responderia depois de saber do pensamento do sr. Saboya Filho.



A juventude da cútis, se consegue com

Antisardina

ANTISARDINA renova as células gastas da epiderme, protege as células novas, restitui à pele cansada, ou prematuramente envelhecida, sua normal elasticidade, limpando-a de sardas, espinhas, manchas, rugas, panos, etc. ANTISARDINA é um creme de beleza CIENTIFICAMENTE preparado com ingredientes rigorosamente selecionados.

ANTISARDINA — LISOBARBA — CABELOSAN — ANTI



a REVISTA há 50 anos

Domingo, 30 de Agosto de 1903

COMMEMORAÇÃO AO DUQUE DE CAXIAS

● **As festas realizadas, nesta semana, á memoria do notavel marechal Duque de Caxias puzeram em relevo, mais uma vez, que a fibra patriotica do nosso povo não está de todo adormecida ou morta, como o querem fazer supor os pessimistas da situação. A magnificencia e a pompa de que se revestiram os festejos, foram surprehendentes, e a concurrencia que merecia tão justa e merecida commemoração esteve alem da espectativa geral.**

A REVISTA DA SEMANA, seguindo o seu programa, procurou, o melhor que pôde, reproduzir em suas paginas as principais occurrencias da festa, e foi assim, que não poupou esforços para que os seus photographos estivessem presentes em todos os logares onde maior fosse a animação.

As gravuras, que se acham impressas nesta primeira pagina, representam o desfilar das forças de terra e mar pelo largo do Machado e a organisação do corpo de exercito no campo de Sant'Anna.

A primeira gravura é a reproducção da 4ª companhia dos alumnos da Escola Militar, no Campo de Sant'Anna, antes do desfilar das tropas, em posição de descançar.

A 2ª a passagem da tropa no largo do Machado e a 3ª o pavilhão official no largo do Machado.

Neste pavilhão se achava o sr. presidente da Republica, suas casas civil e militar, ministerio, corpo diplomatico, altas patentes de terra e mar, os representantes da Guarda Nacional, a commissão promotora dos festejos e diversas familias especialmente convidadas. Este pavilhão estava guardado por uma ala de alumnos do Collegio Militar.

A 4ª gravura é a estatua do Duque de Caxias no largo do Machado, ornamentada de flores; a 5ª o Corpo de Infantaria de Marinha, direita da columna no campo de Sant'Anna; 6ª — Escola Tactica do Realengo, 3ª e 4ª as companhias em columna de pelotões no campo de Sant'Anna, antes do desfilar das forças, e a 7ª é o aspecto geral da direita e centro da columna 1ª e 2ª brigadas, as forças de Marinha e escolas Militar e do Realengo no campo de Sant'Anna.

DR. VITAL BRASIL

● *Reproduzindo a effigie do notavel chimico presta a REVISTA DA SEMANA uma homenagem á sciencia medica. O dr. Vital Brasil é o descobridor do "serum anti-crotalico". Esta simples referencia dispensa ao intelligente medico qualquer outra formula de elogio, sendo, como é, a sua descoberta o maior padrão de gloria que poderia desejar.*

A photographia foi-nos gentilmente offerecida pelo conhecido photographo A. Elias da Silva.

★

● Era preciso encher êste cantinho.

Com que? Reuniu-se o grande conselho da **Revista**. O **gatinho** entendia que devia o Julião deitar uma das bellas amostras do seu espirito; mas o Fernandinho obtemperou que nem o Julião, **nem** o Raul, nem o Bambino, nem o Amaro, nem o Isasi deviam ser convidados para encher cantos, embora artisticamente.

O Amaro encordoou, porque ninguem protestou contra a opinião do joven preopinante; e, mais aborrecido ficou, quando o Costa e o Faulhaber bateram palmas á idéa, porque assim não teriam essas **cousas** a gravar.

— Ah! elle é isso? disse o Manoel; pois bem: espero que os ensino a todos . . .

E, sem mais nada, calado, chamou o Massadas e arranjou essa colecção de bellezas que os apreciadores da REVISTA DA SEMANA verão ahi ao lado, e que são os retratos dos que trabalham n'esta casa.

Já se vê que, por engrossamento, foi encaixado no centro, em retrato maior que os dos outros, o do redactor chefe.

Muito em segredo isso foi feito, porque do contrario o Dr. Fernando Mendes mandava retirar o desenho.

A ordem dos demais retratos foi invenção do Antunes, que entendia que era esse o melhor reclame para as suas habilidades estheticas.

Só protestou contra a disposição el **señor** Isasi; mas teve de calar-se por que Raul, Amaro e Bambino, convidados por Manoel, incumbiram-se das caricaturas e rabiscos adjacentes e não queriam perder o trabalho.

Podia ser peior; mas faça melhor quem tiver mais tempo e . . mais espirito . . . do que **Eu**.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 35 ★ 29-8-1953

SUMÁRIO

O mistério de Orós 3/7
Em Belém Jesus Hóstia 11/13
As mãos de ouro 24/25
O direito de nascer 27/33
Carnaval em Pôrto Rico 36/37
Os «cracks» perdem o menisco ... 43/45
A revolução do vinho 52/53
No pelourinho da Democracia 54/57

Os milagres de Lagoa Santa 9
Semana Literária 17
O Duque de Caxias 18/19
A Bem-Amada 22/23
Elizabeth da Inglaterra 34/35
A Caolha (conto) 51

A Revista há 50 anos 8
Semana em Revista 10
De Rádio 14
De Cinema 15
Janela sôbre o mundo 20/21
Arabelle 49
De Teatro 50
Último Flash 58

A luz da psicanálise 16
O comprimento das saias 38/39
Sugestões para o lar 40/41
Week-end na cozinha 42

Capa: LINDA DARNELL
(Kodachrome T. C. Fox)

Diretor: GRATULIANO BRITO - Paginação VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA - Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visc. de Maranguape, 15 - Rio de Janeiro.

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito, 1818 N. Whitley Ave., apto. 202, Hollywood 28, California. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, C. Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia, Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.
Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS.

Porte simples — Um ano ... Cr$ 250,00
Seis meses .... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano ...... Cr$ 280,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ...... Cr$ 400,00
Seis meses .... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00

EM SÃO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

OS MILAGRES DE LAGOA SANTA



EM verdade não são milagres DE, e sim DA Lagoa Santa, encantador prêmio que a Natureza ofereceu àquela belíssima região de Minas, que, somada à Lapinha, constitui a maior atração turística do Estado. A lagoa, com seus oito quilômetros de periferia e peraus com 15 e mais metros de profundidade, tem suas origens numa lenda. Dizem que ali só existia um pocinho sem importância, uma espécie de cacimba do nordeste do Brasil. Em volta, casebres de palha onde viviam roceiros humildes como sua modesta ipueira. Um dia, porém, inexplicàvelmente, irrompeu do fundo da cacimba uma torrente dágua capaz de fazer inveja aos cariocas de hoje. O poço encheu, transbordou, estendeu-se por todos os lados, inundou vales, cobriu morros, submergiu casas e afogou todos os moradores, transformando-se em deslumbrante lago. Foi o mais sensacional acontecimento do século. De todos os recantos daquele sertão até onde chegava a notícia, afluiu gente para ver o fenômeno e rezar pelos mortos do cataclisma. E à noite, quando «os mais velhos» ficavam sentados nas colinas adjacentes a fitar o lençol dágua, surgia monumental cruz de prata, mesmo no local em que foram afogados os residentes do local do poço primitivo.

A cruz refulgia como se fôsse composta de estrêlas. O povo se benzia e orava, mãos postas, joelhos em terra a pedir bênçãos e graças. O primeiro que banhou suas chagas na água santa, ficou curado em poucos dias. A notícia correu mundo com a celeridade da esperança nas asas da fé. Não tardou que as margens da lagoa ficassem povoadas de romeiros a apanhar água, bebê-la como remédio, a conduzi-la em garrafas para os enfermos incapacitados de andar. E as curas subiam de nível à proporção que os crentes recorriam à lagoa fantástica. Nascia, assim, Lagoa Santa. Em começos do século XVIII, o povoado já se animava como aglomerado sob a tutela comunal de Santa Luzia. Quando em 1834, o famoso sábio dinamarquês Lund, soube da existência da lagoa e da gruta a poucos quilômetros dali, correu para ver o milagre sob outros aspectos. Extasiado, estudou a formação do solo, a existência do caudal do rio das Velhas, que, havia milênios, formara as cavernas e a gruta da Lapinha; colheu fósseis, exemplares de animais ante-diluvianos, divulgou o Brasil perante o mundo científico com o cartaz de Lagoa Santa. Comovia-se diante da crueldade do povo; fixou residência no povoado; plantou uma palmeira real nos terrenos de sua casa, onde hoje há um grupo escolar; dedicou-se a Lagoa Santa com a devoção com que um apóstolo se irmana à terra a que entregou sua vida e à gente a quem ofereceu o coração. E ali morreu em 1881.

APROVEITANDO o jubileu da padroeira de Lagoa Santa, N. S. da Saúde, fomos reverenciar a memória de Lund e de seus auxiliares e amigos Behrens, Muller e Waring, todos enterrados em especial cemitério de Lagoa Santa. Na tarde do dia 15 de agôsto, vinte mil pessoas vindas de cem quilômetros em redor da cidade, quase tri-centenária, formando enorme procissão de dez andores, desfilavam diante de nossos olhos. Muitos romeiros cumpriam promessa. Uns, descalços; outros, equilibrando pedras na cabeça; velas acesas por todos os lados, ladainhas e rosários a perpassar entre dedos aflitos. Perguntamos a uma velhinha, se as águas da lagoa ainda faziam milagres. E ela nos respondeu:

— Ainda, para quem tem Fé. Mas N. S. da Saúde retirou a cruz de prata, que meu avô contava que viu, porque a lagoa só serve hoje para modernismos e pecado.

Olhei. Lanchas velozes puxavam aquaplanos, e moças de maiôs se banhavam copacabânicamente entre rapazes de calção...

RENATO DE ALENCAR

A PERSONAGEM DA SEMANA



O dia 15 de agôsto marcou uma das mais aterradoras datas para a história hodierna do Irã, quando o velho político Mohammed Mossadegh, Primeiro Ministro do país, reagindo contra a corrente militar que apoiava o xá Mohammed Feza Pahvini, forçou-o a fugir do Irã e refugiar-se no Iraque. O acontecimento teve repercussão internacional, pois o caso se liga diretamente à política do petróleo, sendo Mossadegh adepto da nacionalização, e o Xá, pela harmonia com a influência anglo-americana. A situação, que já parecia decidida a favor do Primeiro Ministro, virou espetacularmente quatro dias depois, quando grandes massas populares, e fôrças fiéis ao soberano, conseguiram a contra-revolução, depondo Mossadegh, incendiando-lhe a residência, e, segundo telegramas de Teerã, esquartejando o Ministro do Exterior, Hussein Fatemi. O general Zahedi, inimigo de Mossadegh, assumiu a direção do movimento. A família real se encontrava na capital da Itália, declarando o Xá, que, quando a situação estiver calma, regressará a Teerã. O contra-golpe foi dos mais sangrentos, calculando-se em várias centenas os mortos e feridos de ambos os lados. O Primeiro Ministro expulso, já deve ter caído prisioneiro dos realistas, não tendo tido tempo de escapar do país. E' curioso acrescentar que, um dos primeiros atos do govêrno de Mossadegh foi decretar a expulsão do Xá e condená-lo à morte. Até à noite do dia 19 lutava-se ferozmente nas ruas da capital de Teerã.



O BAILE DOS ASPIRANTES — O Palácio da Guerra, na praça Duque de Caxias, estêve em festas na noite de 15 de agôsto, quando se realizou o grande baile dos Aspirantes, da turma de 1953, que estudavam na Escola Militar das Agulhas Negras e agora terminam o curso. Nesta foto um ângulo do vasto salão do edifício do Ministério da Guerra, com os concludentes e seus pares a dançar numa despedida dessa primeira fase de preparação para a árdua carreira das armas, quando os espadins são trocados pelas espadas, símbolo de maior responsabilidade, e os novos oficiais sentem o amadurecimento de sua vocação pela carreira das armas.



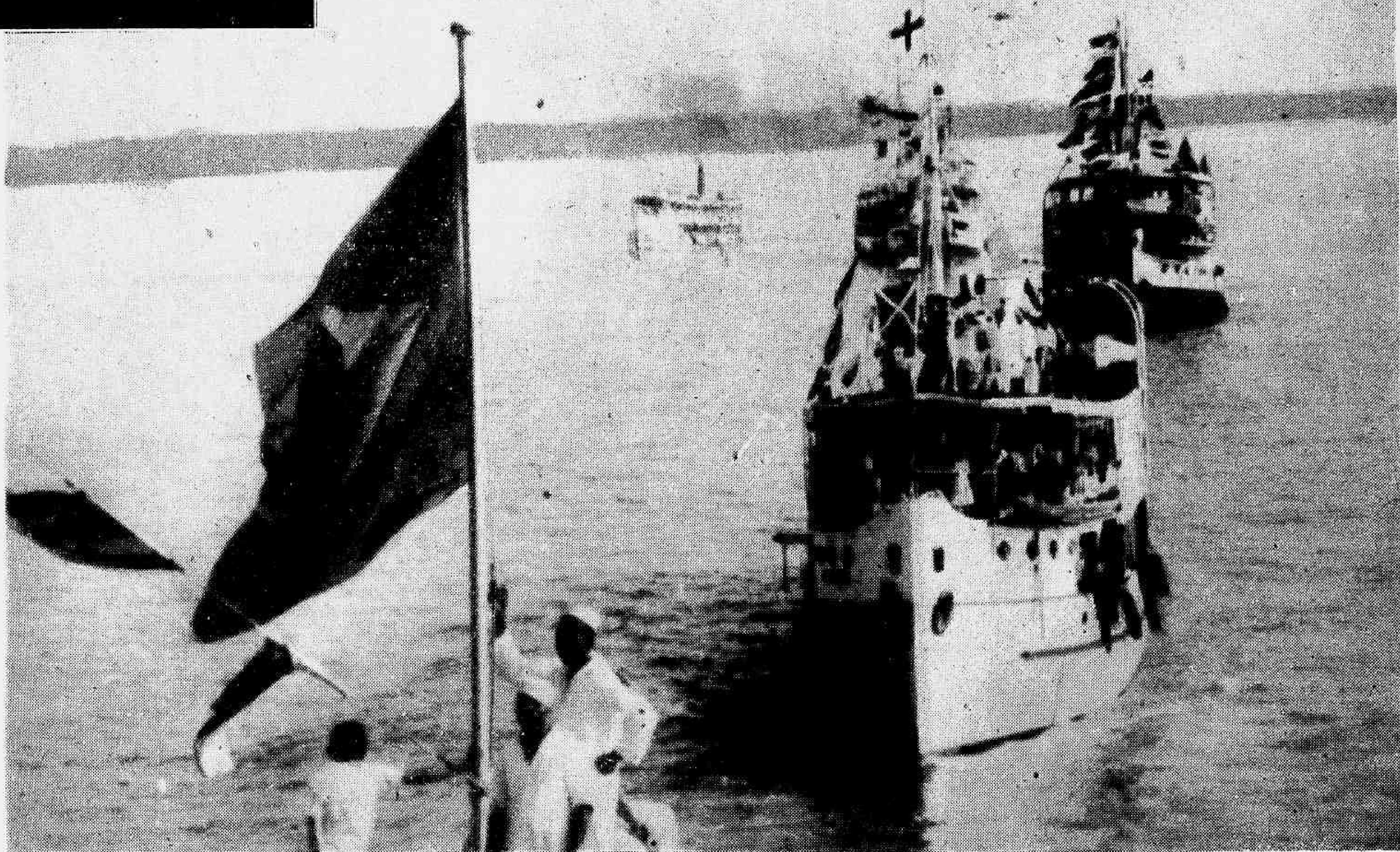
EM NITERÓI É ASSIM — Há posturas municipais na capital fluminense, que proibem a venda de pescado nas vias públiças. Mas os pescadores não podem estar sujeitos aos atacadistas e procuram vender a mercadoria diretamente ao consumidor. Não lhe sendo possível fazer isso nas ruas de Niterói, êstes pescadores se instalaram «sôbre as ondas», perto do cais da praça Martim Afonso, nas Barcas, e ali satisfazem às exigências da freguesia sem atentar contra dispositivos legais. Mas, com certeza os legisladores municipais já devem estar preparando nova lei que proibe vender peixe até «debaixo dágua»... (Foto Diário Carioca).



FOGO NO MORRO DE S. ANTÔNIO — Como que acompanhando a seqüência de incêndios nestes últimos dias, o morro de Santo Antônio entrou com o seu contingente de chamas. Dezessete barracos arderam na semana passada, provocando pânico entre os moradores daquela ala do famoso e resistente morro do centro da Capital Federal. Não houve vítimas a lamentar. Apenas prejuízos materiais. O incêndio vem num momento em que se trata de arrasar o morro para aformosear o centro urbano. Será que a fatalidade está advertindo os seus moradores para que tratem de mudar-se antes que tudo venha abaixo? O prenúncio é convincente.

Barcos
maior
combo
rá o n

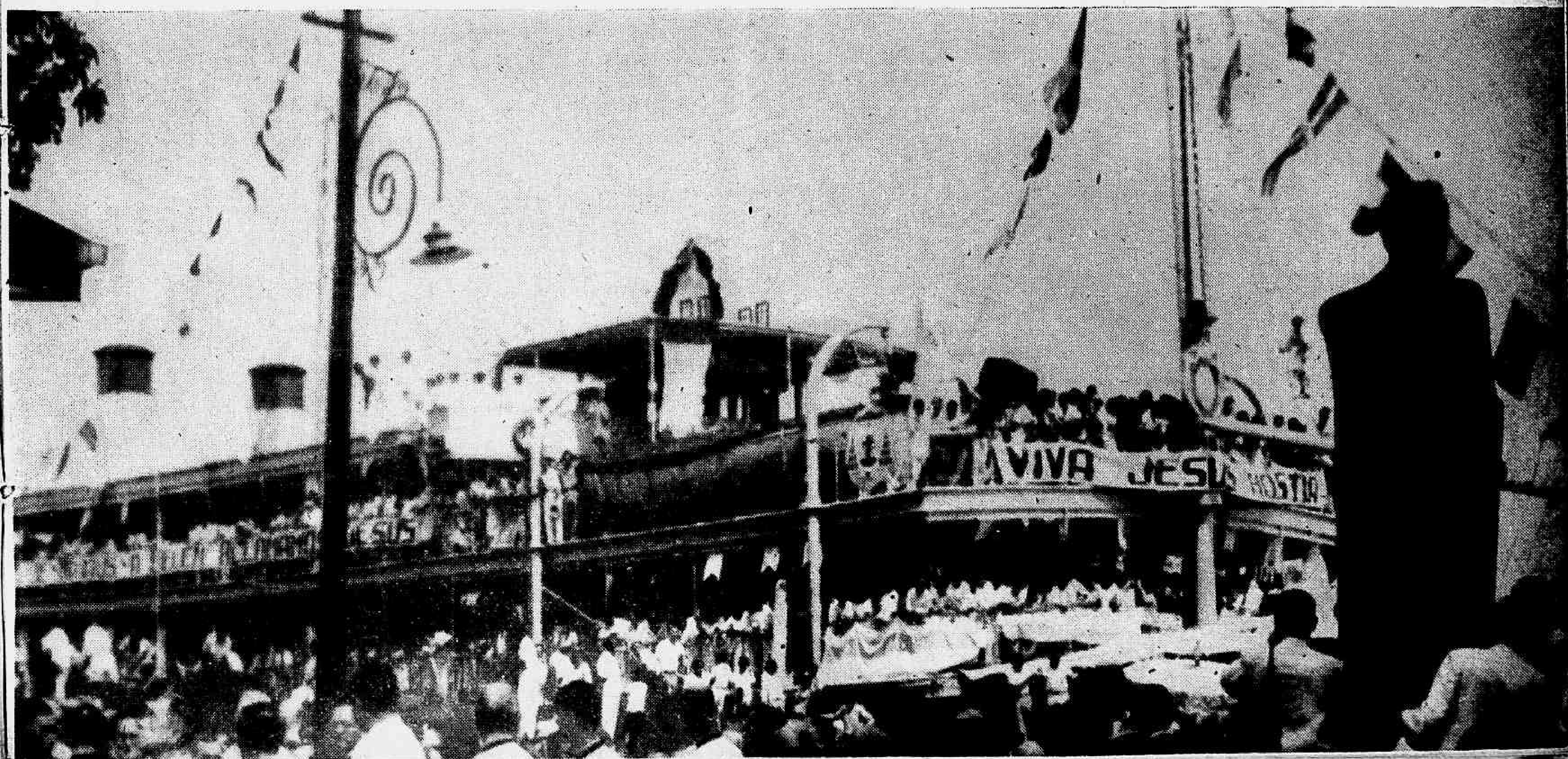
Barcos embandeirados formando a maior procissão fluvial do mundo, comboiam nas águas de Guajará o navio que vinha de Manaus.



EM BELÉM, JESUS HÓSTIA

DUAS SEMANAS DE ENTUSIASMO E FÉ ★ A MAIOR PROCISSÃO FLUVIAL DO MUNDO ★ DE MANAUS A BELÉM, O NAVIO SANTUÁRIO ★ O VI CONGRESSO EUCARÍSTICO BRASILEIRO ENCHEU DE ESPERANÇAS O CORAÇÃO DA AMAZÔNIA ★ BELÉM VIVEU DIAS INESQUECÍVEIS ★ BÊNÇÃO PAPAL AO PARAENSE ★ OUTRAS NOTAS.

Fotos de JOSÉ LEITE E AURIMAR



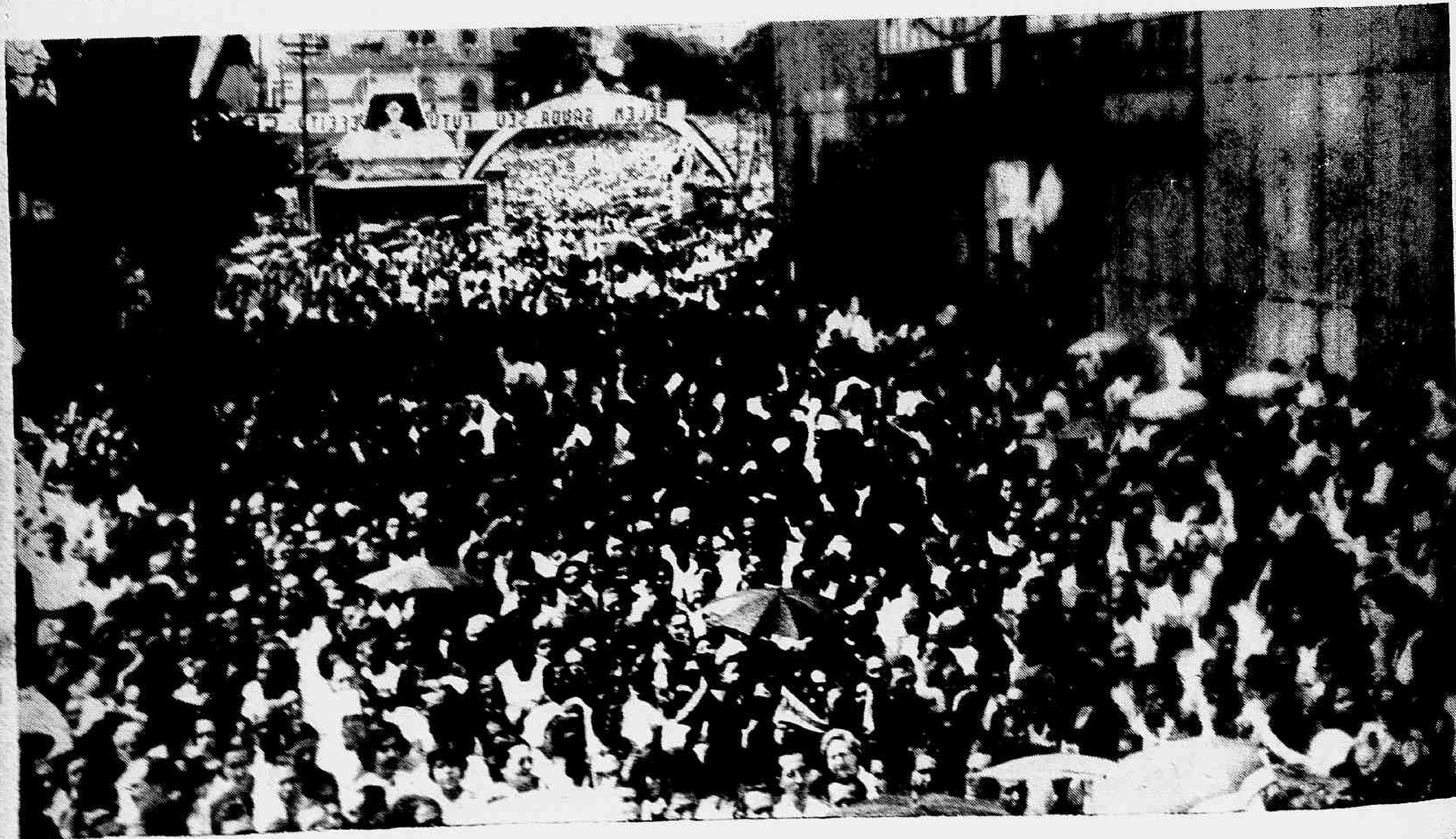
EM BELÉM JESUS HÓSTIA



Impressionante vista panorâmica da Praça do Congresso, em Belém, local onde se realizou a mais grandiosa festa religiosa da Amazônia.

O memoravel sucesso alcançado pelo VI Congresso Eucarístico Nacional, realizado em Belém, capital do Pará, não foi obra de improvisação. Os seus organizadores, demonstrando a mais louvavel compreensão de que sem metodo não pode haver êxito, desde o mês de julho de 1952, que se esforçavam para que o grande acontecimento religioso fôsse coroado de absoluto êxito. Já fazia um ano que dezoito missionarios redentoristas pregavam santas missões por tôda a cidade de Belém, subindo êsses atos de fé e educação cristã, a vinte, até 31 de julho do corrente ano. As festas do VI Congresso tiveram início a 1º de agôsto, prolongando-se até domingo, 16 do mesmo mês, com a récita de gala às 20 horas, no Teatro da Paz, em homenagem ao eminentíssimo Cardeal Legado e ao Episcopado Brasileiro. Tudo foi previsto pelos organizadores da grande festa, em louvor ao Sagrado Sacramento da Eucaristia. Apesar da extraordinária afluência de prelados, sacerdotes, convidados, autoridades e pessoas do maior destaque, vindos de todos os Estados da Federação, não se falando em associações religiosas de

Enorme multidão em tôda a extensão do cais, aguardando a chegada de centenas de barcos, que serviram de comboio ao Navio Santuário.

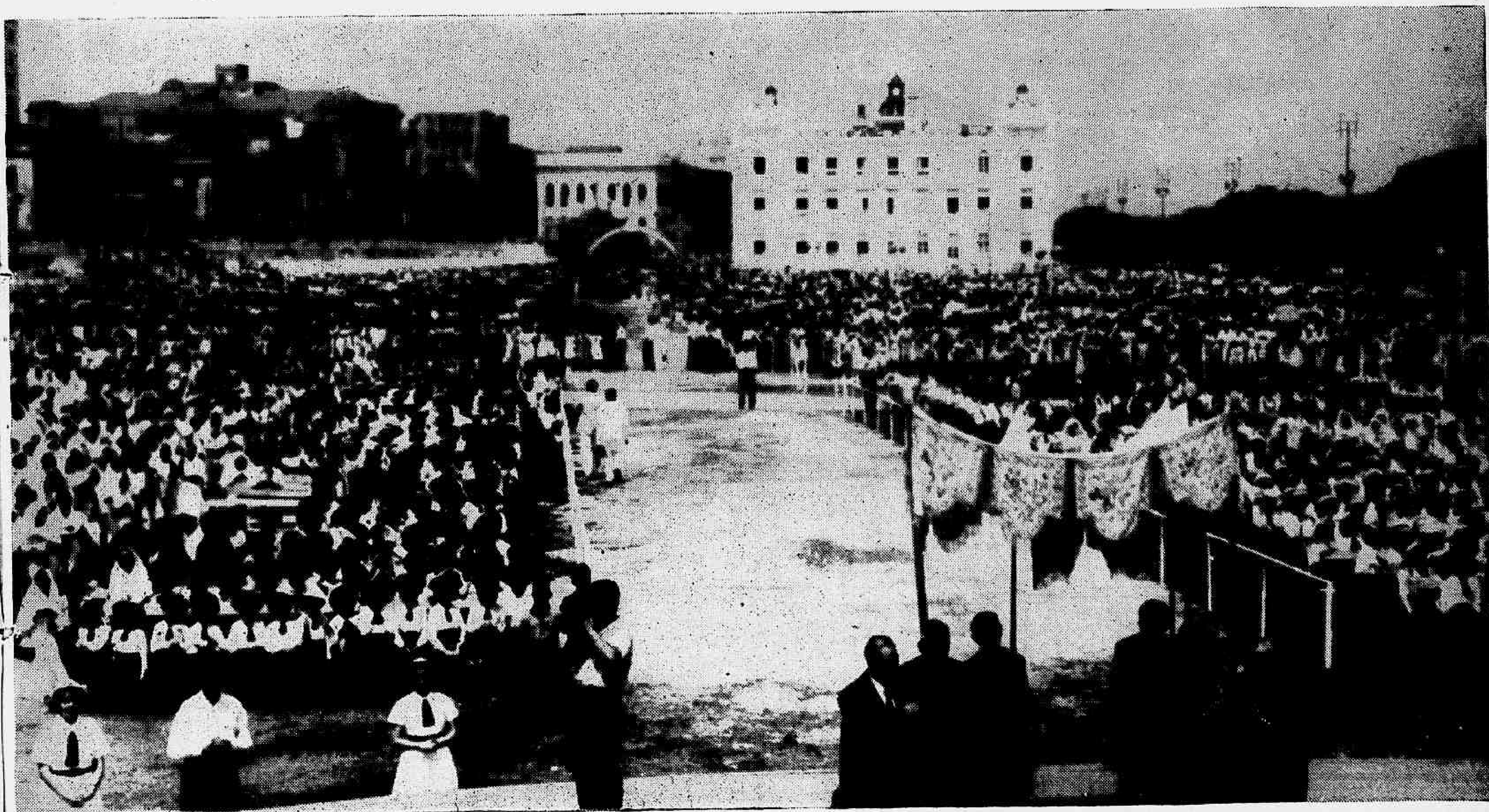




Aspecto majestoso da celebração da Missa inaugural, rezada em Belém pelo Cardeal D. Jaime Câmara, que já foi arcebispo do Estado do Pará.

fora, que tanto brilho deram ao VI Congresso Eucarístico, houve a maior ordem, e as hospedagens se processaram com absoluta normalidade. Essa festa religiosa de Belém será lembrada por todos que a assistiram, não apenas pelo brilho de sua programação, como pela vitória estrondosa alcançada pela Igreja Católica. Noite e dia, durante uma quinzena, todo o povo da capital do Pará estêve com os sentidos voltados para Jesus Hóstia. Os cânticos em seu louvor; as comunhões de 40 mil crianças; a procissão fluvial, com centenas de barcos embaideirados; a chegada, vindo de Manaus, do vapor-tabernáculo; as demonstrações de fé, tudo isso empolgou a alma do paraense, espraiando-se pelo resto do país, que acompanhava o desenrolar do programa, com a maior devoção e sentimento católico. A palavra dos nossos maiores oradores sacros, foi aplaudida por quantos tiveram a ventura de ouvi-la. A Praça do Congresso, onde se erguia o altar monumental, enchia-se de fiéis, represando pelas ruas e praças adjacentes, num dilúvio de fé e fraternidade cristã.

Vozes juvenis entoam hinos em louvor à Sagrada Eucaristia, emprestando ao ambiente sacro, uma sensação de verdadeiro sentimento divino.



DE RÁDIO

GUARACY

UM EXPOENTE DO RÁDIO



PAULO Pôrto é um ator de inegáveis qualidades, trabalhando há muito tempo no sem-fio carioca, onde é um de seus nomes respeitáveis, por se tratar de um rádio-ator sóbrio, que muito se vem destacando na Rádio Tupi, onde milita há bastante tempo. Nas suas interpretações ao microfone, Paulo Pôrto consegue oferecer sempre um trabalho sincero, defendendo os papéis mais importantes. Atua também na Televisão Tupi, interpretando papéis de grande composição artística, como, por exemplo, em «Romeu e Julieta», que também fêz no palco com muito agrado, ao lado de Sônia Oiticica, que hoje se encontra na Companhia Dramática Nacional, atuando ao lado de Sérgio Cardoso, Nídia Lícia, Renato Restier, etc. No cinema brasileiro figurou em diversos filmes com destaque, como «Dominó Negro», «O Milagre do Amor», «Asas do Brasil» e outros.

● **Mary Gonçalves e Bill Far romperam o noivado, depois de um namôro de 3 anos. Mary está atuando no elenco de Carlos Machado, tendo um dos principais papéis de «Cherchez La Femme», que está em cartaz na «Boite Monte Carlo», embarcará, possìvelmente, em novembro para a Argentina, onde pretende fazer um filme. Bill Far continua fazendo parte do «cast» da Rádio Nacional.**

Foi premiado como um dos vencedores do concurso de músicas juninas, promovido pela prefeitura, o veterano cantor da Rádio Nacional Albertinho Fortuna.

Por um lapso saiu em uma de nossas notas, que o título do novo programa de Aloísio Silva Araújo era «O Sheriff 29», ao invés de «O Sheriff 23».

A Rádio Globo está apresentando o programa «Conversa do Tio Álvaro», que tem a participação de Alvaro Moreyra e Raul Brunini e é irradiado tôdas as noites às 22,10 horas.

Às segundas, quartas e sextas-feiras, às 9 horas, é transmitido o Concurso de Divulgação Científica, sob a direção do professor Aluízio Melo Leitão.

● Com a ida de César Ladeira para São Paulo, ocupa o seu lugar ao microfone da Rádio Nacional, o locutor José Renato, que o faz tôdas às vêzes que o espôso de Renata Fronzi se ausenta. Assim, José Renato está lendo todos os dias a «Crônica da Cidade», que é transmitida às 13 horas, além de narrar «Viva a Marinha», às têrças-feiras, às 20,35. José Renato também substitui Álvaro Aguiar, que se encontra excursionando, «O Rio é do Barulho», sendo o narrador oficial de «Um Programa Bayer», «Clube do Caçula», «A Música e a Inspiração» e «Uma Estrêla ao Meio-Dia». É também o secretário do «Consultório Sentimental».

● Ao que soubemos, Fausto Serpa deixará, mesmo, a Rádio Jornal do Brasil, estando em primeiras conversas com a Rádio Mayrink Veiga. Além de Fausto Serpa, parece que outros o acompanharão, como Teófilo de Vasconcelos e outros elementos da equipe. Uma coisa está resolvida, a saída definitiva de Fausfo Serpa, enquanto os outros elementos ainda se encontram no terreno das cogitações. Com a perda dêstes, a Rádio Jornal do Brasil sofrerá uma queda sensível na parte de publicidade, pois êles são os responsáveis por grande parte da matéria paga da PRF-4.

O NOVO diretor artístico da Televisão Paulista é Gilberto Martins, que antes ocupou o mesmo cargo nas Rádios Mayrink Veiga e Eldorado. A Televisão Paulista conseguiu, desta maneira, um elemento de grande valor, que tirou a Rádio Mayrink Veiga do completo ostracismo em que se encontrava, sem falar da precária situação financeira.

A RADIO RECORD prepara-se para inaugurar, no mês que vem, a sua emissora de televisão, sendo que o comando da mesma será entregue, provàvelmente, a Almirante e Blota Júnior.

O NOVO trio vocal «As Três Marias» é composto das cantoras Edná, veterana integrante do trio e as novas cantoras Consuelo e Maria de Lourdes, estando êste trio fazendo um grande sucesso ao microfone da Rádio Tupi.

«Aquarela Sertaneja» é um programa que tem as interpretações dos artistas Urbano Lóes e Marilena Alves, sendo transmitido pela Rádio Mayrink Veiga com grande aceitação por parte dos ouvintes daquela emissora.

● **O jovem cantor da Rádio Nacional, Venilton Santos, acaba de lançar em gravação mais um samba intitulado «Poltrona Surrada», de Antônio Maria. Venilton Santos lançou anteriormente «Você Vai Ver» e «Nem Eu», de autoria de Dorival Caymmi.**

EM BELÉM, JESUS HÓSTIA



No pavilhão oficial, o sr. Governador do Estado, o representante do Presidente Getúlio Vargas, deputado E. de Campos e outras autoridades



D. Jaime Câmara erguendo a Hóstia Consagrada ao inaugurar-se o VI Congresso Eucarístico Brasileiro.



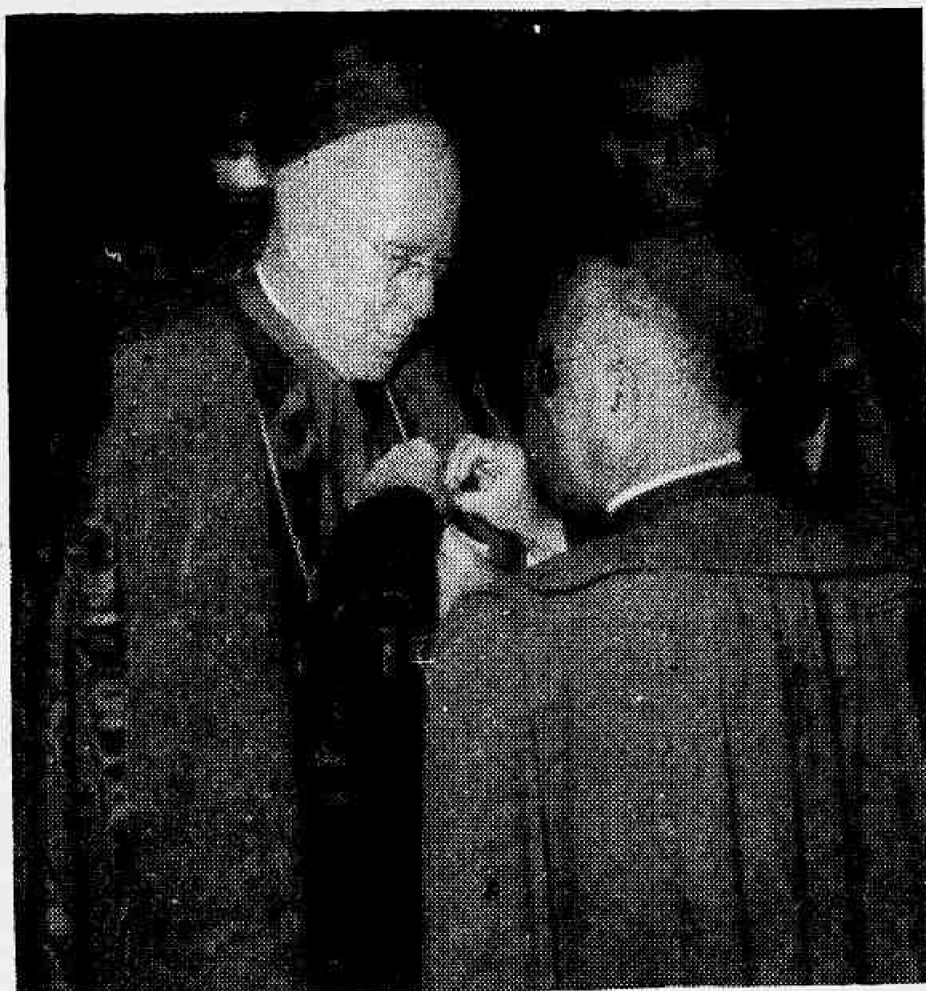
Aspecto da Missa, no momento em que falava D. Vilela, bispo de Petrolina, vendo-se os pagens do Congresso Eucarístico rodeando o Altar.

S. Em.
Praça

O L
cele



S. Em. o Cardeal Arcebispo, D. Jaime Câmara, antes de iniciar na Praça do Congresso a maior missa campal já vista na cidade de Belém.



D. Mário Vilas-Lobos, arcebispo do Pará, condecora o Arcebispo e Cardeal do Rio, D. Jaime Câmara



O Legado do Papa, bispos e arcebispos, na inesquecível missa solene celebrada na Praça do Congresso, em Belém, no Estado do Pará.

DE CINEMA

NEWTON COUTO

HANS CHRISTIAN ANDERSEN

SAMUEL Goldwyn, o descobridor de tantas celebridades, como Will Rogers, Eddie Cantor, Vilma Banky, Ronald Colman, Gary Cooper, Danny Kaye, David Niven, Dana Andrews, Teresa Wright, Joan Evans e Farley Granger, e produtor de filmes, como «Os Melhores Anos de Nossa Vida» (The Best Years Of Our Lives), premiado pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, como o melhor celulóide do ano de 1946, «Pérfida» (The Little Foxes), «O Morro dos Ventos Uivantes» (Wuthering Heights) e «Beco sem Saída» (Dead End), todos sob a direção de William Wyler; «Idolo, Amante e Herói» (The Pride Of The Yankees), dirigido pelo falecido San Wood; «Dodsworth» e «Arrowsmith», acaba de produzir o filme «Hans Christian Andersen», em tecnicolor, baseado na vida do escritor dinamarquês do mesmo nome, cujas histórias constituem a delícia das crianças. O argumento e roteirização é de autoria do cenarista e teatrólogo Moss Hart, autor de várias peças, como «Once In A Lifetime», «You Can't Tak It With You», «The Man Who Came To Dinner», filmada pela Warner Bros, com Monty Wooley no papel principal, «A Thousands Cher», tôdas estas escritas em colaboração, enquanto «Lady In The Dark», «Winged Victory» e «Light Up The Sky», foram idealizadas sòmente por êle.



Danny Kaye, que vive a personalidade do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, e a atriz juvenil Beverly Washburn, que interpreta a garôta Thumbelina no filme «Hans Christian Andersen», produção de Samuel Goldwyn, distribuída pela RKO.

● A direção musical coube a Frank Loesser, autor de êxitos como «Praise The Lord And Pass The Ammunition», «On A Slow Boat To China», «A Bushel And A Peck», «Small Fry», e «Baby, It's Cold Outside», que ganhou o prêmio da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, em 1949. Para «Hans Christian Andersen» escreveu as seguintes composições: «No Two People», «Wonderful Copenhagen», «Thumbelina», «The Ugly Duckling», «Anywhere I Wander», «Inch Worm», «The King's New Clothes» e «I'm Hans Christian Andersen». Atualmente Frank Loesser é representado na Broadway com o «score» musical da revista «Guys And Dolls». Encarregou-se da fotografia, Harry Stradling, que foi premiado pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, pelo seu trabalho em «O Retrato de Dorian Grey» (The Picture Of Dorian Grey), em 1945, destacando-se outras películas como «Carnival In Flanders», «Pigmalião» (Pygmalion), aquêle excelente filme dirigido por Anthony Asquith e cujo argumento e roteirização era do grande diretor David Lean; «Estalagem Maldita» (Jamaica Inn), com Charles Laughton e onde estreava no cinema Maureen O'Hara; «A Comédia Humana» (The Human Comedy), baseado na novela do mesmo título de William Saroyan, com Mickey Rooney no principal papel; «Uma Rua Chamada Pecado» (A Streetcar Named Desire), que deu o prêmio da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, em 1951, respectivamente, a Vivien Leigh, Kim Hunter e Karl Malden, êstes dois como coadjuvantes; «Valentino» (Valentino), «Androcles e o Leão» (Androcles And Lion), «I Want You», e «My Son John», ainda inédito entre nós.

● A cenografia contou com a colaboração de Richard Day e Antoni Clavé. O primeiro premiado seis vêzes pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, pelos seus filmes «Dark Angel», 1935, «Dodsworth», 1936, «Como Era Verde o Meu Vale» (How Green Was My Valley), 1941, «Isto Acima de Tudo» (This Obove All), prêto e branco, «My Gal Sal», em tecnicolor, 1942, e «Uma Rua Chamada Pecado» (A Streetcar Named Desire), 1951. Antoni Clavé se incumbiu das maquetes e Richard Day da construção dos cenários. Roland Petit, que entusiasmou ao público com as coreografias de «Carmen», em 1948, e «The Diamond Cruncher», em 1950, é o coreógrafo de «Hans Christian Andersen», sendo também o fundador da companhia «Les Ballets de Champs Elysees», de onde saíram a estrêla da Metro Goldwyn Mayer, Leslie Caron, que apareceu em «Sinfonia de Paris» (A American In Paris), e a protagonista de «Hans Christian Andersen» — Jeanmaire. O realizador de «Gilda» (Gilda), «A Noite Sonhamos» (A Song To Remember) e «Modelos» (Cover Girl), dirigiu «Hans Christian Andersen», figurando nos principais papéis Danny Kaye, responsável por interpretações muito boas, como «Sonhando de Olhos Abertos» (Up In Arms), «Wonder Man», «The Kid From Brooklyn» e «The Secret Life Of Walter Mitty»; Farley Granger, que apareceu em «Our Very Own», «Encantamento» (Enchantment) e «I Want You», e que aparecerá em «The Full House», da 20TH Century Fox, ao lado de Jeanne Crain, e «Small Town Girl», da Metro Goldwyn Mayer, ao lado de Jane Powell; Jeanmaire, Joey Walsh, John Qualen, que teve dois grandes desempenhos nas peças «Street Scene» e «Counsellor At Law», quando de sua atuação nos palcos da Broadway; e Erik Bruhn.

DICK POWELL, DIRETOR

Só mesmo um ator de talento e de experiência à tôda prova teria passado pelas transformações que têm marcado a carreira de Dick Powell. Depois de dez anos de atração como galã de filmes musicais, cantando e dançando, sentiu que o gênero se esgotava para êle e resolveu mudar de rumo. Adotou, então, um estilo bem diverso e fêz vários filmes policiais nos quais se destacou pela fôrça expontânea de suas interpretações. Experimentou, depois, a comédia leve e romântica, onde demonstrou novas qualidades. Dick Powell, com a experiência adquirida em anos de trabalho nos «sets» resolveu agora mudar de profissão . . . passar de ator a diretor. Aceitou a proposta que a RKO lhe fêz recentemente para dirigir «Suplício de um Condenado» (Split Second), uma moderna aventura, com inúmeros momentos de «suspense», tendo como principais intérpretes Stephen McNally, Alexis Smith, Jan Sterling e Keith Anders. A sua estréia na direção foi um sucesso, muito elogiado pela crítica. Dick já se prepara para dirigir sua segunda película — «Stage Door», cuja candidata ao papel principal é June Allyson, sua espôsa na vida real. Seu último filme como ator foi, «Assim Estava Escrito» (The Bad And The Beautiful), recentemente exibido.



O sr. Antônio Sanchez Larragoiti Júnior, quando pronunciava sua veemente oração, por ocasião da entrega do Prêmio Sul América

O professor Genival Londres, em nome da Comissão Julgadora, falou das altas finalidades, educativas e culturais do referido certame.

CONCURSO DE MONOGRAFIAS SÔBRE O CÂNCER

AS COMPANHIAS "SUL AMÉRICA" CONTINUAM PREMIANDO OS VENCEDORES DOS CERTAMES DE CARÁTER EDUCATIVO, CIENTÍFICO E CULTURAL ★ OS CONTEMPLADOS.

EM SOLENIDADE presidida pelo ministro Vicente Rao, na Sala de Leitura da Biblioteca do Palácio do Itamarati, foi feita a entrega do Prêmio instituído pelas Companhias Sul América e conferido pelo Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, aos drs. Francisco Fialho, Osolando Machado e Emanuel Rebêlo, por seu trabalho «Hiperplasias e Neoplasias dos Órgãos Linfapoéticos», no concurso de monografias sôbre o câncer. À cerimônia compareceu grande número de cientistas e intelectuais, tendo sido entregue o «Prêmio Sul América», no valor de Cr$ 50.000,00, pelo ministro Vicente Rao, que, na ocasião, pronunciou breve e eloqüente oração. Falaram ainda, o sr. Antônio Sanchez Larragoiti Jr., vice-presidente da «Sul América», o prof. Genival Londres, pela Comissão Julgadora, e, pelos premiados, o sr. Francisco Fialho.



O ministro Vicente Rao, que presidiu as solenidades, entre os srs. Antônio Sanchez Larragoiti Jr., prof. Lourenço Filho, e os laureados com «Prêmio Sul América», drs. Osolando Machado, Emanuel Rebêlo e Francisco Fialho.

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● **SÔNIA — (Belo Horizonte)**

2º SONHO — Estava num teatro enorme para assistir a um espetáculo. A platéi estava repleta, lotada de pessoas estranhas. Em dado momento, levantou-s alguém e anunciou que eu ia cantar. Levantei-me cheia de indecisão e pergunte quem me acompanharia. Então, uma moça minha conhecida se levantou e s ofereceu para me acompanhar. Houve um verdadeiro delírio na assistência Mas, qual não foi o meu desapontamento, ao sentir que minha voz saía rouca desagradável e que, no fim, não recebi nenhuma palma!

INTERPRETAÇÃO — Muitos têm sido os pensadores que compararam o mundo a um vasto **picadeiro**. Picadeiro é um palco de grandes dimensões e que leva sôbre os outros a vantagem de ser mais simples, menos ornado de ilusões óticas e mais humanizado. Por essa notável comparação, de uso tão comum, é que sonhamos com teatros, circos de cavalinhos, jogos de cena, passagens dramatizadas da vida e, não raro, nos vemos desempenhando papéis que, na vida real, gostaríamos de representar (seu número de canto). Mas, quantas vêzes temos a tristeza de ver que, apesar de nossos esforços, não conse guimos chamar a atenção do mund sôbre nós (. . . e não recebi nenhum palma). Ainda mais, a arte nos de lumbra (canto) e nosso cérebro gost de devanear, fazendo de nós person gens fabulosos . . . Você não pôde fug a êsse fato tão comum, principalmen em pessoas inteligentes e de granc vivacidade como deve ser você, a acr ditar na grafologia, pois sua letra r revela uma mulher vibrátil, enérgica de caráter forte. Seu primeiro sonh já foi respondido, Sônia. Sempre ordens.

● **CI — (Rio)**

SONHO — Estava, com minha irmãzinha na casa-de-campo de uma amiga (voc Maria Paula), ambas hospedadas num quarto separado do resto da casa por u pátio. Alta noite, ouvimos um grito desesperado e saímos para o pátio cheio d gente: era uma mulher do povo que bradava a altas vozes que a filha fôr raptada por um soldado. Embora fôsse noite, havia muita claridade; e eu, obse vando detalhes do ambiente disse a alguém: — Exatamente como na peça «A Ca de Bernarda Alba». Voltei para junto de minha irmãzinha, mas, ao fim de cer tempo, achei que devia, como tôdas as outras pessoas, ficar com os donos d casa; entretanto, ao atravessar o pátio, vi um homem vestido como um mendig aproximar-se do quarto onde ficara minha irmã; corri para êle, que, ao ver minh atitude, explicou: — Ora! Eu não sou criminoso; sou empregado da casa, e vo levando o café. Nisso, minha amiga se aproximou e eu expliquei que não tinh ido fazer-lhe companhia por não poder deixar só a minha irmã. Ela responde incisivamente, sem a doçura que lhe é peculiar: — Não era preciso.

Sùbitamente, vi-me numa estrada, por onde vinha uma grande boiada; algu animais estavam deitados, repousando, à margem do caminho, e quase todos era ...dos de prêto e branco. Ouvimos (minha irmã e minha amig estavam comigo) um barulho como de um tiro; no fim da estrada, um home golpeava um boi e um cavalo. Sabíamos tôdas que isso poderia provocar um revolta de todos os animais, e eu disse: — Dizem que a lua de agôsto é qu provoca loucuras; ainda não é agôsto, e todos parecem doidos. Nesse instant o chefe do lugar, que eu não via, nem sabia quem era, impôs ordem; e de u minuto para outro, num aparato que, no meu sonho, significava uma espécie d repressão policial, a estrada ficou inteiramente cheia de velas acesas, velas d altura de um homem, enfileiradas como postes; todos os animais se aquietaran Ao querer aproximar-me para não cair, segurei, sem querer a orelha de um grande vaca preta; assustei-me, mas ela não se mexeu, limitando-se a olhar-m humildemente; essa orelha, em vez de ser peluda, era de tafetá prêto.

Na confusão, minha irmãzinha tinha ficado do outro lado da estrada. Disse minha amiga: «Chame o seu guia para tomar conta dela». Em vez de atravess a estrada para ir encontrá-la, começamos a descer para dar a volta; era u caminho circular e em declive, largo e de terra vermelha, aberto num jardi margeado de roseiras. Minha amiga me disse: — Você me pediu para chamar guia. «Viu o sorriso de sua irmã? Ela está com uma nostalgia!». De onde est vamos, eu não via mais a estrada, nem os animais, e pelo silêncio, me parec que estávamos indo para longe, deixando sózinha a minha irmãzinha. Olhei pa minha amiga e me surpreendi vendo-a muito magra, com o nariz e os lábi inteiramente azúis. E acordei.

INTREPRETAÇÃO — As casas, os templos, simbolizam a personalidade, como muitas vêzes já tenho escrito, aqui. A casa-de-campo, pela sua vida mais pacata e mais simples, constitui uma espécie de mansão para onde fugimos da agitada e trepidante vida das capitais.

Por transferência você, que já deve ter alargado bastante a «vista» interior e possuir maior capacidade espiritual, emprestou a casa-de-campo a mim, sua amiga . . .

É bem patente que, ainda se acha um pouco afastada da sua verdadeira posição na vida (quarto separado da casa).

Você tenta sufocar os anseios de liberdade (filha rapitada) e pouco ou nada consegue (grito de mulher), porque a sua personalidade, sem a devida resignação lhe tira a paz interior (soldado). Você deve possuir uma memória apreciável e ser algo impressionável (exatamente, como na peça . . .).

Sua preocupação por sua irmã é alguma coisa de fora do comum (correr ao encontro do mendigo) e você se julga na obrigação moral de protegê-la e auxiliá-la em tudo (ao ver minha atitude) — que com certeza não muito tranqüila . . . Novamente, em seu sonho você faz outra transferência: a da vontade de ser mais enérgica, para sua amiga (resposta de Maria Paula: Não era preciso). Felizmente você, que se manteve no anonimato, deve me conhecer bastante . . . (doçura que lhe é peculiar) e não acredita fôsse eu capaz de ser ríspida com **hóspedes** meus . . .

Os animais, quer domésticos, qu selvagens, são representações simbó cas, nos sonhos, de nossas tendênci anímicas; assim os bois que são ch mados de pacíficos e pacientes anima (boiada), deixam-me ver sua naturez acomodada e sensível. Entretanto f se necessário um sinal de alerta (tir para chamar sua atenção sôbre alg bastante sério e, talvez de certa gr vidade (homem golpeando um boi um cavalo) que lhe está preocupand sèriamente (boi golpeado) e, cuja pre cupação venha de um certo modo enfr quecer-lhe o físico (cavalo golpeado Sua natureza é estranha; no mesm instante em que pretende se revolt (temor de que os animais se revolta sem), seu **Eu Superior** (chefe do lug impôs ordem) toma a direção e co segue dominar e acalmar seus arroub de insubmissão.

Você consegue pacificar sua al (todos os animais se aquietaram) entr gando-se a um grande amor . . . (vel acesas do tamanho de um homem); ma temendo que algum vexame lhe poss vir, tenta se apoiar (segurar na orelh da vaca) em suas íntimas convicções sociais e relogiosas. Finalizando se sonho, quero chamar-lhe atenção par o consôlo que você deve sentir e «conversar» com o **Guia** de sua amig (. . . pelo silêncio), mas vejo que é com algum sacrifício ou com perda d energias, que ela lhe satisfaz o desej ao receber o **Guia** (magra, nariz e lábios azúis), muito embora seja u bálsamo para os corações bem formados poder dar alguma coisa **de seu** aos que a isto solicitem . . .

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

UM AUTOR:

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA



SÉRGIO Buarque de Holanda está entre os nossos escritores que acabam de completar meio século. Tal data seria penosa de recordar em outro caso que não o de Sérgio, cuja obra responde por uma vida fecunda e muitos anos de significativo labor, tendo êle, muito recentemente publicado uma obra de crítica das mais ponderáveis, no gênero: « Cobra de Vidro ».

Conhecemos Sérgio Buarque de Holanda dos dias agitados do modernismo, quando êle surgiu como das expressões mais vigorosas do movimento renovador. Entretanto, êle veio trazer uma palavra nova, apresentada nas páginas da famosa e efêmera «Estética». Lendo seus artigos daquela época, podemos apreciá-lo como um jovem Júpiter, tentando dar ordem ao caos. Realmente, as virtudes de equilíbrio que caracterizam sua crítica já se acentuavam, naquele tempo, a par do sentido de humor que realça os conceitos e dá permanente juventude ao mestre de «Mosaico» — obra de ensaios literários dos mais sérios e penetrantes que já se escreveram no Brasil.

Autor consagrado por sua obra principal — «Raízes do Brasil» — livro indispensável ao melhor conhecimento de nossa formação, o atual diretor do Museu Ipiranga está entre nossos autores de real importância e cujos livros não perdem de valor com o passar dos anos. Nossa história literária, nos últimos vinte anos, pode ser reconstituída através de seus artigos de crítica e de seus livros publicados, tanto pela segurança dos conceitos, como pelo estilo pessoal e forte do autor, nunca esquecido de que a primeira virtude do crítico é justamente escrever bem.

UM ROMANCISTA

Nilo Bruzi, que vem de escrever um livro sôbre o esquecido romancista Lindolfo Rocha, acaba de oferecer à Biblioteca Nacional quase tôdas as obras do escritor, a saber: «Iacina», e «Maria Dusa», romances. «O Pequeno Lavrador», novela em dois volumes; fascículos de matéria jurídica e folhetos escolares, todos verdadeiras raridades bibliográficas. Sòmente não pôde ofertar o volume de versos «Bromelias», com o qual Lindolfo Rocha estreou, porque o único exemplar que obteve foi por empréstimo, de Homero Pires.

FORA DO PRELO

● A PRINCESA E PETRÓPOLIS — No momento mesmo em que retornam ao Brasil os restos de sua grande Princesa, Isabel, a Redentora, aparece esta obra do sr. Guilherme Auler, um opúsculo que enfeixa a conferência pronunciada no Museu Imperial, onde focaliza as relações de D. Isabel com a cidade serrana. Obra de evocação, ela nos apresenta a jovem libertadora dos escravos nos seus dias de Petrópolis, encantada com a paisagem da serra e sentindo desenvolver-se nela, no convívio dos alcantis azúis, o sentimento libertador. Tão oportuno êste livrinho como de real interêsse para o historiador que melhor poderá rastrear, com êle, a vida dessa magnânima Princesa de que ainda não se esqueceu a biografia.

● O COMANDO DE CAXIAS NA GUERRA DO PARAGUAI — Por menos que pareça, ainda estão menos esclarecidas várias de nossas questões históricas pertinentes à guerra do Paraguai. Só agora, começa-se a iluminar alguns de seus pontos mais importantes, tal o do comando de Caxias. Esta conferência do coronel Hugo Silva, pronunciada em Curitiba, agora aparecida em volume, muito esclarece sôbre o importante assunto.

● DICIONÁRIO BIOGRÁFICO MATO-GROSSENSE — Obras como esta deviam aparecer em várias regiões do país, por tal forma juntam ao conhecimento geral e ao melhor estudo da sociedade brasileira em seus ambientes vários. Êste abundante «Dicionário Biográfico Mato-Grossense», além de seu copioso repositório de informações, apresenta um prefácio de Dom Aquino.

● ROSAL DE RIMAS — O nome já está indicando que Alcides Ferreira, autor dêste «Rosal de Rimas» é um romântico e um tradicionalista do verso. Seus poemas, enfeixados neste volume, dizem bem dessas qualidades.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

CASSIANO NUNES acaba de publicar um vivo e interessante estudo sôbre o poeta Vicente de Carvalho. Trata-se de uma conferência, agora publicada em livro, na qual o jovem ensaísta de Santos traz à luz do dia a grandeza e a personalidade do autor dos «Poemas e Canções».

O TEATRO BRASILEIRO dè comédia prossegue na sua rota vitoriosa, apresentando espetáculos de primeira qualidade. Atualmente está em cena «Na Terra Como no Céu», moderna tragédia de Fritz Hochwalder, sob a direção segura de Luciano Salce. A tradução coube a Brutus Pedreira, o cenário a Mauro Francini e os figurinos a Aldo Calvo.

O MUSEU DE ARTE MODERNA inaugurou, com a presença do governador do Estado, uma exposição das obras e inventos de Leonardo Da Vinci. O mesmo Museu está apresentando uma série de pinturas do conhecido regente e artista plástico Zacharias Autuori.

DULCE CARNEIRO, a poetisa que viajou recentemente para Paris, será uma das próximas editadas pelo Clube de Poesia. Seu livro tem o título: «Além da Palavra».

OUTRA ESCRITORA será editada, dentro em breve, pelo Clube de Poesia. Trata-se de Christina, atualmente uma das melhores cronistas de São Paulo, e que pretende coligir diversas crônicas num volume que se chamará: «Estrêla Apagada». A crônica, para Christina, está muito próxima da poesia. Seu talento é incontestável. Alguns trabalhos de «Estrêla Apagada» se aproximam do poema em prosa, justamente naquilo que o poema em prosa tem mais belo e de mais característico como gênero literário.

UM LIVRO:

"Flor silvestre"

NÃO sabemos se Nilo Bruzi, poeta e ensaísta, com uma extensa e significativa bibliografia, já fêz anteriormente alguma incursão pelo mundo do romance. Diante dêste, «Flor Silvestre», temos a impressão de que estréia no gênero, com a curiosidade de tentar a ficção, mais por diletantismo do que por convicção. Ora, se todo homem pode escrever um romance, mais naturalmente um escritor tem direito de fazê-lo — o seu próprio romance. Com isto, por certo, não queremos dizer que Nilo Bruzi tenha se biografando nesta história, não o fêz mesmo. Sua contribuição pessoal ao entrecho permanece na periferia, com crônica de uma época, a evocação dos dias de Alvear e do Assírio, no depois da Primeira Guerra Mundial, de que nos dá excelentes quadros, como dos anos do centenário, dos últimos dias, melhor, das últimas noites da velha Lapa. Poderemos encontrá-lo, ainda, no narrador da história, o advogado que trata minuciosamente das questões jurídicas que sucedem no livro. Fora disso, êle se faz mera testemunha do incidente de onde surge o romance e que é, sem dúvida, um núcleo de primeira ordem, embora as deficiências com que está tratado, principalmente de ordem técnica.

Chegados a êste ponto, devemos considerar o livro um romance tècnicamente imperfeito. A narrativa se estende abundantemente sem precisar os caracteres que não são dados ao vivo, porém descritos pelo autor, expostos indiretamente, o que lesa o nosso interêsse e nos tira, a todo o momento, o prazer da descoberta e a atmosfera da ficção. Além disso, querendo fazer um romance «branco», Nilo Bruzi deixou-se levar pelo otimismo e pela simpatia, criando personagens que são modelos de perfeição e que, como as suas mulheres ideais, em geral contradizem a própria crítica do autor, de um incontido misoginismo. Também seu herói principal foge ao plano da realidade romanesca, não sendo essencialmente romanesco-romântico, quando, talvez pudéssemos admitir que se tornasse um sujeito à espécie do Moço Loiro e de outros heróis de nosso romantismo: Nilo Bruzi quer mergulhá-lo na realidade, mas se esquece do claro-escuro indispensável num tal caso e nos apresenta quase um «mocinho» de cinema, sem nenhuma credencial para sua completa aceitação, no banho realista em que o condiciona. Além disso, há uma falta de equilíbrio evidente no romance, pois, nos seus dois terços, é preparação dispersiva para o episódio central. Não vamos dizer que Marta seja um acontecimento impossível na vida real, entretanto, no romance, ela foge a essa realidade própria do romance e nos parece quase absurda, na sua promoção de mocinha do interior que caixeirava no armazém paterno e que chega ao Rio, sem qualquer lastro de educação ou civilização, para conquistar a metrópole e passar a pertencer à mais alta esfera mundana do Rio. Ela apenas se salva em dois momentos da história: quando deixa de assistir à temporada francesa do Municipal, por ignorância do francês e, já nos episódios finais, quando demonstra sua verdadeira natureza, explodindo sua conduta plebéia, o que nos parece também fugir à lógica do tipo antes composto pelo romancista.

Estamos fazendo tôdas essas restrições, dada a responsabilidade do autor, principalmente, e porque o romance valha a pena, pelo caso de que trata. Evidentemente o romance de Nilo Bruzi, tanto por isso, como por se tratar de um livro urbano — em meio de tanto regionalismo fácil e descolorido que prolifera por aí — merece a maior simpatia dos leitores e, por maiores que sejam as restrições que possa lhe opor a crítica, fàcilmente conquistará o público, de acôrdo com o principal objetivo de todos os romances.

O DUQUE DE CAXIAS

LUIS Alves de Lima e Silva, barão, marquês e, finalmente, Duque de Caxias, nasceu com ânimo de soldado, mas com o coração de um apóstolo. Não houve neste país, alma tão sentimental. Os biógrafos que se têm ocupado de sua vida, têm que dividi-la em dois grandes capítulos, cada qual mais cheio de beleza moral e de bravura cívica. O Duque de Caxias, soldado, era enérgico, viril, destemido, severo, impondo disciplina pelo próprio exemplo. Incapaz de uma injustiça, não admitia transigências. Uma ordem tinha que ser cumprida; mas, quando o coração intervinha, o grande soldado se enternecia e encontrava uma variante salvadora, sem quebrar a férrea disciplina, que é a maior arma das fôrças armadas. E' conhecido aquêle caso do capitão Freitas, herói de Itororó e Curupaiti, bravo militar, disciplinado e audaz, a quem o batalhão de artilharia a que servia, tantas considerações dispensava. Certa vez, quando Caxias estava com seu quartel general na chácara do pai de Solano López, já vencida a guerra do Paraguai, escutou vozes exaltadas lá fora, como que discussão violenta, entre militares. Mandou verificar e lhe disseram: «E' um capitão de artilharia, que, tendo pedido licença para ir ao Rio ver a espôsa que está à morte, teve o seu requerimento indeferido». Estava Caxias ainda meditando no caso, quando entra o capitão e, exaltadíssimo, verbera a falta de humanidade para com êle. Fala, veemente, como se estivesse a protestar. Mostra que outros já tiveram licença para ir à Côrte, protegidos por empenhos políticos, enquanto êle, tendo recebido carta da espôsa desenganada dos médicos, rogando que fôsse vê-la pela última vez, não conseguira sair de Assunção. A guerra já estava terminada. Êle enfrentara a morte em batalhas cruentas, recebera condecorações e elogios pela sua bravura e disciplina; mas lhe negavam uma licença justa. Apelou para Caxias. Era êle casado e dedicava extremado amor à espôsa. Que faria se estivesse em seu lugar e lhe negassem uma licença que era mais caridade do que favor de caráter militar? Caxias não deixou terminar seu protesto, interrompendo-o com esta ordem, dita com a mais severa inflexão de voz:

— Retire-se, capitão!

O pobre homem, transtornado, como se houvesse perdido a cabeça, insistiu, alucinado, pedindo a licença. Mas, em vez de seguir para o Rio, foi bater com os costados na cadeia, por ordem do general Medeiros Mallet, e ainda sujeito a Conselho de Guerra, por ato de indisciplina.

Caxias então interveio com a sua tradicional cordura em casos semelhantes:

— Não vê, general Mallet, que o capitão Freitas está com uma terrível perturbação mental? Eu não admito que nenhum oficial do nosso exército falte com o devido respeito ao seu superior. Mas tenha paciência. Êsse está mesmo muito mal do cérebro.

Voltando-se para outro oficial, mandou que providenciasse o internamento do indisciplinado no hospital e o submetessem a exame de saúde.

Os militares do Estado Maior ficaram comentando essa determinação do então Marquês de Caxias. Depois do exame médico, feito naquele mesmo dia, o grande cabo de guerra mandou chamar o insubordinado à sua presença:

— Olhe, capitão Freitas. Sua doença não pode ser tratada aqui. Só mesmo no Rio o senhor poderá cuidar da saúde. Concedo-lhe a licença e vá em paz, e que encontre sua espôsa restabelecida.

● Era assim o grande coração dêsse militar que enfrentou canhões e metralhas, em guerras externas e internas. Sem quebrar a disciplina, achava sempre um jeito de fazer justiça aos que, realmente, a mereciam.

Outra prova do sentimentalismo de Caxias, foi o episódio daquelas jóias que sua espôsa, antes de morrer, deixara a d. Maria José de Siqueira, sua comadre e amiga íntima de d. Ana Luísa Carneiro Viana, duquesa de Caxias. O general, encontrando entre os papéis da morta uma disposição testamentária, oferecendo à sua comadre e amiga d. Maria José uns brincos de esmeralda e brilhantes, não teve coragem de ir levá-los pessoalmente, e mandou entregar uma carta explicativa, confessando-se «cobarde» para cumprir a última vontade de sua espôsa, a companheira de 41 anos de casados. E o grande militar, que nunca tivera receio de nada, sentiu que seus olhos o traíram diante de sua comadre, e as mesmas lágrimas que lhe deslisaram pelas faces a 23 de março de 1874, desceriam em fios irreprimíveis, mostrando o lado fraco de todo homem que ama e é amado. Essa carta, que é um dos mais belos atestados da grandeza de alma de Caxias, está em poder do jurista e homem de letras, dr. Otávio Tarquínio de Sousa, magistrado do Rio de Janeiro.

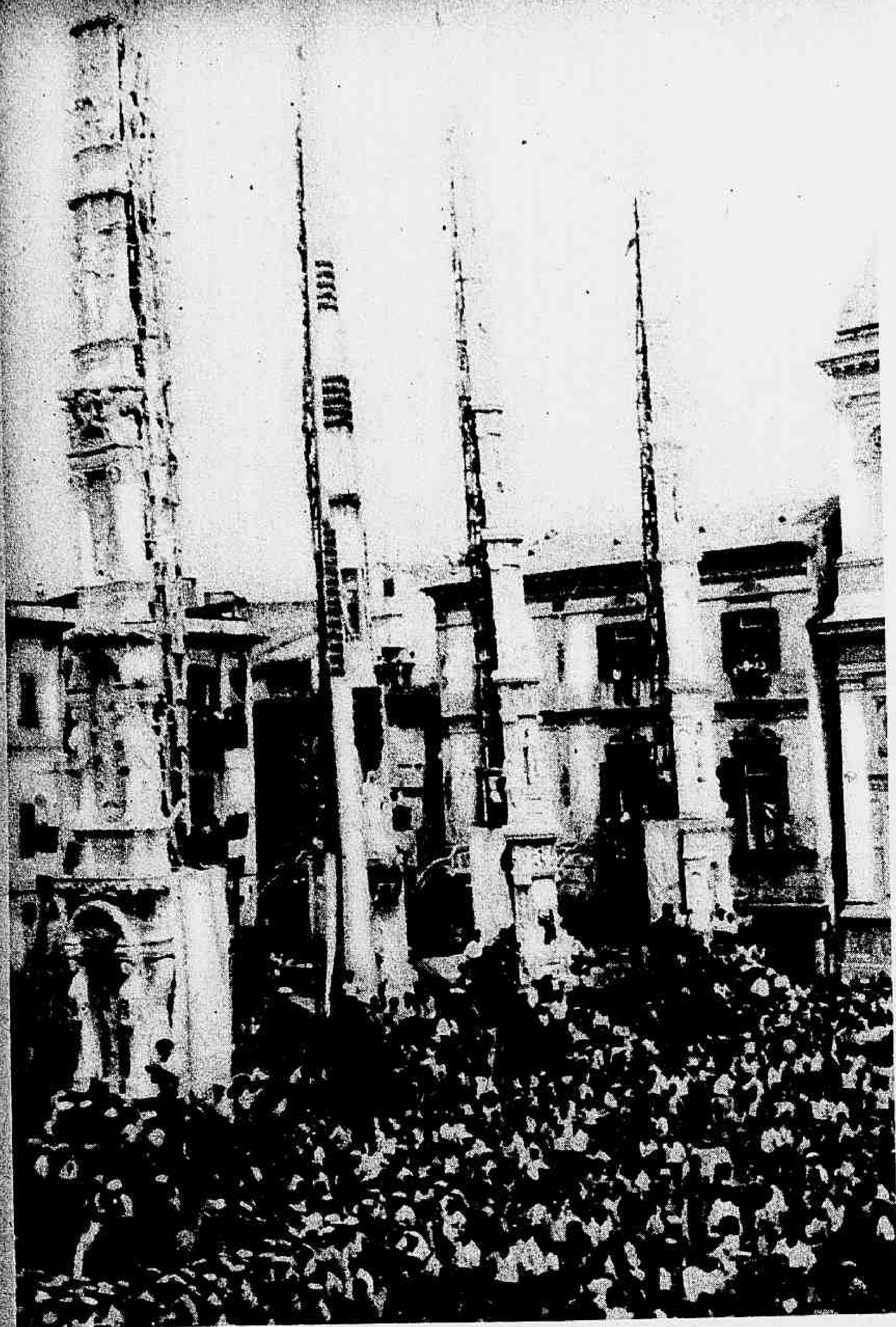
● O nome do Duque de Caxias, porém, ocupa, quase que exclusivamente, as páginas da sua vida como soldado. E a parte política? E' muito grande também, e cheia de pitorescos e episódios admiráveis. A quem se deveu, como contribuição remota, o famoso acôrdo entre Conservadores e Liberais, ao tempo do Ministério Paraná, se não à bravura de Caxias, impondo a paz pelas armas entre as duas fortes correntes político-partidárias? D. Pedro II e o Marquês do Paraná, o grande estadista do segundo reinado, Honório Hermeto Carneiro Leão, foram os executores da «Conciliação»; mas, em verdade, sem a pacificação de Caxias, isso jamais teria sido alcançado. Ainda desta vez se prova que o Duque de Caxias não nascera para político, no sentido comum da palavra. Êle era político, mas na exata expressão do vocábulo. Tendo falecido o Marquês do Paraná, coube ao seu Ministro da Guerra ser escolhido para continuar a obra de Honório Hermeto; mas aí foi que se viu que «a espada de Caxias não tinha partidos».

● Caxias se manteve como chefe do gabinete até 4 de maio de 1857, tendo Paraná falecido no ano anterior. Embora conseguida a conciliação dos partidos, prosseguiam as tricas políticas, os mexericos, as intriguinhas de bastidores, as rasteirices, os fuxicos, falsetas e cambalachos. Caxias não estava habituado a lutar como as rapôsas, e sim como os tigres, a peito descoberto, lealmente, com uma palavra só. E não pôde suportar mais o pântano em que o meteu o imperador, embora com o intuito mais do que justo, de ver um homem do prestígio do seu Condestável na chefia de um Gabinete. Surgindo, porém, as guerrinhas do Prata com os «Colorados» e os «Blancos», encontrou Caxias outros setores onde desempenhar seus deveres de cidadão e de soldado.

Ocorre agora o 150º aniversário de seu nascimento, e a nação inteira se concentra reverenciando a memória de um dos maiores vultos de nossa História social, política e militar. Em sua honra, há no Brasil, três municípios cujas sedes têm seu nome: Caxias, no Maranhão; Duque de Caxias, no Estado do Rio e Caxias do Sul, no Rio Grande. Qual teria sido o motivo por que ainda não se deu um topônimo com o nome de família do grande militar Lima e Silva?

O Duque de Caxias, que nasceu no humilde povoado de Estrêla, Est. do Rio, a 25 de agôsto de 1803.







UMA IDÉIA GENIAL

A encantadora artista Carol Blanchard, residente em Nova York, estava na eminência de desmaiar sufocada, quando a onda de calor invadiu a grande cidade. Que fazer? Recorreu a ventiladores, a refrigeradores e nada. Foi quando teve a genial diéia de meter-se numa banheira em trajes de Eva e, deixando a água correr, ia pintando um quadro representando uma casa de inverno. Diz ela que o processo deu o melhor resultado. Quando não hover água ,a auto-sugestão serve...

JANELA SÔBRE O MUNDO

OS LÍRIOS DE S. PAULINO

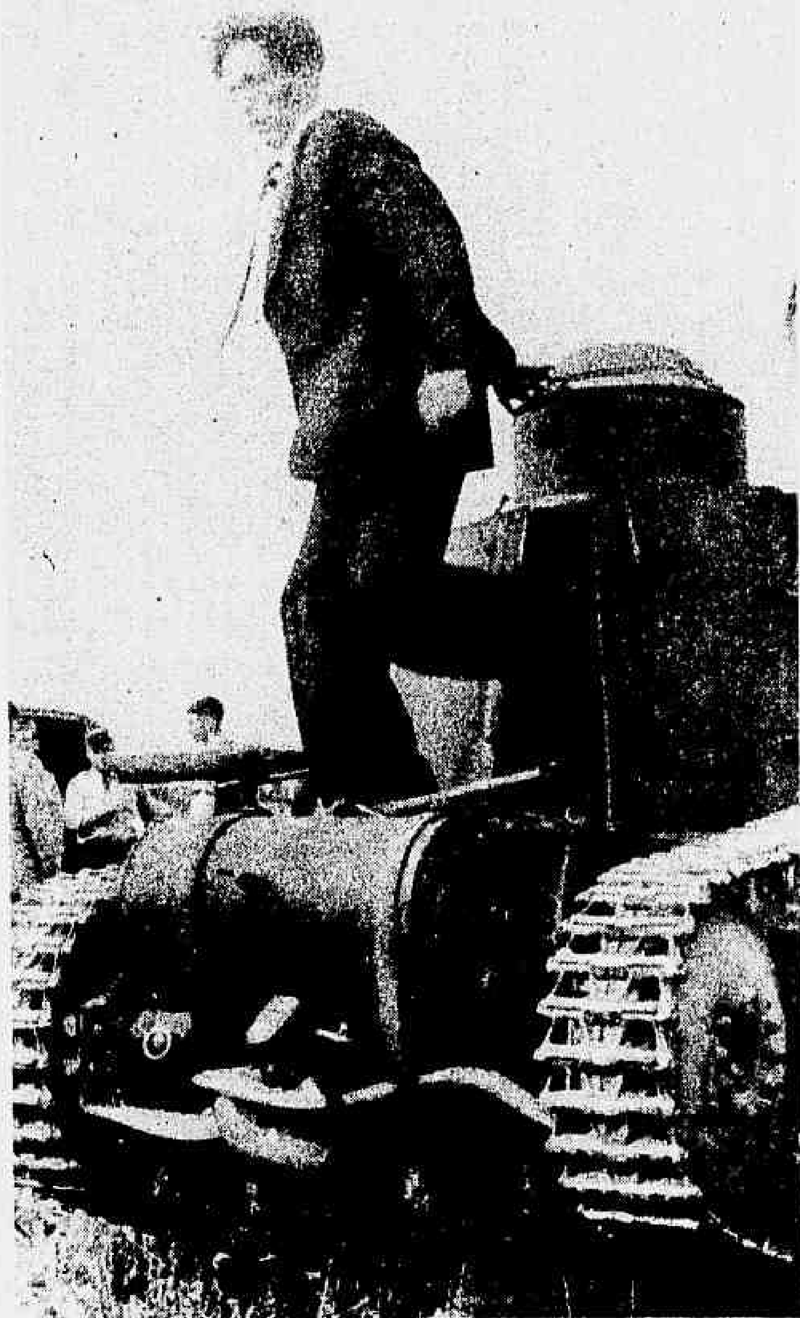
Todos os anos, em Nola, perto de Nápoles, se comemora o dia de São Paulino, com festas que vêm do tempo da invasão dos Sarracenos na Itália. Um prisioneiro de Nola, Paulino, levado para a África, escapou do cativeiro e converteu muitos inimigos. Seus compatriotas lhe ofereceram lírios (gigli). Com a evolução do tempo e a rivalidade, os lírios naturais se converteram nestas tôrres alegóricas que simbolizam lírios. E' uma das mais interessantes e alegres festas da Itália.

★

QUE AZAR!

Phyllis Stanley, uma inglesinha de cabelos vermelhos, trabalhava numa joalharia de Londres. Frank Radtky, americano, a conheceu e se apaixonou. Propôs-lhe casamento. Para que ela se decidisse, êle custeou uma passagem dela da Inglaterra a Chicago, onde conheceria seus futuros sogros. Ela foi. Mas apenas para dizer ao rapaz: «Não quero casar-me com você!» Voou nada menos de 6 mil milhas para dar êste recado desnorteador. O rapaz, ex-soldado, até então não conhecera maior luta...







VERSÃO DO "CAVALO DE TRÓIA"

O sr. Uhlik é tchecoslovaco, mecânico em Pilsen. Tinha imensa vontade de ir viver na Alemanha Ocidental. Mas como romper a cortina de ferro? Então teve esta idéia à Conde de Monte Cristo: coletando, aqui e ali, pequenas peças de ferro e aço, trabalhou durante dois anos na construção de um tanque. Realizado o plano, meteu lá dentro a família e mais alguns «voluntários», no total de oito pessoas e lá se foi êle na casa-volante; transpôs a fronteira e se entregou ao Oeste.

UMA ROSA SÔBRE AS FLORES

Mais de sessenta mil pessoas aplaudiram, a 30 de julho, a maior batalha de flores que já houve em St. Helier, Jersey, Inglaterra. Um cortejo que se estendeu por mais de duas milhas ao longo da praia, provocou os mais quentes aplausos. Encabeçando a procissão de arte e beleza, se via a Rainha da Festa, Treena van Doorne, uma garôta de 17 primaveras. As alegorias eram as mais diversas e coloridas, destacando-se esta moderna Lady Godiva, em seu cavalo de flores.





500 MIL FRANCOS BELGAS

Miss Louise Pearce, co-descobridora da tryparsamide, remédio contra a doença do sono, ao ser recebida pelo rei Baudouin, da Bélgica, para receber o prêmio que lhe coube, no total de 500 francos, valor instituído em 1906 por Leopoldo II, em favor de quem descobrisse um medicamento contra a terrível «doença do sono», que tanto ataca as populações do Congo Belga, Ruanda Urundi e outras zonas africanas. Além do prêmio, foi Miss Pearce condecorada com a Ordem Real do Leão.

CONFORTANDO AS CRIANÇAS

Realizou-se em Edimburgo, Escócia, o magnífico espetáculo denominado «Coronation Ice Cavalcade», de Murrayfield Ice Rink, ainda em homenagem à Rainha Elizabeth II. Mas, como nem todos puderam assistir à festa, inclusive crianças, os realizadores do «show» tiveram a bela idéia de comparecer no «Margaret Rose Hospital», fazendo uma exibição especial para os pequeninos enfermos. Aqui vemos a garotinha Marian Glover entre palhaços, mexendo no «hélicon».

A BEM AMADA

Romance de THOMAS HARDY

TIERA só, a fim de não incomodá-las, e quis deter-se por algumas horas no pôrto vizinho, para dar algumas ordens a respeito do enlace. Mas, como o trem estava na hora de partir, seguiu sua viagem, movido por natural impaciência, resolvendo ultimar seus assuntos por meio de um portador que mandaria da ilha. Passou pelas ruínas do castelo de Tudor, ao largo da feia costa semeada de pedrinhas e recifes que ocultavam o mar, cujo rumor se ouvia em rítmica sinfonia ressoando pela vastidão do mar. Na aldeia de Wells, situado ao pé da costu da ilha, não havia carruagens; por isso Pierston, deixando ali sua bagagem, com ordem para que providenciassem a remessa da mesma depois, empreendeu a velha caminhada a pé, como era seu costume.

A meio caminho do trecho escarpado da costa, viu um vulto parado junto ao precipício. Era a única pessoa que por ali se via. Se bem que a obscuridade não deixasse perceber os rostos, percebeu o escultor que a pessoa que ali se encontrava devia estar precisando de auxílio. Aproximou-se e lhe perguntou:

— Que há, amigo?

— Oh! Nada... não é grande coisa, — respondeu. Apenas acho o caminho muito escarpado até aqui.

A pronúncia denotava não ser o desconhecido um inglês cento por cento. Pensou Pierston que se tratava de algum dos moradores da ilha. Vendo que a voz era juvenil e triste, voltou a perguntar:

— Quer que o ajude a subir até lá em cima?

— Não. Muito obrigado. Estive enfêrmo; mas pensei que já estivesse de todo restabelecido, e como a noite estava linda, vim dar um passeio pelo caminho da ilha. Entretanto, me faltaram as fôrças. Ainda estou fraco, e esta empinada encosta veio apenas provar o quanto ainda estou débil.

— E' verdade. Mas, de qualquer modo, faria você muito bem em apoiar-se em meu braço até chegar ao cume.

O forasteiro assim o fêz, instado por Pierston, e ambos prosseguiram subindo até lá em cima, até que, chegando ao forno de cal que ali havia, o desconhecido largou o braço do escultor, dizendo-lhe:

— Muito obrigado por sua ajuda, cavalheiro. Boa noite.

— Não creio que, pelo acento de voz, seja o senhor natural da ilha.

— Não, não sou. Nasci em Jersey. Boa noite, cavalheiro.

— Boa noite, se está seguro de continuar sua caminhada. Mas, tome esta bengala, que já não preciso dela.

Dizendo isto, pôs Pierston o bastão nas mãos do jovem.

— Repito meus agradecimentos. Recuperarei de todo minhas fôrças, logo que conseguir descansar uns minutos. Tenha a bondade de não deter-se por minha causa.

Ao dizer estas palavras, dirigiu o moço as suas vistas para o sul, onde acaba de acender-se o farol de Beal, ficando a mirá-lo com obstinada firmeza. Como, evidentemente, desejava aquêle jovem ficar sòzinho, continuou Pierston o seu caminho sem mais preocupar-se com o mesmo, apesar do desejo que o desconhecido demonstrou de desvencilhar-se do escultor, desde mesmo que aceitou o amparo de seu braço e sua bengala. Pierston notou que sua companhia não lhe era agradável, percebendo até uma certa atitude brusca e emocional do rapaz. O escultor, que era impressionável desde a mocidade, sentiu tristeza ao considerar que havia gente neste mundo capaz de repelir até sua própria simpatia.

Mas, aproximando-se da casa de sua amada, êsses pensamentos se foram desvanecendo aos poucos. Era aquêle o seu futuro lar, e, talvez, sua última residência na terra, sentindo-se ligado à gleba onde o embalavam tantas recordações da mocidade. Além disso havia sido aquela a casa de seu pai, a casa em que êle também nascera. Pensando nisso tudo, ia fazendo projetos para melhorá-la cada vez mais, sob a direção de Avícia. Maior foi o seu contentamento ao contemplar uma esbelta e formosa jovem, de pé, contra a luz da porta aberta de par em par, e que, sem dúvida, o estava esperando.

— Como pôde adivinhar, minha querida, que eu pudesse chegar agora e não mais tarde? Pois, se eu me houvesse detido na cidade não poderia ter vindo no último trem. Como está sua mãe? Isto é **nossa mãe**, como lhe chamarei em breve — disse Pierston.

Respondeu Avícia, que sua mãe não se achava bem, e temia que houvesse piorado desde seu regresso de Londres, de maneira que se havia visto obrigada a permanecer em sua habitação. A ida a Londres talvez houvesse sido demasiado para ela. E acrescentou: — Mas não quero que saiba que está muito mais abatida, a fim de que não perturbe ainda mais o seu estado e me traga desassossêgo.

Pierston não se achava com bastante disposição de ânimo para discutir o caso e, com ela subiu ao andar superior, a fim de ver a enfêrma. A mãe de Avícia se mostrou muito satisfeita com a presença do escultor, agradecendo-lhe o confôrto de sua vida.

— Que alegria me dá o senhor neste momento! — Exclamou com voz rouca, estendendo-lhe a mão e sufocando um soluço. — Há o amigo sido tão...

Não pôde terminar a frase. A filha se afastou chorando e, bruscamente deixou o aposento.

— Pus o meu coração neste assunto, de tal maneira — continuou ela — que estas últimas noites não tenho podido conciliar o sono, temerosa de morrer repentinamente, antes que ela seja sua, sem o consôlo de vê-los casados. A amabilidade que o senhor me demonstrou em outros tempos, me assegura que minha filha encontrará no amigo um bom espôso, e reconheço que estou ansiosa por isso. Entretanto, a Avícia, não demonstrei ainda que tenha tal pressa.

Continuaram assim conversando, até que Pierston deu as boas noites, convencido de que ela, estimulada pela enfermidade, já não podia ocultar sua alegria de tê-lo como genro. E tudo isso vinha confirmar que o consentimento da filha era mais obediência do que inclinação. Ao descer do quarto da doente encontrou Avícia, que o esperava, e teve êle desejos de saber da moça se, durante sua ausência ocorrera alguma coisa que viesse desassossegar a mãe, a respeito da boda. Mas se deteve, embora pressentisse que o comportamento da filha estava sendo o motivo da inquietação da cardíaca.

Sentando-se o escultor à mesa para cear, procurou com os olhos a sua noiva, que, com êle, entrara na sala de jantar; mas, com surprêsa para êle, já não se achava ali. Recordou haver-lhe dito ela que cearia com sua mãe. Pierston estêve cêrca de meia hora sentado à mesa, servindo-se lentamente da refeição, imerso em funda meditação.

Estranhando não ver a noiva no salão de jantar, e desejoso de saber para onde fôra, levantou-se a seguir em direção à porta. Avícia não se havia distanciado muito dêle, pois permanecia de pé no umbral na mesma posição de quando êle chegou, olhando a luz da lua cheia, que, fazia pouco, surgira acima da linha do horizonte. A jovem demonstrou alguma agitação quando Pierston abriu a porta da sala de refeições.

— Que faz aqui, querida? — Perguntou-lhe.

— Como a minha mãe já está muito melhor e não precisa de mim, estava me preparando para ir ver uma pessoa a quem prometi entregar uma encomenda. E já está passando a hora de ir, pois tendo o senhor vindo ver-me, não quis sair assim. Mamãe não poderia aprovar essa atitude, enquanto o senhor estivesse aqui.

— A quem vai ver? Quem é essa pessoa?

— Está lá em baixo, no caminho. — Disse ela vagamente. — Não é muito longe. Não sou medrosa, e às vêzes saio sòzinha durante a noite, percorrendo os arredores.

Pierston a tranqüilizou de boa vontade, dizendo:

— Se você tem mesmo que ir, e assim é de sua vontade, querida, é claro que nada pode haver que a proiba. Até amanhã não tenho nenhuma autoridade para discutir tais coisas com você; mas, bem sabe que, mesmo que tivesse, não a exerceria.

— Oh! mas o senhor a tem mesmo sem esperar por amanhã, porque, estando minha mãe enfêrma, o senhor ocupa o seu lugar.

— Que bobinha! Vai, minha querida, vai encontrar-te com quem quer que seja, se assim é preciso.

— E o senhor estará aqui quando eu voltar?

— Não. Vou até ao hotel para ver se já mandaram minha bagagem.

— Mas... minha mãe não lhe disse que se hospedaria aqui? O quarto disponível está arrumado para o senhor... Que tonta fui, em não haver-lhe dito isso!

(Continua no próximo número)

Tradução de RENATO DE ALENCAR ★ Ilustração de RAMON

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

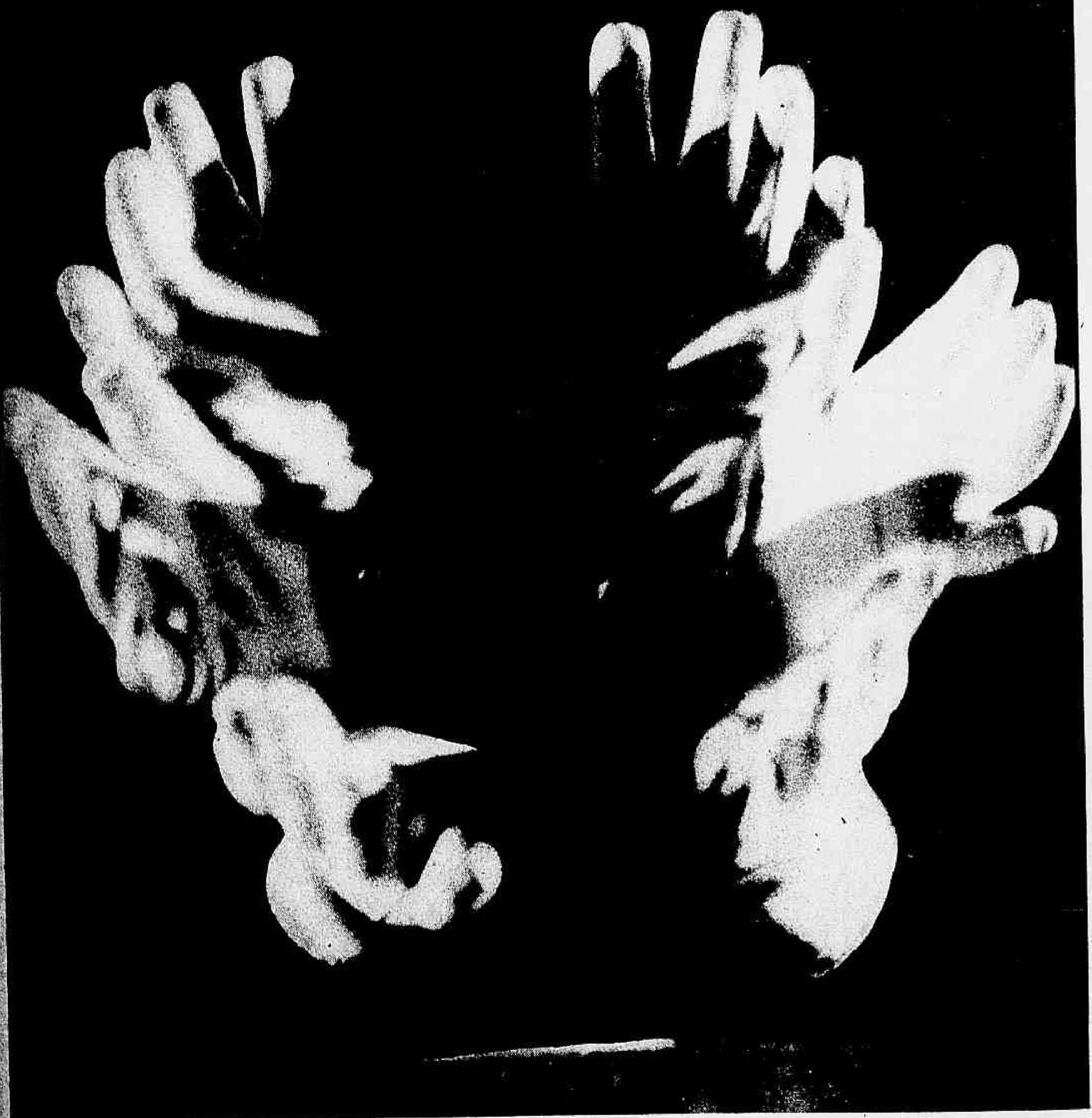
O escultor Jocelyn Pierston, aos vinte anos de idade ficara noivo de uma conterrânea, Avícia Caro. Mas, procurando sempre casar-se com uma jovem que fôsse o tipo de sua Bem-Amada, ser puramente ideal, desfez o noivado. Em Londres, onde vivia, comprometeu-se com outras, não realizando o casamento. O tempo passa. Avícia se casa e tem uma filha. Quando Pierston soube que ela havia morrido, já viúva, corre a visitar-lhe a sepultura. Ao ver a segunda Avícia, se enche de amôres. Estava êle com 40 anos e ela com menos de 20. Faz-lhe a côrte, leva-a para Londres, dá-lhe uma colocação em sua própria casa, fala-lhe em casamento, mas nada consegue. Ela era casada e separada do marido. Pierston a reconduz à ilha natal e consegue a reconciliação dela com o marido. Quando êste chega para viver novamente com ela, vem à luz a terceira Avícia. Pierston empreende viagens pela Europa. Está em Roma, muitos e muitos anos depois, quando recebe carta da segunda Avícia. Enviuvara e desejava vê-lo.Pierston estava com sessenta janeiros. Corre à povoação da ilha e visita a segunda Avícia, quando conhece sua filha, a terceira Avícia, linda e educada jovem de 20 primaveras. Pierston se apaixona por ela. A mãe, sentindo-se doente, tudo faz para que ela se case com Pierston, rico, famoso, um «gentleman». A moça aceita, constrangida, mas não quer desgostar sua mãe num leito de enfêrma do coração, a partir de um momento para outro. Pierston, porém, já desejava desfazer o compromisso. Estava velho.



OITO MÃOS E TRINTA PARES DE LUVAS FAZEM O ESPETÁCULO MAIS ORIGINAL DA FRANÇA ★ AÇÃO, ALEGRIA E TRISTEZA, NUM ESPETÁCULO MUDO ★ REVOLUÇÃO DO SETOR DO "GUIGNOL" ★ UM "BALLET" DE MÃOS ENLUVADAS EM RITMO DE "JAZZ".

Reportagem de **SAMUEL AVERBACH**

Fotos de **ALBERTO FERREIRA**



Meia dúzia de mãos formam uma interessante alga, nas profundezas oceânicas. Reparem que quando esta se movimenta, dá a impressão de estar ao sabor das correntes marinhas.

O «guignol», teatro para crianças, tem sido explorado das formas as mais diversas desde o seu aparecimento, em tempos que já vão longe. Embora constituísse uma arte, o seu estilo era quase sempre o mesmo, pouco tendo progredido através dos séculos. Nos últimos seis anos porém, o «guignol» tem evoluído enormemente, graças aos esforços de uma pequena companhia, que o tornou uma arte excepcional, dadas as modificações inventadas e nêle introduzidas.

Referimo-nos à Companhia Yves Joly que, nesses seis anos, tem recebido verdadeira consagração em diversas partes do mundo, graças às maravilhas que apresenta tendo, como prêmio máximo, recebido uma excepcional distinção no Concurso de Novas Companhias, em Paris.

A Companhia consiste num quarteto, dois casais, que opera sòmente com as mãos calçadas de luvas de côres, as quais variam de acôrdo com os números apresentados. Os quadros assim criados compreendem a burlesque, a comédia, o drama e o «ballet», todos se aproximando bastante do gênero real do teatro.

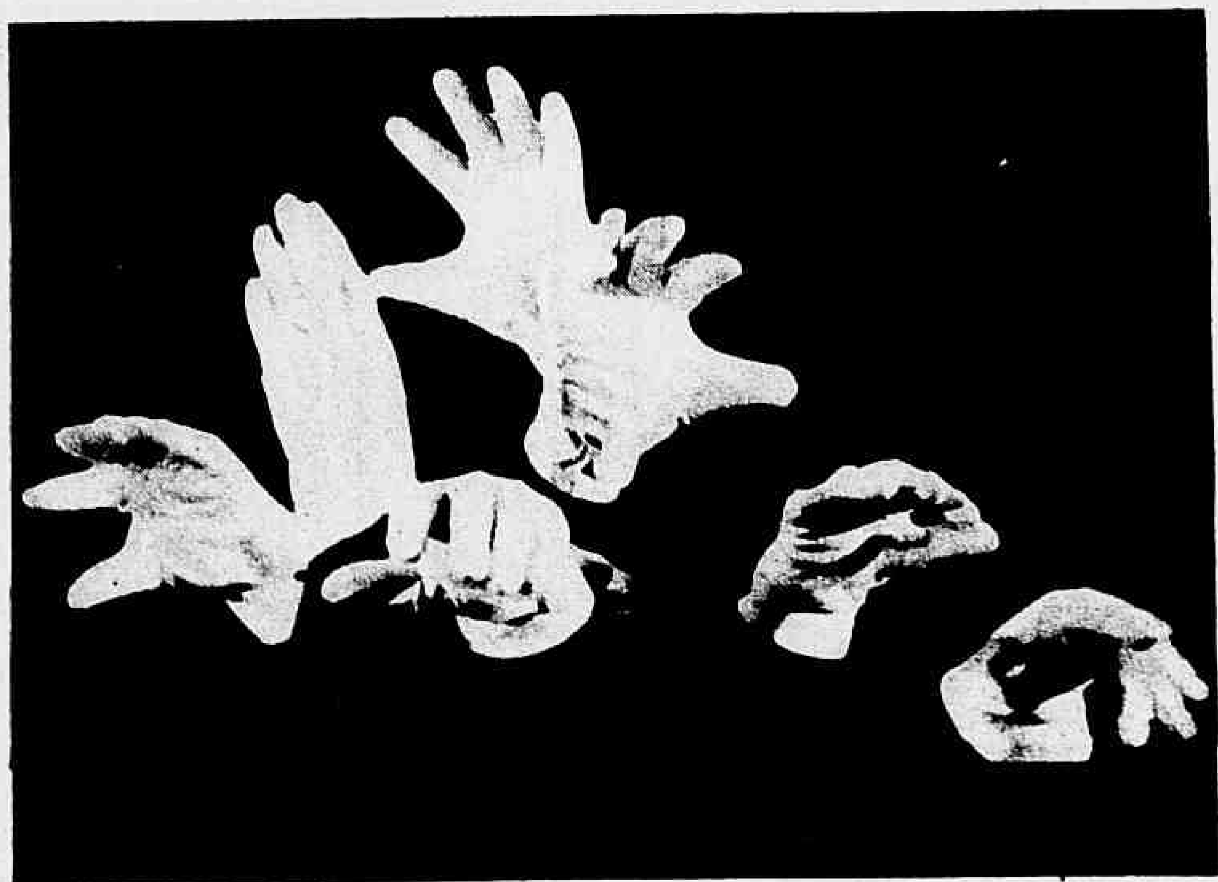
Êsses artistas iniciaram suas representações com bonecos, inventados por Yves Joly e fabricados especialmente para a Companhia, apresentando «sketches» mudos cheios de fantasia, «charme» e humor. Yves é considerado por muitos como o maior comediante clássico da França.

O palco em que o quarteto opera consta de uma cortina de veludo negro, de cêrca de um metro e trinta de altura. As caracterizações vividas por seus dedos são tão positivas que, embora não existam anúncios e haja apenas o fundo musical, os espectadores acompanham todo o desenvolvimento do espetáculo com o mais perfeito entendimento e compreensão.

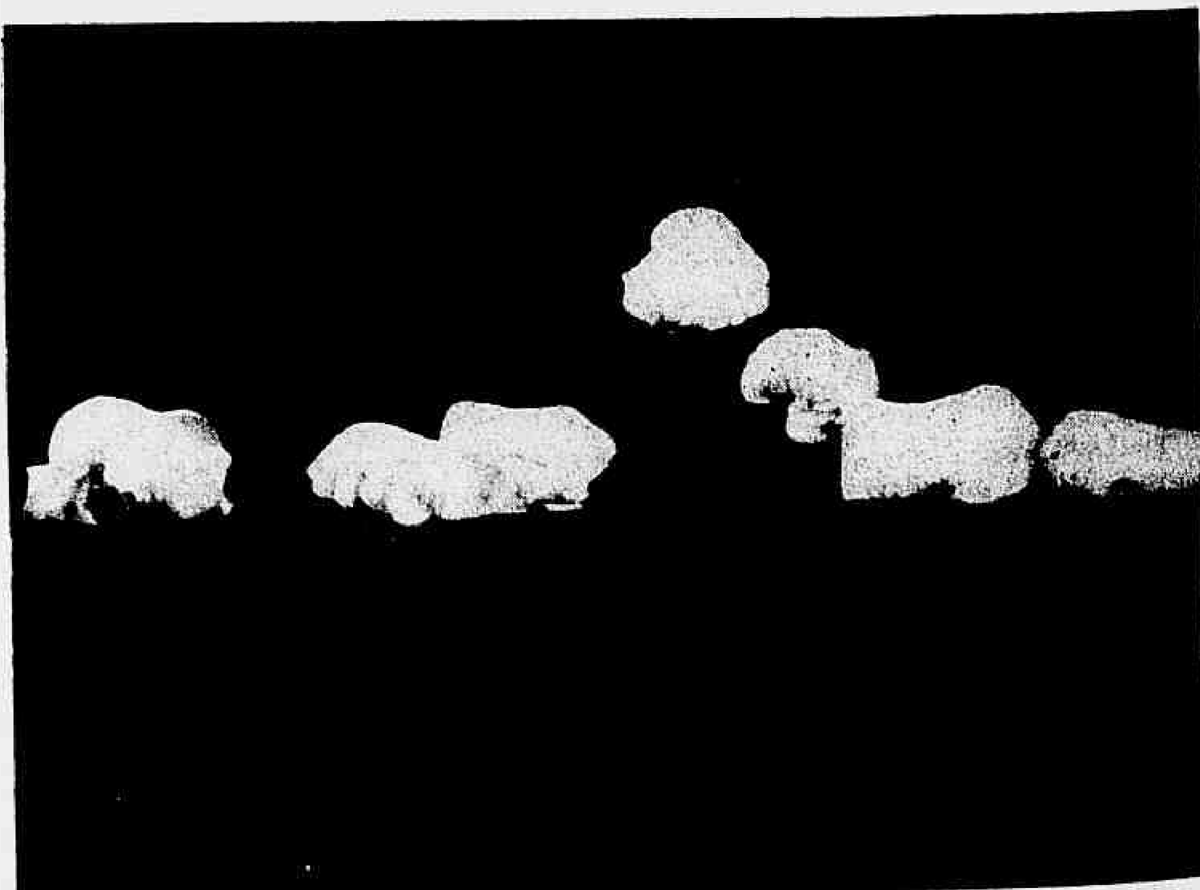
Os manipuladores dessas «mãos de ouro» apresentam seus atos, de pé ou semi-agachados, com os braços levantados acima da cabeça, o que requer bastante resistência e proporciona enorme dispêndio de energias.

(Cont. na pág. 47)

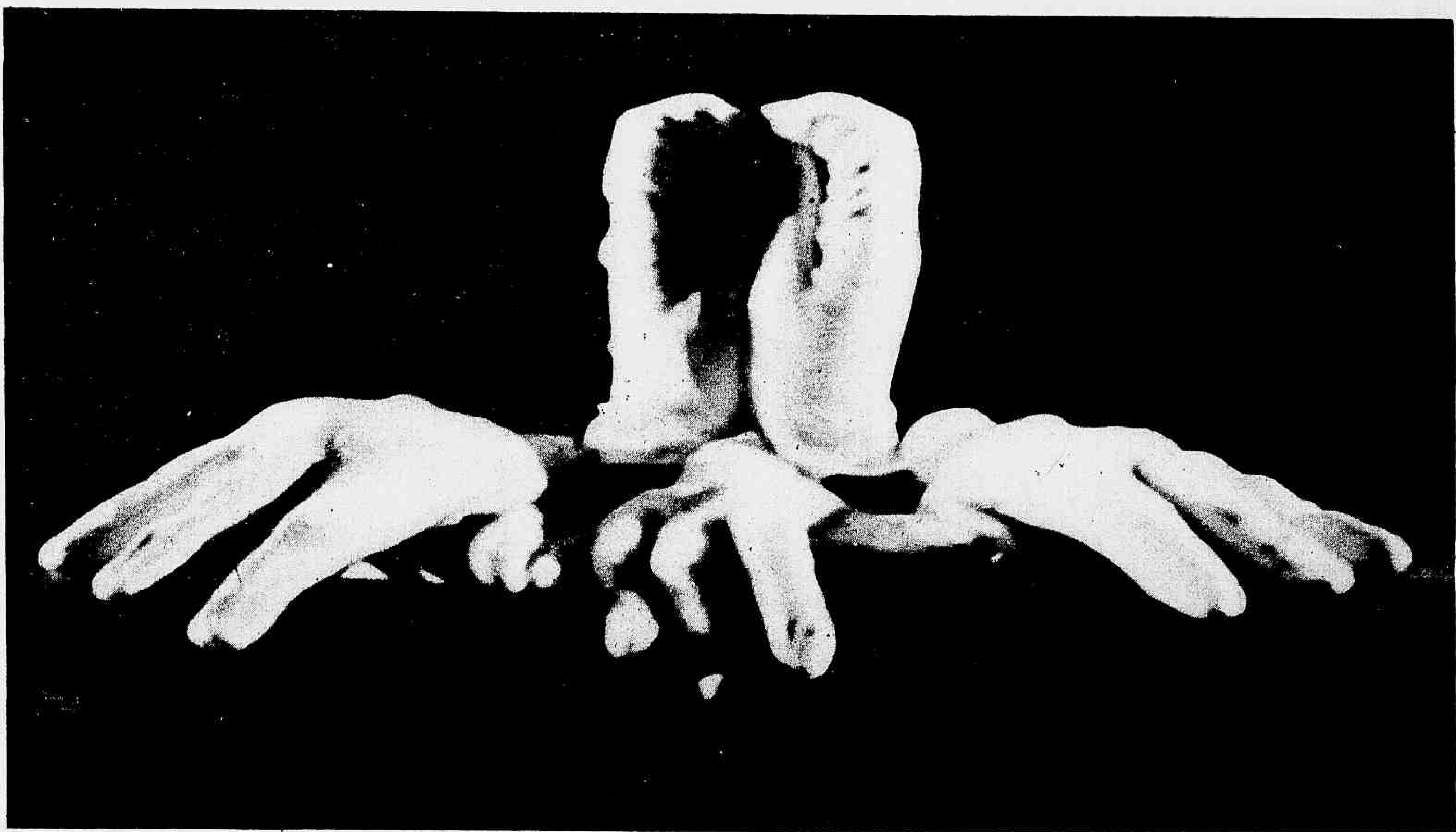
AS MÃOS DE OURO



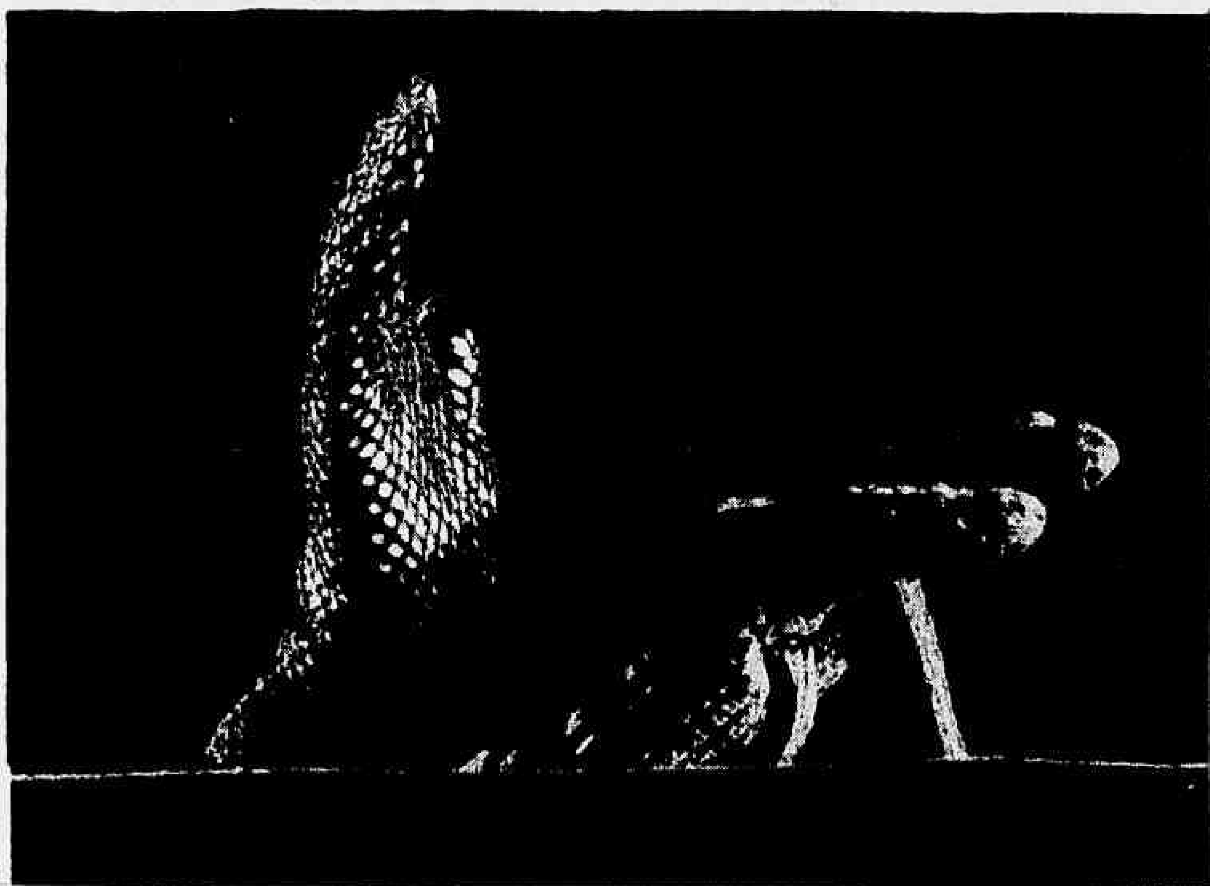
Em «Arabesque», sete mãos entram agora em ação. Notem o perfeito sincronismo entre os dedos bailarinos, em suas inúmeras evoluções.



Estamos no Parque de Diversões. Nossa atenção é atraída para o auto-pista, onde os pequenos carros se chocam constantemente com estrondo.



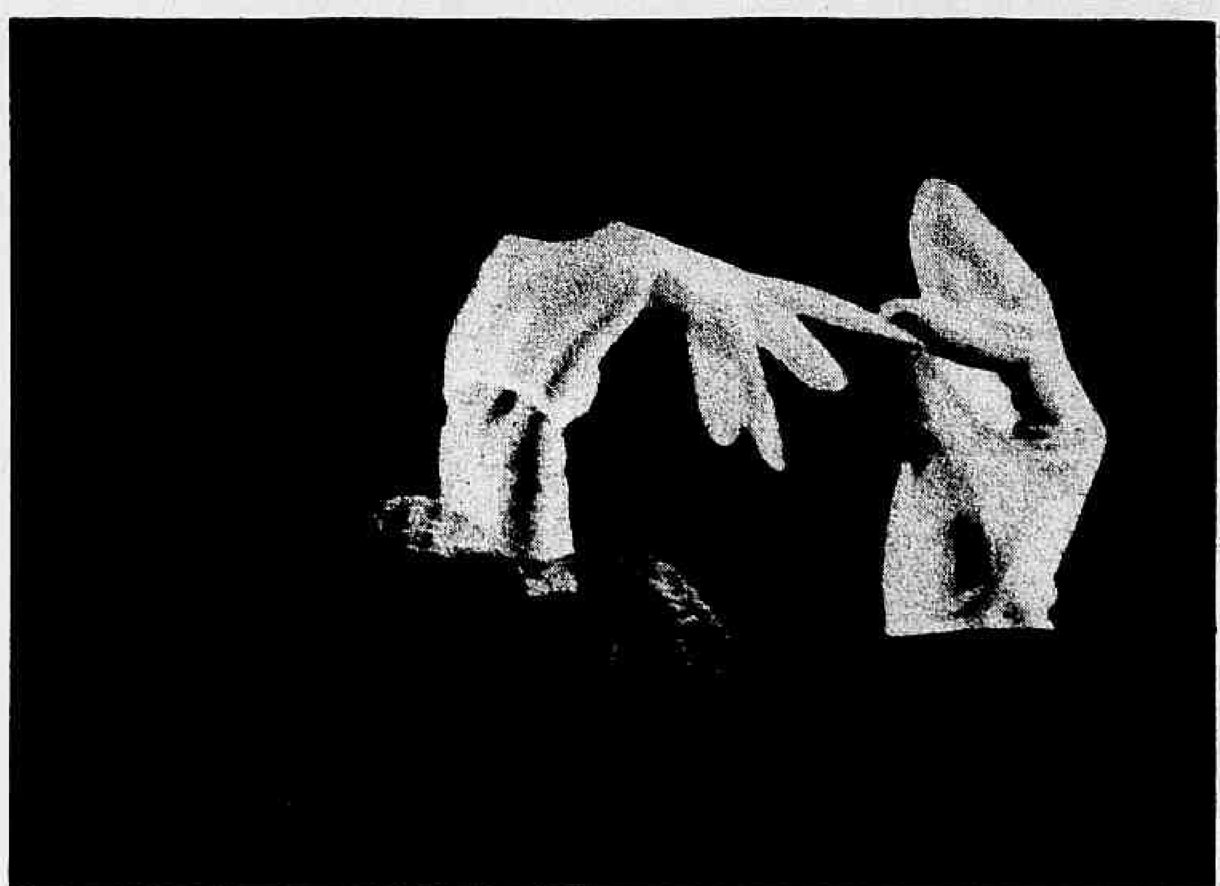
Em «Paisagem Submarina» apreciamos os movimentos de um polvo à procura de algum alimento. Diante da câmara, êle faz uma pausa.





«Noturno na Praia»: o casal procura um lugar onde deixar as roupas. Agora, êle tira o «maillot» da sua bem amadá. Já em trajes paradisíacos,





os dois aproveitar as delícias do mar. Eis que inesperadamente a polícia aparece, e terminam aquêles fugases momentos de felicidade.

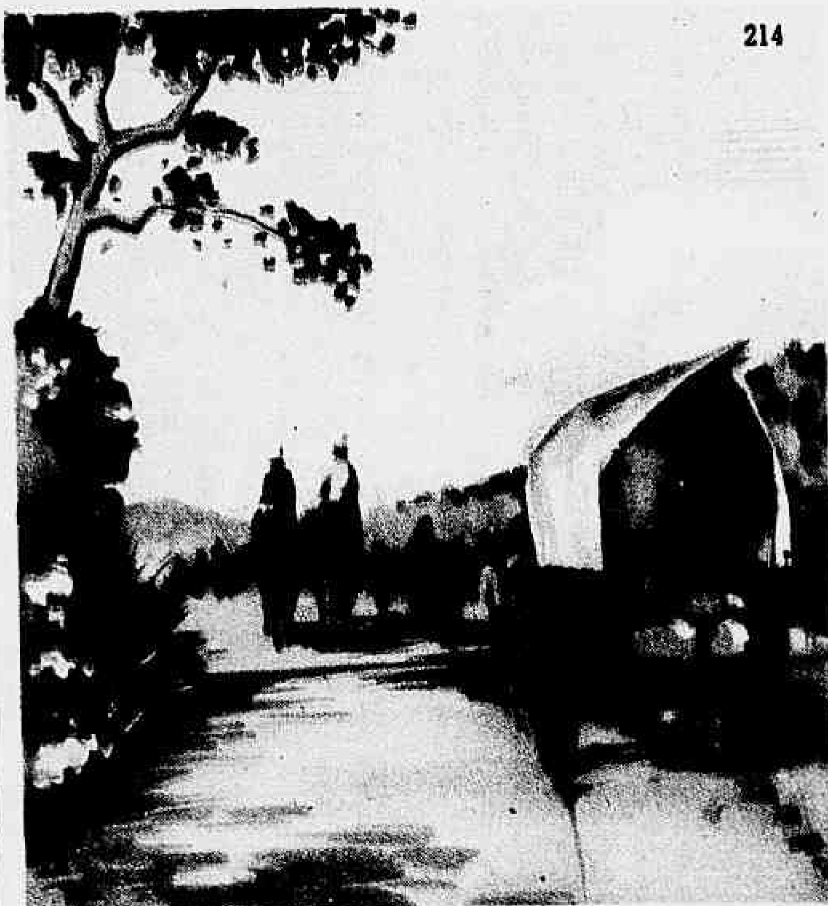
ÁLBUM — REVISTA DA SEMANA

A partir da edição da REVISTA DA SEMANA nº 27, de 4 de julho p.p., começou a segunda viagem turística Rio-Salvador e Salvador-Rio, a encerrar-se com o cromo nº 312, até a última edição de dezembro próximo. Não se preocupem os colecionadores do ÁLBUM com a demora na publicação de algumas figurinhas que vão ficando atrasadas, enquanto outras surgem. Nosso desejo era o de seguirmos a ordem consecutiva; mas, nem sempre podemos obter gravuras ou fotografias que se prestem para os desenhos com a perfeição com que os estamos publicando, de maneira que nos vemos forçados a saltear os cromos. Mais uma vez avisamos que não há **figuras prêsas**. Tôda a coleção sairá, impreterìvelmente, até ao fim do mês do Natal dêste ano. Os que não colecionaram as figurinhas da primeira viagem podem fazê-lo nesta segunda, sem prejuízo para seus direitos aos prêmios do Natal.

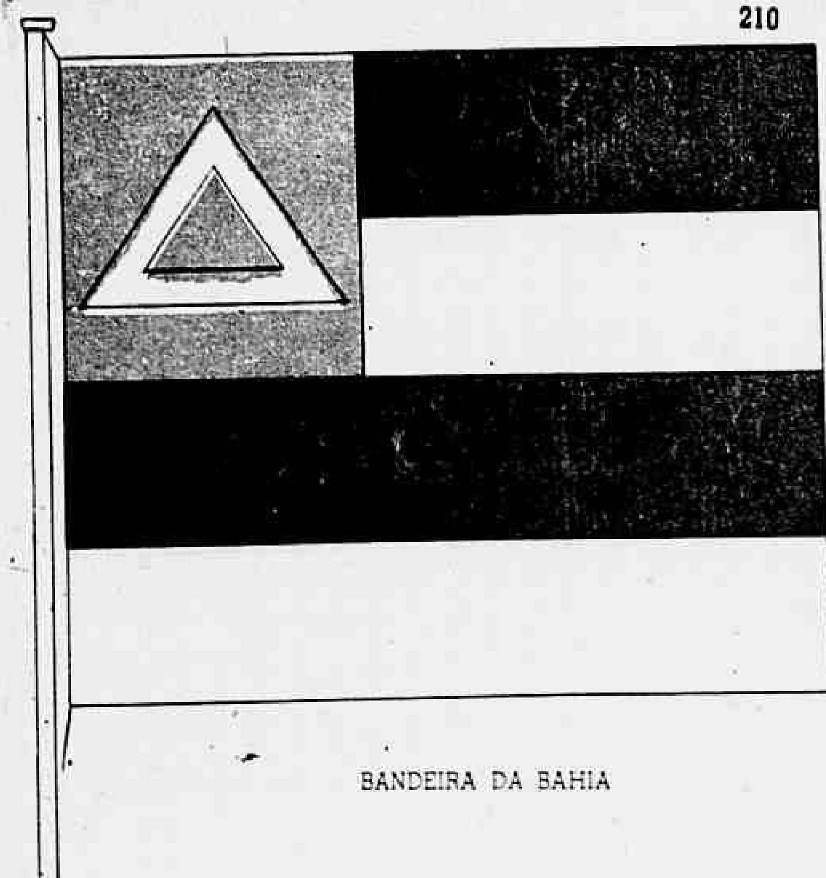


Realização da BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. — Rua Visconde de Inhaúma nº 134 — Rio de Janeiro.









BANDEIRA DA BAHIA





BAHIA



Já com a sua fita de identificação ao pulso esquerdo, o recém-nascido é levado à banheira para seu banho inicial.

O DIREITO DE NASCER

O PRIMEIRO CHÔRO ★ ESTRANHANDO A ÁGUA ★ 276 PARTOS POR MÊS ★ A MEDICINA MODERNA SUPRIMIU MUITOS RISCOS ★ UMA DÚVIDA CONTINUA INSOLÚVEL: MENINO OU MENINA? ★ A CONDENAÇÃO DE EVA ★ PARTOS SEM DOR ★ A RADIOGRAFIA TIRA INCERTEZAS

Por **STEPHEN BLACK**

UMA loja de flores fica entre a estação do "subway" de Londres e o hospital maternidade "Queen Charlotte". Ali, os pais que têm de visitar suas senhoras internadas para a divina missão da maternidade, podem adquirir flores a preços muito módicos, alegrando o ambiente hospitalar com a beleza das rosas e dos ramos floridos. Não há privilégios nas enfermarias do hospital, desde que foi posta em vigor, há cinco anos, a "National Health Scheme", ou seja o pro-

REPOUSO E DESPREOCUPAÇÃO, EIS O PRINCIPAL



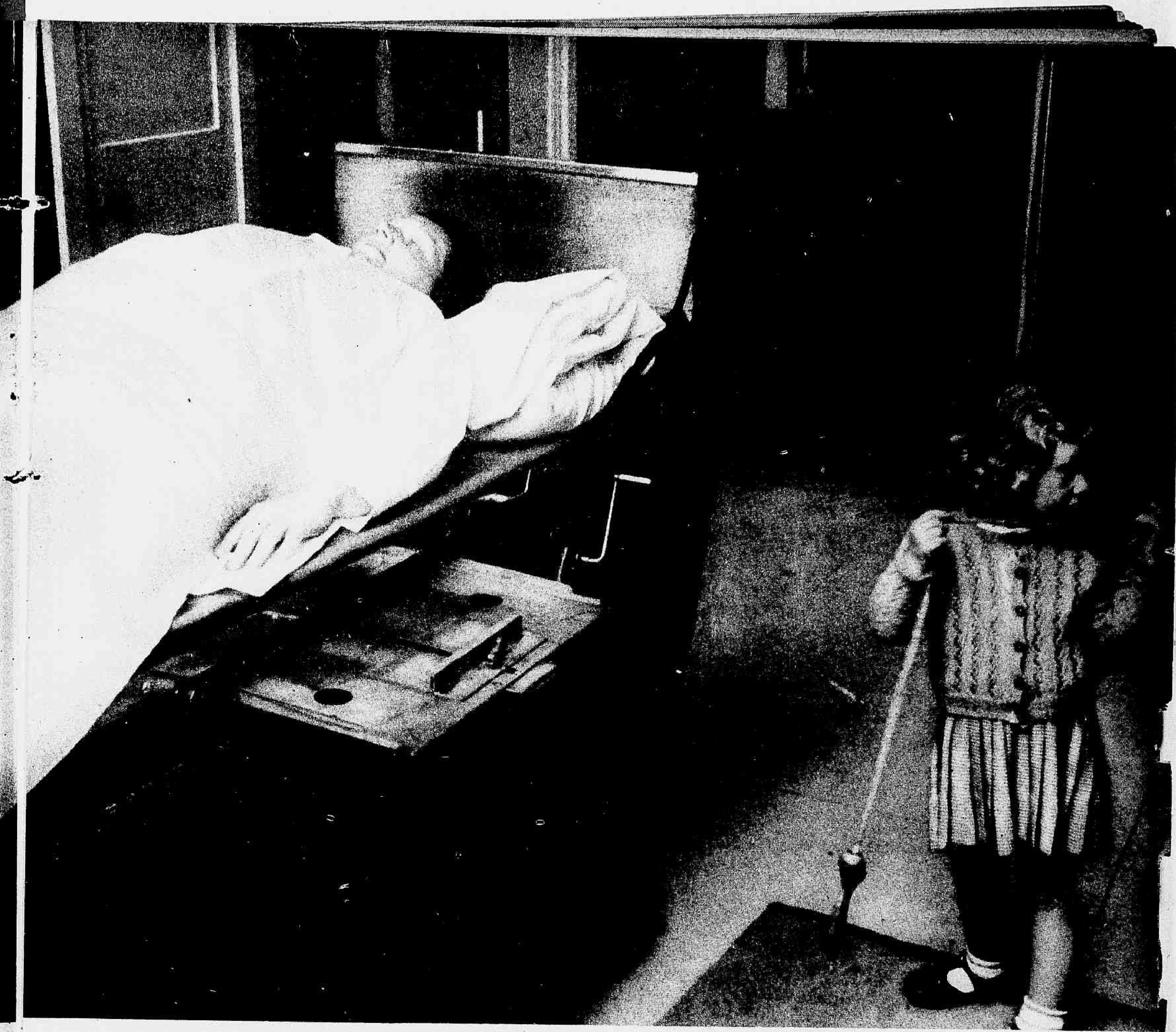
A futura mamãe ouve atentamente o resultado clínico: POSITIVO. Daí por diante ela terá que seguir rigorosamente os testes e as prescrições médicas.

grama da saúde nacional. Cada criança é entregue ao ano de 1953 com um mínimo de barulho e com a mesma eficiência. Os recentes progressos na arte a ciência da natalidade têm feito do nascimento de bebés uma felicidade, excetuando-se, é claro, a interrupção que existe no período clínico entre os esposos. Primeiramente, uma mulher se sente muito alegre ao saber que vai ter um filho. Há vinte e cinco anos passados a concepção constituía grave problema, não se podendo prever nada, pois não existia nenhum seguro que pudesse garantir o estado de concepção dentro das primeiras semanas de gravidez. Uma espôsa tinha que aguardar muitos dias para que pudesse ter certeza do seu estado real. Mais tarde, pelo teste de Friedman, os cinco dias foram reduzidos à metade. Hoje, porém, pode uma mulher ir para uma maternidade pela manhã e saber como programar o seu futuro estado maternal, na tarde do mesmo dia. Recebe, então, um certificado médico, no qual prescreve todo um programa de alimentação perfeitamente científica, com rações extras de carne, leite, vitaminas, suco de laranja, etc., de maneira que se sinta fortificada e o seu estado geral influa sôbre a saúde e nutrição intra-uterina do filho a nascer. Mas os médicos da Maternidade Londrina aqui descrita, não se limitam apenas a indicar a dieta.



Uma das preocupações da mulher civilizada é a de acomodar seu estado físico de mãe futura com os imperativos da moda que os figurinistas mais afamados do mundo sempre ditam. Por isso, de acordo com o médico, ela pode vestir-se bem.

Vão a uma das particularidades mais interessantes durante o estado de gestação das mulheres: o vestuário. Já aí o caso é psicológico. Acham os ginecologistas britânicos, que a aparência de uma senhora que vai ser mãe é das mais importantes. Muitos especialistas condenam o uso tão generalizado dos vestidos sôltos, folgados, tipos parecidos com "kimonos", usados pelas mulheres grávidas, como que para dissimular o volume do ventre. Mas os chamados casacos de "coolie" e as saias "kanguru", aconselhadas para tais casos, além de trazer confôrto, apresentam uma linha normal. Também o vestuário dos bebés tem sofrido grandes mudanças através dos tempos, tanto no feitio, como no custo. Com o enxoval, muito mudou ainda



Mrs. Haynes, a feliz mamãe dessa linda garotinha, deseja ter agora um menino a quem batisará com o nome de Horace; mas os médicos dizem que bem poderá ser outra menina. E se vierem dois? Aí, então, a feliz mãe, com tôda calma, põe-se a meditar.



A tomada da pressão arterial é indispensável nas modernas maternidades, por isso, Mrs. Maeve Cassel, apresta-se a ir à clínica pré-natal.



Atenciosamente o médico acompanha dia a dia a marcha do próximo parto. Aqui o vemos ouvindo, pelo estetoscópio, pulsar o coração do bebé.



Quando o casal soube que a cegonha vinha perto, foi célere comprar o bercinho do bebê. Cama, berço com rodas? Ela sorri satisfeitíssima.



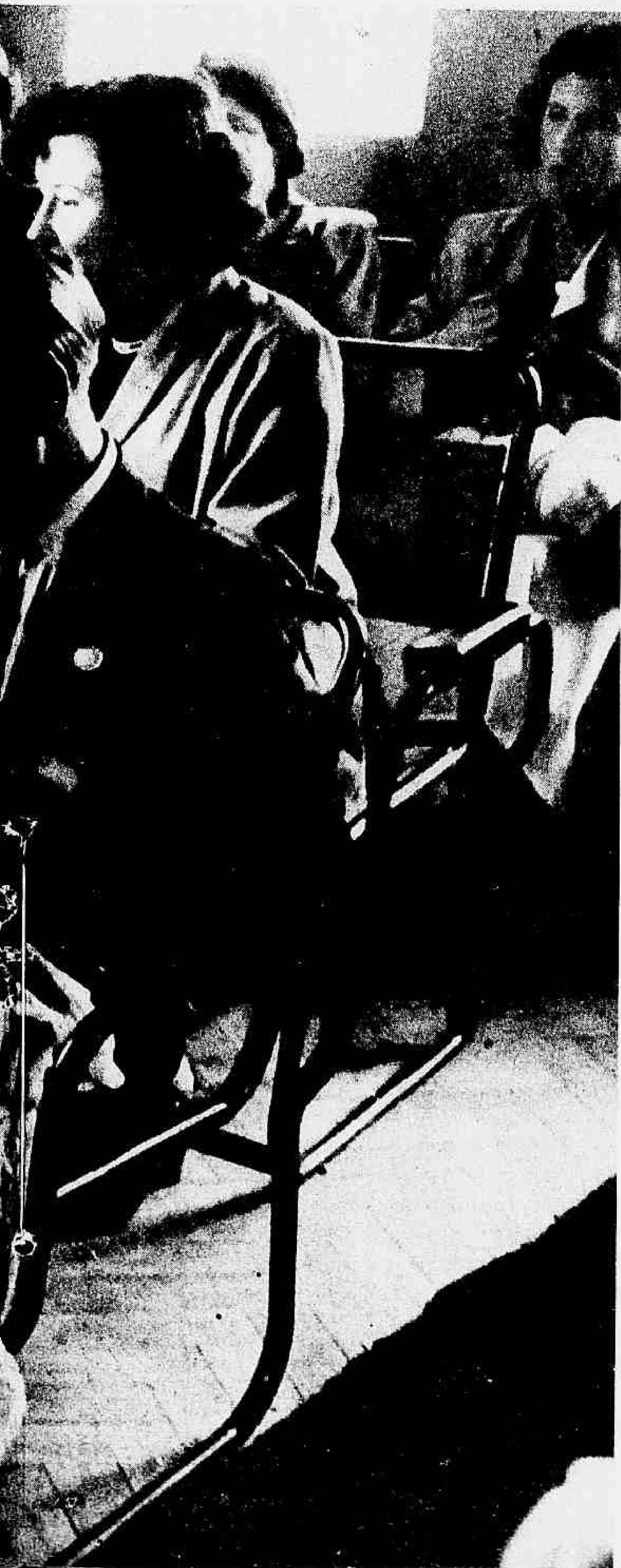
Uma enfermeira do «Queen Charlotte» mostra às futuras mamãs a moderna aparelhagem de «ar and gas», que elas mesmas controlarão.

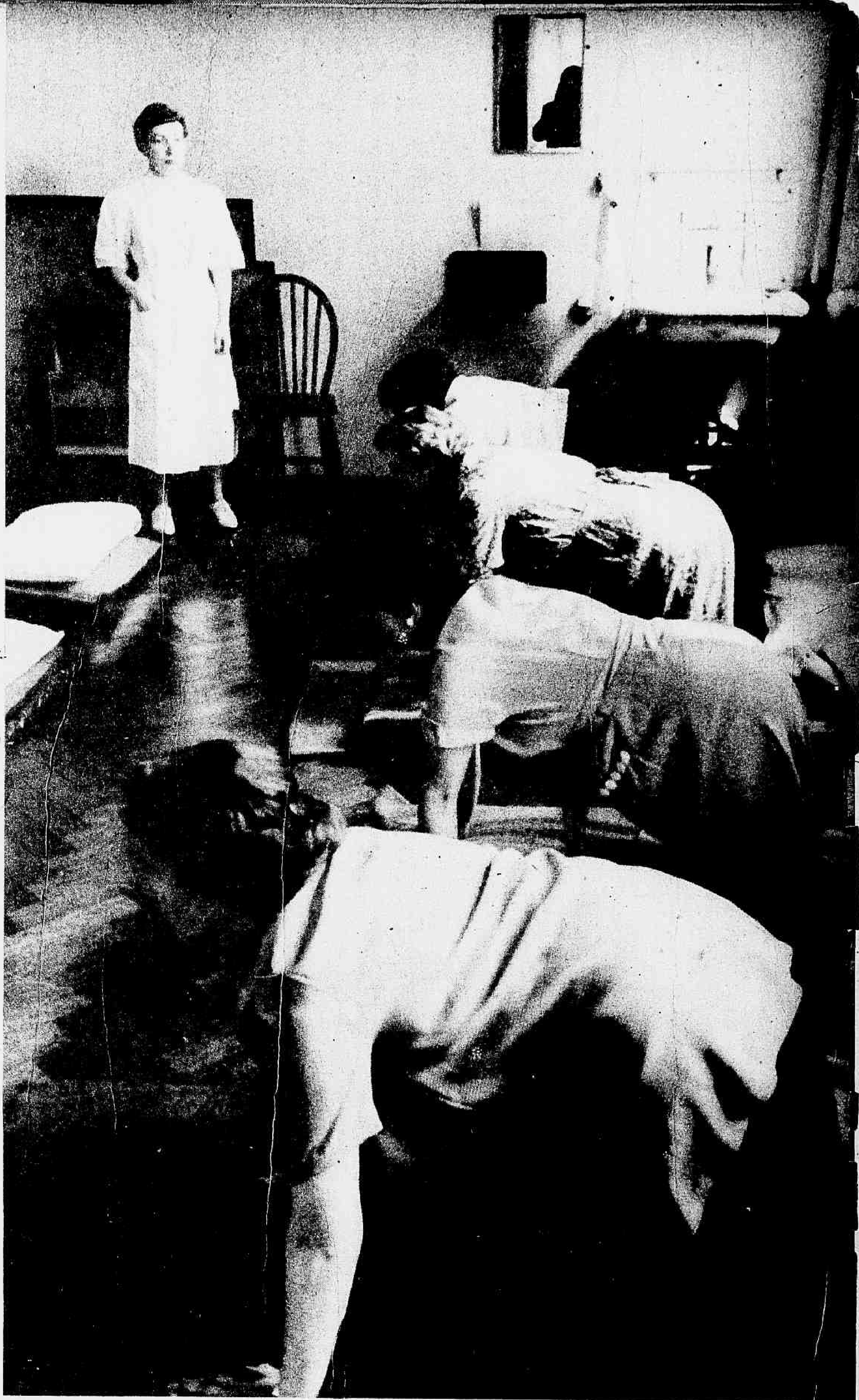


Na clínica da maternidade o papai dá a mamadeira ao bebê, enquanto a mamãe, sorridente, aguarda sua vez de ser examinada.

GÊMEOS? TRIGÊMEOS? SÓ O RAIO-X REVELARÁ

a maneira de deitar os pirralhos, móveis que subiram muito de preço e de aspectos. As roupinhas devem ser folgadas, frescas e simples, desenhadas sob indicação médica, sem comprometer a necessária tepidez exigida às crianças em tenra idade. Tudo o que diz respeito à segurança das parturientes e à vida de seus bebés, está previsto no "Queen Charlotte". Há salas para banhos de sol e refeições apropriadas, bem como salões, nos quais as futuras mamães se reúnem para palestrar e trocar idéias, acêrca dos seus projetos em tôr-





Mulheres em adiantado estado de gestação fazem exercícios na sala de fisioterapia, a fim de que o parto lhes seja o menos difícil possível. Êsse processo tem mostrado bons resultados.

no dos filhos que vêm chegando pelo bico das cegonhas. Além de tudo, as enfermeiras, que são profundas conhecedoras da natureza feminina, tudo fazem para tirar do espírito das primíparas, especialmente, a idéia de que um parto é o mesmo que uma doença, e doença perigosa. Ela lhes explica que isso nada mais é do que um processo puramente natural, sem qualquer perigo, salvo se a gestante não tem os necessários cuidados de ordem clínica e se entrega a inadvertências prejudiciais à sua saúde e à vida do filho a nascer. A enfermeira-chefe ensina até como pegar num recém-nascido, ou em bebê de pouca idade. Servindo-se de uma boneca de tamanho semelhante, ela mostra como dar banho, higienizar a criança, alimentá-la, etc. Com assistência permanente e cui-



Mrs. June Harrison é primípara. Estava, como muitas outras e com razão, receosa; mas, tais foram os cuidados clínicos e o ambiente confortável que ela foi muito feliz, como sói acontecer quase sempre. Agora dorme um sono feliz. Seu filho está em boas mãos.



dadosa da clínica da Maternidade, pode uma mulher na sua vigésima quarta semana de gravidez, ser examinada pelo médico e êste ouvir através dos seus aparelhos o batimento do coração do ser na vida intra-uterina. São pulsações fracas, quase imperceptíveis a ouvidos profanos, e isso dá à futura mãe o mais ardente desejo de ver e beijar o filho. Passando o estetoscopia à própria examinada, ela também poderá ouvir bater o coração do ser ao qual vai dar vida dentro em breve. Mas, uma das grandes preocupações da futura mãe de família, é a de saber se o filho será um homenzinho, ou uma linda garotinha. Na Maternidade "Queen Charlotte" elas não se cansam de perguntar aos médicos que as examinam à luz do Raio-X: "Doutor, é menino, ou menina?". Mas o médico não pode adiantar nada sôbre o sexo daquele que vai nascer. A nitidez dos aparelhos ainda não chegou a tal ponto, e a ansiedade continua. E, quando chega o dia do nascimento do novo cidadão inglês nos confortáveis salões e enfermarias do "Queen Charlotte", a mãe, mesmo de primeiro parto, não se sente temerosa. Ela sabe que tudo correrá bem. Mesmo que sobrevenha uma cesariana, a mulher não perde a calma. Está entregue a grandes ginecologistas, a médicos especializados e competentes, capazes de fazer milagres cirúrgicos. Ao despertarem das anestesias, as novas mães querem saber da enfermeira se foi menino, ou menina. E quando revelam o sexo, perguntam: "Era o que a senhora desejava?". — A resposta é sempre positiva, pois, mesmo que assim não fôsse, filho é sempre filho.

Êste garotinho veio ao mundo, graças a uma cesariana. Parto difícil, mas tudo saiu bem, para alegria dos progenitores e... dêle próprio.

NASCEU O BEBÊ E UM NOVO CIDADÃO 1953 VAI PARA CASA



Enfim o filhinho está aconchegado ao seu corpo orgulhoso de mãe. Durou um século êste minuto de felicidade de amor puro e maternal.



Êste inocentinho nasceu bem crescidinho. Tudo é feito de maneira que o útil «Livro do Bebê» seja preenchido com os menores detalhes.



O sr. Frank Gentry está todo pateta com a sua filhinha recém-nascida. Todo prosa, êle até já diz aos seus amigos que ela diz «papá»... «mamã».



Dez dias depois, eis o novo galante e orgulhoso cidadão inglês levado para o lar paterno ao lado da mamãe. O chofer imita a cegonha.

ELIZABETH DA INGLATERRA

Por ALMÉRIO RIBERA

Tradução de LÍGIA JUNQUEIRA

— Todavia êle agiu de acôrdo com sua própria cabeça, sem pedir o meu consentimento. Merece uma punição severa.

A punição consistiu numa carta escrita, de seu próprio punho, ao ingrato que a havia deixado sòzinha. Entremeavam-se doces reprovações com rogos humildes, expressões levemente ameaçadoras com declarações apaixonadas. Êste é um documento que causa dó e que teria sido melhor não ter ficado nas mãos de um homem tão pouco nobre. Passou para os arquivos e tornou-se, depois, público.

Quando Essex voltou, Elizabeth não conseguiu esconder a própria alegria. Manifestou-a de maneira mais ou menos de acôrdo com sua dignidade real.

— Não me abandones! — implorava ela. — Terás tudo que quiseres. Toma: êste anel é a recordação mais querida que possuo, porque me foi dado por minha mãe. Põe em teu dedo. Quando estiveres em dificuldade ou em grave perigo, manda-me êste anel que eu te salvarei, a custa de minha própria vida, se preciso. Eu juro, Roberto, juro em nome do amor que tenho por ti.

Agora, ela mendigava o amor daquele jovem que a boa sorte tornara insolente, para que êle desse os restos do amor que êle, pròdigamente, dissipava com outras mulheres.

Quando lhe disseram que o conde de Essex, como já o fizera o primeiro Roberto, havia se casado, secretamente, com a filha de sir Francis Walshinghan, viúva de sir Filipe Sydney, não saiu, do quarto, durante três dias, para que, em seu rosto, não se lesse a amargura pelo golpe recebido. Chamou o jovem de traidor, de perjuro, de infame, porém, perdoou, também, essa ofensa grave, para não perdê-lo, e contentou-se com os pedaços de tempo que êle lhe concedia, degradando, assim, sua própria paixão.

De outro lado, não houve empreendimento importante que não fôsse confiado a Essex, mesmo aquêles que o devessem manter afastado da côrte por muito tempo.

— Eu não o terei, mas ela, também, não o terá — dizia para si mesma, quando, no aposento solitário, não encontrava paz no sono. Porém, se o ciúme se satisfazia, em parte, com essa vingança de rainha, a preocupação de que o afastamento em distância afastava-o, também, mais de si, tornava-lhe a vida dolorosa e insuportável.

Todos os biógrafos de Essex afirmam que êle se aproveitava das fraquezas senis da rainha. Suas ótimas qualidades de soldado, se juntavam a uma experiência da vida que o fazia aproveitar tudo para seu benefício. Por isso, os historiadores, ainda que não neguem muitos de seus méritos pessoais, acusam-no de ter se deixado levar a uma vida pouco correta em vista de sua excessiva ambição. Realmente, terminou por acumular, em suas mãos, os mais altos cargos civis e militares do reino inglês.

— Desagrada-me ter que declarar no seio dêste conselho que não posso concordar com a rainha e seguir sua opinião neste assunto. Seria um grande êrro.

Entre os presentes houve um momento de grave tensão. Ninguém, até então, ousara exprimir-se dêsse modo em relação a Elizabeth. O próprio conde de Essex, que se permitira usar expressões tão pouco condizentes com a educação inglêsa, olhou em tôrno, admirado de si mesmo, evitando fixar a soberana.

Elizabeth, não podendo tolerar a descortesia de seu chanceler, com os olhos brilhantes de imprevisto furor, exclamou:

— Parece-me, conde, que passastes o limite do tolerável e que vossa conduta merece castigo imediato.

Pronunciando estas palavras a soberana se levantou e com ela os outros membros do conselho, inclusive Essex. A rainha e o conde estavam próximos. Ela olhou-o fixamente e êle fêz mal em ler naqueles olhos apenas uma imploração tácita. Por isso, levado pela arrogância, juntou um êrro a outro êrro. Com gesto displicente voltou as costas à rainha, como se fôsse abandonar o conselho. O gesto ofendeu tanto Elizabeth que esta, aproximando-se do conde, deveu-o com um vigoroso bofetão. Depois, recordando e repetindo uma frase de seu pai Henrique VIII, gritou-lhe:

— Agora suma e enforca-te!

— Sim, porém, primeiro limparei de meu rosto a afronta que me foi feita.

Dizendo isso, o conde, dominado por uma fúria louca, desembainhou a espada e procurou atirar-se contra Elizabeth.

Foi impedido pelos presentes e afastado. A cena de que fôra protagonista ocupou durante muito tempo as crônicas do país, especialmente dos ambientes políticos. Chegou-se a dizer que Essex, arrependido, escreveu à rainha desculpando-se, uma carta na qual implorava perdão. Na realidade, a carta que êle escreveu não foi a de um culpado arrependido, nem de molde a que fôsse esquecida sua grave falta. A rainha, ao contrário, agradou encontrar nas frases escritas uma certa dose de contrição, sentindo-se disposta a uma reconciliação benevolente e cheia de esquecimento. Foi tão generosa que conferiu ao excitável conde outras honras, com estarrecimento de todos os cortezãos. Também para Essex repetiu, ainda uma vez:

— Esta noite deixarei a porta entreaberta.

★

A paixão senil foi uma espécie de castigo para Elizabeth. O homem ao qual se entregava no naùfragar de uma vida dissoluta e atormentada, sem alegrias e sem amor, ofendia-a e desprezava-a como rainha e como mulher. Mandado para a Irlanda, a fim de pôr ordem naquele país inquieto, Essex agira desprezando tôdas as ordens recebidas e suscitando dissídios e desordens, com o fim de criar uma base pessoal de poder e de resistência à própria pátria.

Triste dilema de Elizabeth rainha e de Elizabeth amante! Da mesma forma estava obrigada a punir e a perdoar! Pelos inimigos que Essex possuía, mesmo entre os membros do govêrno, era continuamente estimulada a desfazer-se de um colaborador nocivo e, também, perigoso.

Foram enviadas cartas, amargas reprovações, generais e governadores em substituição a Essex. Tôda discussão, porém, ainda que fôsse muito áspera, terminava sempre com o perdão. Renunciar a seu Roberto era o mesmo que dar um adeus supremo às ilusões de que necessitava, tanto quanto ao trono. Para conservá-lo sofreu as piores e mais desapiedadas humilhações que um homem possa infligir a uma mulher.

— Se acreditais que eu vos sirvo por amor estais enganada.

— Não me faleis assim. Que te fiz?

— Na vossa idade e nas vossas condições é ridículo e grotesco pretender o que pretendeis de um homem.

— Roberto, não continue neste tom. Devo ter-te irritado demais, devo haver-te ofendido muito para que tu digas essas palavras que não podem exprimir o teu pensamento. Que te fiz eu? Que queres que faça?

De joelhos, a seus pés, enquanto as lágrimas levando-lhe o rouge tornavam mais piedosamente envelhecido o rosto encarquilhado, ela chorava e implorava mais uma noite, mais uma hora de amor.

Tinha, então, setenta anos, êle, trinta e quatro. No seu castelo de Essex viviam a mulher e o filho, os quais talvez não conseguisse esconder as fontes de sua rápida subida como homem de Estado e como general.

Êsse pensamento mais uma vez se tornava insuportável, e animava-o a quebrar a humilhante cadeia que Elizabeth lhe havia enrolado em tôrno do pescoço.

★

Finalmente, a própria Elizabeth se encontrou defronte ao trágico epílogo daquela união contra a natureza e teve que assinar a condenação à morte de Roberto Devereux, conde de Essex, réu de traição, por haver tramado, segundo a acusação, contra a integridade da pátria. Hesitara por duas semanas, durante as quais foram por ela mandadas ao amante mensagens secretas, pedindo-lhe que assinasse um pedido de graça, que lhe seria concedida. Não se soube, nem se saberá nunca se os mensageiros chegaram até Essex, ou se, traindo seu encargo, fizeram crer a Elizabeth ter cumprido em vão sua missão. Em desoladora tristeza, incapaz de qualquer ação, esperava o pedido de Essex, como se fôsse sua própria salvação. «Não pode odiar-me a êsse ponto. Não pode atribuir-me sua condenação. Sabe que lhe quero bem, que não posso viver sem êle e que espero apenas o momento de fazer valer, como rainha, o meu direito de agraciar. Êle sabe».

Realmente, Essex o sabia.

Tendo lhe sido concedida uma entrevista, na prisão, com a condessa de Nottingham, tirara do dedo o anel que lhe fôra dado por Elizabeth, e entregara-o à visitante:

— Rogo-lhe, ardentemente: entregai, o mais ràpidamente possível, êste anel à rainha.

— Êste anel? Por quê?

— É um antigo pacto entre a rainha e eu. É o grito de imploração extrema, de minha parte, e a promessa de salvação, por parte dela. É indispensável que ela o receba.

— Ela o receberá.

— Obrigado, condesa.

As boas intenções da condesa, encontraram, porém, grande resistência por parte do marido.

— Por que pediste uma audiência à rainha?

(Cont. na página 47)

RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR

Elizabeth da Inglaterra, uma das mais curiosas personalidades femininas da história, teve em sua prima, Maria Stuart, da Escócia, sua grande rival, que mandou decapitar, movida pelo ódio e pela inveja. Elizabeth era dotada de estranho caráter. Apesar de fazer questão de ser chamada a «Rainha Virgem», teve uma série de favoritos, dos quais os mais em evidência foram os condes de Leicester e de Essex. Êsse, tinha, porém, 36 anos menos que a rainha e nem sempre estava de acôrdo com esta...

CAPÍTULO V (Conclusão)



PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1 **A cidade de Portsmouth, Inglaterra, é famosa por possuir:**
— O melhor pôrto militar do mundo?
— A mais rica mina de carvão?
— O túmulo de Shakespeare?

2 **Que quer dizer um indivíduo «heimalto»:**
— Que tem um ôlho de vidro?
— Que perdeu a nacionalidade?
— Ou aquêle que é mudo sem ser surdo?

3 **Entre que Estados fica o rio Gurupi:**
— Paraná-Santa Catarina?
— Pará-Maranhão?
— Alagoas-Sergipe?

4 **A princesa Isabel, a Redentora era casada com:**
— D. Miguel?
— D. Pedro I?
— O Conde d'Eu?

5 **A crenologia estuda:**
— O cérebro?
— A estratosfera?
— As águas minerais?

6 **Qual dêstes animais o que «blatera»:**
— O camelo?
— O macaco?
— O leão?

7 **Que nome se dá à pedra do dominó que tem os mesmos pontos em cada metade:**
— Doble?
— Palíndrono?
— Hiato?

8 **A parte lateral do corpo humano chama-se?**
— Occipício?
— Cócix?
— Ilharga?

9 **O magarefe trabalha:**
— Na plantação de arroz?
— Nos matadouros?
— Nas oficinas de gravuras?

10 **O canjirão é:**
— Um vaso?
— Uma planta?
— Uma espécie de marreco?

11 **Qual dêstes símbolos o que representa as liberdades republicanas:**
— A coroa de louros?
— A cruz dupla?
— O barrete frígio?

12 **Os ossos da falange do corpo humano estão:**
— Nas mãos?
— Nas costelas?
— No crânio?

13 **A febre palustre se transmite pelo:**
— Contacto?
— Pela água?
— Pela picada do mosquito?

14 **A culinária trata da:**
— Cura do câncer?
— Da arte de cozinhar?
— Da colheita do mel de abelhas?

15 **Que nome se dá à pele que se forma na base das unhas:**
— Cotilédone?
— Cutícula?
— Menisco?

Resposta 0: estado primitivo — Homem-macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.
De 4 a 6: cultura média — Estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — Universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: um gênio em pessoa.

Respostas na página 48



Um «demônio» sai à rua disposto a tentar as mocinhas e levar as crianças mal criadas; mas, felizmente, não é nenhum tarado. E' um dos muitos foliões do Carnaval da vila de Loiza.



A garotinha de 14 meses é Glorita Sanchez. Quem a sustém é seu próprio papai; mas a menina, bastante almarmada, não acredita.

CARNAVAL EM PORTO-RICO

UM dos mais curiosos e alegres carnavais do mundo se realiza na pequena aldeia de Loiza, em Pôrto Rico. A festa pagã já tem trezentos anos de existência. Todos os anos, os seus habitantes confeccionam suas máscaras, às escondidas, aproveitando cascas de côco, colorindo-as artìsticamente e entrando nas competições para ver quem apresenta a mais sensacional «cara» da festa. Tudo é feito às ocultas, para que os modelos individuais não sejam «roubados» pelos concorrentes. São máscaras de «cavaleiros», de «demônios», de «velhos», de «loucos», e uma infinidade de for-



De máscara de côco devidamente estilizada, êste pôrto-riquenho promete fazer misérias durante as comemorações do longo Carnaval. São quinze dias de folia, esta tradicional festividade.

TREZENTOS ANOS DE TRADIÇÃO ★ 15 DIAS DE FARRA ★ OS CÔCOS DA BAHIA TÊM MAIS ESTA APLICAÇÃO: MÁSCARAS ★ TUDO SE PASSOU NA ALDEIA DE LOIZA, EM PÔRTO RICO ★ TÔDA A POVOAÇÃO NA BRINCADEIRA.

mas, cada qual mais sensacional pela concepção dos seus criadores. O carnaval se prolonga por duas semanas. Tôda a aldeia se torna uma festa. Mulheres e homens, velhos e crianças, se enfeitam com os seus trajes mais coloridos e pitorescos. Os «diabos» saem atrás das crianças, procurando «levá-las», pilheriando e trepando aos coqueiros com uma agilidade verdadeiramente infernal. Há música e danças, risos e meninos alarmados. No fim, porém, todo mundo sente saudades dos quinze dias de farra.



Eis a matéria prima para a feitura das máscaras: côcos secos. Se os nordestinos do Brasil quiserem, hão-de fazer ainda coisa melhor.

A SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE 29 DE AGÔSTO E 4 DE SETEMBRO DE 1953

Se o leitor nasceu sob o signo do:

CARNEIRO (21/9 — 20/10) — A semana será menos dura, no seu caso. Os astros atuarão de modo mais ou menos benéfico, salvando-lhe os interêsses imediatos. Por isso nós o aconselhamos a não sacar sôbre o futuro.

TOURO (21/10 — 20/11) — Seus empreendimentos vão ser favorecidos, menos os que fugirem da órbita comum das suas atividades. Não admita inovações, reformas, coisas extraordinárias, alheias ao seu «metier».

GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Os natos do signo aéreo dos Gêmeos vão ter uma semana cheia de obstáculos. Dificuldades sem conta lhes embargarão os passos. Devem agir com redobrada prudência, especialmente na vida em sociedade.

CANCER (23/12 — 20/1) — Saia da espectativa, movimente seus negócios, dê realidade às idéias, aproveitando bem os dias de chance que os astros lhe vão proporcionar. O novo período, não obstante, não será propício à vida íntima.

LEÃO (21/1 — 20/2) — Os assuntos sentimentais estarão bem astralizados nos próximos sete dias. Guarde, porém, o máximo de discrição. Não faça confidências, pois correrá o risco de se comprometer e o de passar por sérios aborrecimentos.

VIRGEM (21/2 — 22/3) — Os astros o ajudarão melhor. Os aspectos serão favoráveis aos seus desejos e à satisfação das suas necessidades mais prementes. É preciso porém, um movimento mais positivo da sua parte. Requeira, peça, solicite e será atendido.

LIBRA (23/3 — 20/4) — Poderá viajar, comprar ou vender imóveis, ajustar, contratar e firmar qualquer compromisso. O que fôr iniciado na próxima semana frutificará extraordinàriamente.

ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — O consulente ocupará uma posição harmônica nos próximos sete dias e deverá aproveitar com inteligência, as oportunidades que os astros lhe vão dar. Poderá empreender, certo de alcançar o êxito desejado.

SAGITARIO (21/5 — 23/6) — O ambiente propiciará felizes atividades no meio em que vive. Os negócios domésticos e profissionais serão grandemente favorecidos. Haverá possibilidades para a obtenção de cargos mais rendosos.

CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Não procure apoio, não solicite favores, nos próximos sete dias, sob pena de sofrer desilusões. O ambiente não o ajudará nesse setor, dados os maus aspectos que incidirão na undécima casa do teu tema. Os dias 30 de agôsto e 2 de setembro serão particularmente desfavoráveis, no seu caso.

AQUARIO (23/7 — 21/8) — O momento será de equilíbrio na receita e na despesa. Se fizer um pouco mais de fôrça, poderá até registrar algum saldo. O próximo período astrológico será de chance, na sua vida particular e nos seus negócios.

PEIXES (22/8 — 20/9) — Todos os seus esforços serão devidamente apreciados e premiados até Júpiter, que simboliza a justiça, lhe dispensará bons eflúvios, dispondo-se num setor bem aspectado do seu horóscopo.

OS NOMES DA SEMANA

Agôsto	29	Adelfo	—	Salvina
"	30	Agílio	—	Cândida
"	31	Vicente	—	Isabel
Setembro	1	Ricardo	—	Marta
"	2	Estêvão	—	Ana
"	3	Marino	—	Margarida
"	4	Sérgio	—	Rosalis

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol, ao meio-dia de Greenwich

Agôsto	29	5º 50' 23"	(Signo da Virgem)
"	30	6º 48' 23"	(" " ")
"	31	7º 46' 25"	(" " ")
Setembro	1	8º 44' 29"	(" " ")
"	2	9º 42' 35"	(" " ")
"	3	10º 40' 43"	( )
"	4	11º 38' 53"	(" " ")

O COMPRIMENTO DAS SAIAS

PARIS acaba de lançar a nova linha para a meia estação, com os seus primeiros desfiles primaveris, numa espécie de «avant première» da moda para êste fim de ano. Causou sensação o movimento iniciado por Dior para a volta à saia muito curta, apenas cobrindo os joelhos, como se usou há seis ou sete anos atrás. O mais interessante, nesse movimento, é que partiu de um único costureiro, já que os outros mantêm o mesmo comprimento de saias que vinham usando até agora, e alguns, mesmo, encompridaram-nas até perto dos calcanhares, como Balmain e Fath. Êste último apresentou a linha inspirada no estilo das togas romanas, com drapeados e panos soltos, «uma coluna encimada por um delicado capitel» como descreveu um cronista. Madeleine de Rauch continua com a silhueta delgada que ela chamou de «poste de iluminação». Ao lado de todos os veteranos aparece um novo costureiro destinado a muita evidência, em virtude da originalidade de seus modelos, e do qual, dentro em breve, ouviremos falar Marc Bohan. Os «redingotes» continuam em moda, ainda que de linhas mais simples que os modelos até agora apresentados. Tudo, nos últimos lançamentos de moda, denota uma preocupação constante de simplificar e suavizar as linhas. Ao lado disso, muitas pregas e plissados, muitos drapeados e franzidos. — **Flama**



Baila, de Miami — *Modêlo com decote muito amplo, mantido no lugar por um elástico. Saia rodada.*



Pattullo-Jo Copeland — *inspira-se na tradicional moda espanhola para a confecção dêste encantador modêlo.*

Vanna, de Milão — *Atraente vestido em linho ou lonita azul forte, com aplicação de rêde e renda brancas.*



Benham — ***Lindo vestido em "chiffon" de algodão, pregueado na saia, com aplicação de cadarço branco.***



Brannell — ***Modêlo em tecido de algodão, listado, de alças; usado com bolero sem mangas.***

COMO COMPRAR SUAS ROUPAS

VESTIR-SE bem é o que desejam tôdas as mulheres. No entanto, poucas sabem como comprar tecidos ou roupas feitas de maneira a conseguirem «o melhor» em aparência e durabilidade, sem passar do orçamento. Já reparou como algumas mulheres estão sempre bem vestidas, apesar de usarem o mesmo tipo de saia e blusa que as outras? Naturalmente, é que sabem combinar as diversas peças do vestuário; planejam o quarda-roupa cuidadosamente, de forma a poder variar sempre harmoniosamente.



Portanto, o primeiro princípio para se comprar bem as roupas para a próxima estação é o **planejamento**. Procure ter duas côres básicas, escolhidas entre: prêto, cinza, castanho e marinho, e combinar todo o restante com essas côres. Alguns vestidos, saias e blusas do tipo «para tôda hora» servirão de «fundo» para os acessórios e complementos. Êstes, devem ser sempre de tecido de qualidade e resistentes.

Outra coisa, preste sempre atenção aos cuidados que deverá dispensar à roupa adquirida. Se é fácil de ser lavada e passada, se não descora, se pode ser lavada em casa, ao contrário, se precisa de ir sempre para a lavanderia. Tudo isso é importante, pois, às vêzes, o barato sai caro... Depois destas considerações gerais, presta atenção, quando comprar uma roupa já confeccionada, no seguinte:

★ PONTOS — Os pontos devem ser todos do mesmo tamanho e ter boa aparência. Não devem ser muito frouxos nem muito apertados para que a roupa caia bem.

★ COSTURAS — Com bastante tecido por dentro, para que a roupa possa ser eventualmente ajustada ao seu corpo. Qualquer costura em viés deve ter um refôrço para que não estique. Se o tecido desfia, é necessário que seja convenientemente acabado, com: chuleado — (o mais comum); com pesponto (certas lãs que desfiam muito); com ponto especial de caseado (malhas, jérseis, tricôs). As costuras duplas de francesas caem bem, em geral.

★ BAINHAS E OMBROS DAS MANGAS — quando costurados ou pregados depois de fechada a costura das mangas, denotam que a confecção é caprichada.

★ BAINHAS — bastante largas para possível modificação, e costuradas com pontos que não se vejam pelo lado direito.

★ DEBRUNS — arrematados com pontos que não apareçam do lado direito. Se forem de côr deve o vendedor dar uma garantia de que os tecidos não descoram.

★ ENFEITE — deverão ser pregados de forma a serem fàcilmente retirados, se precisarem de ser lavados mais vêzes que a roupa.

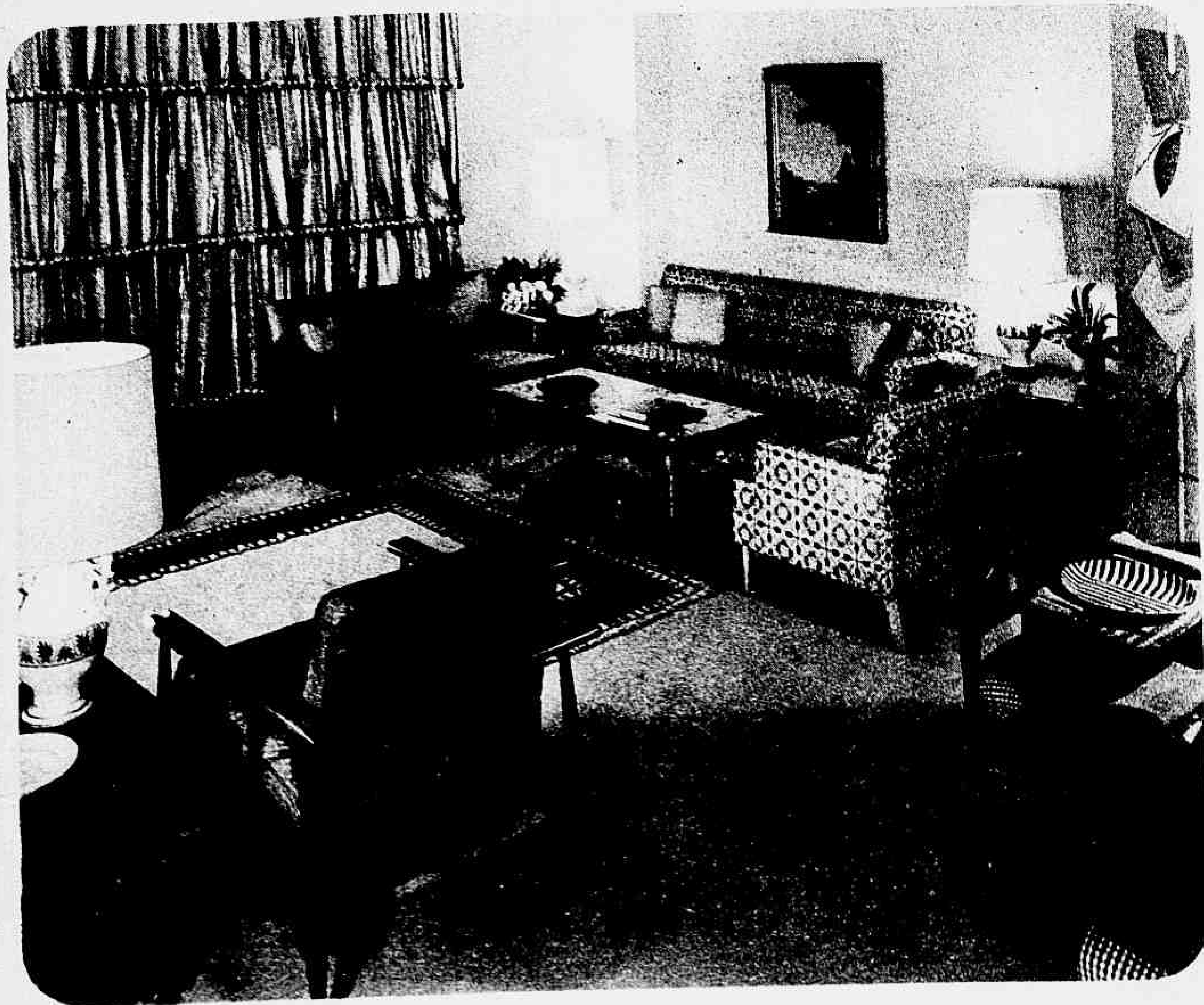
★ ENCHIMENTOS — Também devem ser removidos com facilidade, quando a roupa fôr lavada em casa ou na lavanderia.

★ CINTOS — Quando adquirir vestidos com cinto do mesmo tecido, preste atenção no acabamento e veja se pode ser lavado sem estragar. Se fôr colado isso não será possível e o remédio é ter um cinto de couro que o substitua.

★ CASAS — as casas, nas roupas de muito boa confecção, são feitas com o mesmo tecido. As casas feitas à maquina, no entanto, deverão ter os pontos bem juntinhos e bastante largos para pegar em tecido suficiente para que não se desfaçam. Depois de observadas êsses detalhes, experimente a roupa. Não há nada melhor para saber se lhe serve e se lhe cai bem. Não tenha pressa. Vista, ande de um lado para o outro, sente-se, cruze as pernas. Nenhuma roupa poderá cair elegantemente em você se não se sentir confortàvelmente com ela.

Há algumas modificações que poderão ser feitas, naturalmente, sem afetar o corte do modêlo. Consulte a própria costureira da casa vendedora, que, em geral, ela as fará sem acréscimo de preço: levantar bainhas, levantar cintura, apertar cintura, apertar saia, encurtar mangas. Pense muito antes de pedir uma modificação da linha dos ombros. Pode não lhe agradar depois. Tudo, porém, deverá ser realizado com calma e atenção. Vestir-se bem é realmente muito fácil, basta que você escolha suas roupas com critério. — L.J.

★★★★★★★★★★★★★SUGESTÕES PARA O LAR★★★★★★★★★★★★★



EIS uma decoração moderna inspirada em estilos tradicionais portuguêses. O estofamento do sofá maior e da poltrona, lembra o desenho dos mosaicos coloridos coloniais. Combina perfeitamente com a parede cinza, lisa, na qual se destaca um quadro de estilo clássico, uma paisagem. Sôbre o tapête também cinza, que recobre todo o assoalho, destacam-se, como notas coloridas, o sofá menor e a cadeira de braços, um estofado em amarelo e a outra em azul claro, em plástico pespontado, dêsses que se usa para forrar os assentos dos automóveis. ● No centro da sala um tapête com borda em gregas, em tonalidades diversas sôbre fundo marinho. Observem no primeiro plano a mesinha com o abajur, em jacarandá negro, trabalhado, tìpicamente colonial português. Mesinha de centro, do grupo, baixa, com tampo em azulejos pintados. Completando a decoração, cortina em «chitz» estampadinho, com três babados largos, arrematados na borda inferior com borlas brancas, de algodão. O aposento foi decorado por William Pahlmann, e apresentado em Nova York no «Portuguese Bazaar». — Nike.



UM POUCO DE BELEZA

PARA AS DONAS DE CASA

A mulher que permanece o dia inteiro em casa, cuidando dos afazeres do lar, tem uma certa tendência a se descuidar de sua aparência exterior e mesmo das linhas do corpo. Isso, porém, não devia ser assim. A mulher casada, tanto quanto as outras, precisa conservar-se bela, a fim de agradar sempre ao marido. Êste, continuadamente, na rua, no trabalho, a caminho de casa, vê outras mulheres e não poderá deixar de fazer comparações — ainda que inconscientemente — com a espôsa. E' preciso, pois, que a encontre bem arrumada, pintada, elegante, quando chegar em casa, ainda que de uma elegância simples e caseira, que é a que melhor assenta para a espôsa no lar e a que mais agradará a «êle».

● Porém, — aqui entra a dificuldade — a dona de casa nem sempre dispõe de tempo para ir a um curso de ginástica ou a um instituto de beleza. Não dispõe de tempo e, muitas vêzes, também, seu orçamento não o permite. Quanto à beleza, existem muitos meios de consegui-la sem freqüentar os institutos. Tratamentos simples, cuidados essenciais com a pele, o uso de um bom creme, quando necessário, um regime alimentar sadio e racional. Os exercícios de ginástica, também, poderão ser realizados sem perda de tempo, enquanto se executam as tarefas caseiras. Veja, por exemplo, êstes dois, ambos ótimos para a cintura e para a boa forma dos quadris, que poderão ser executados no simples ato de espanar a casa, ou de apanhar da prateleira da cozinha as latas de mantimentos ou as panelas. — JÚLIA DE MILO.



CABELOS OLEOSOS

● E' errado pensar que a escova torna os cabelos mais oleosos. O que acontece, quando se escova os cabelos, é que o óleo, que antes estava aderido ao couro cabeludo, espalha-se melhor pelos fios, tornando-os mais brilhantes e mais macios. Quer seus cabelos sejam secos ou oleosos, deve, pois, escová-los sempre, para que sejam mais saudáveis e vistosos. Para os cabelos muito oleosos, recomenda-se lavá-los com maior freqüência.

O USO DA BASE

● O uso de uma boa base para a «maquillage» é indispensável. Sôbre ela é que vão ser aplicados o rouge e o pó de arroz, e êles não aderirão à pele se não houver uma base para mantê-los, a não ser que sua pele seja de um tipo oleoso especial. O uso da base, por sua vez, não dispensa o pó de arroz. Êste é que dá o suave aveludado à pele e por isso é o toque final indispensável à beleza do rosto.

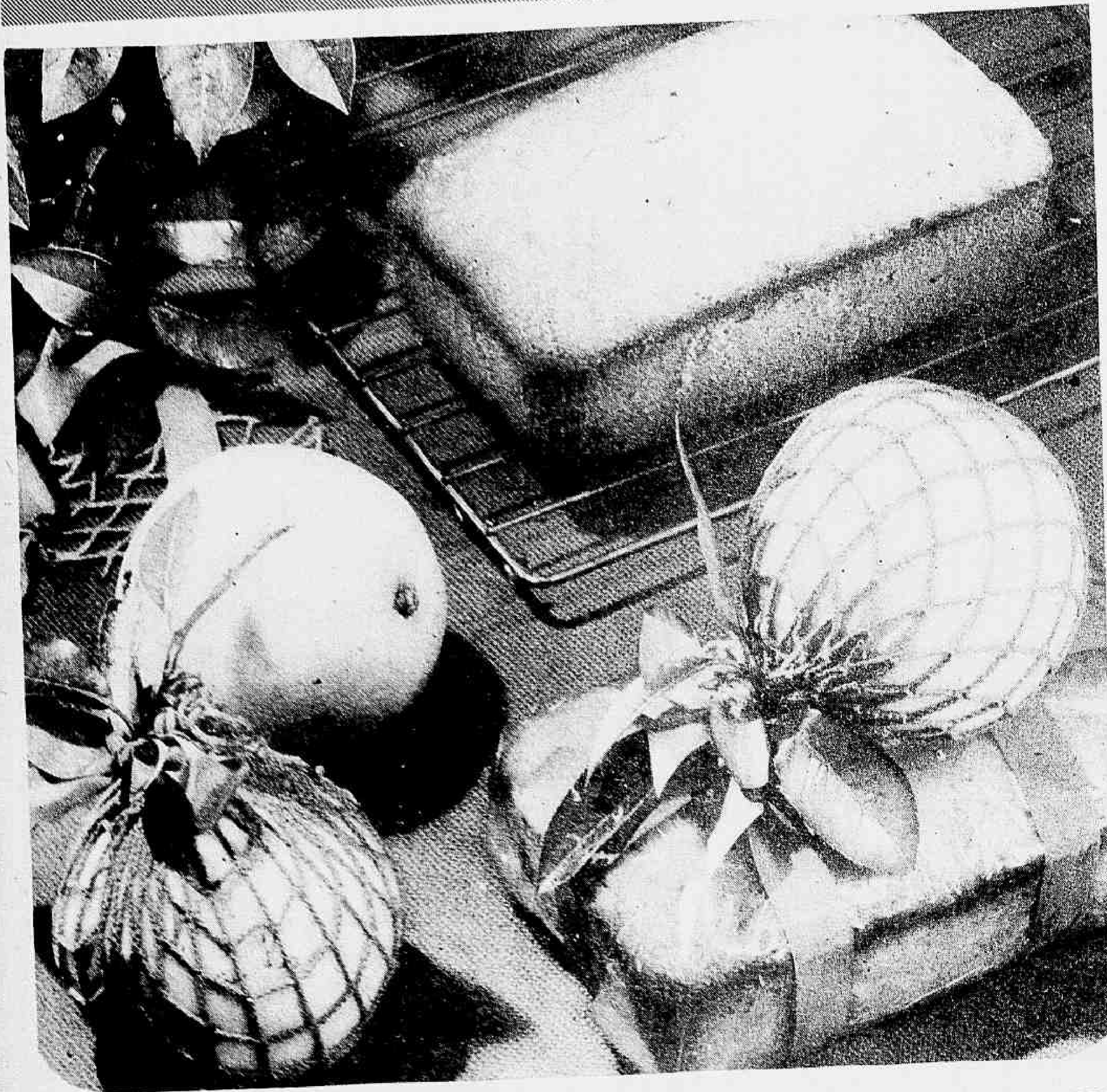


★★★★★★★★★★ *Insônia...* ★★★★★★★★★★

Algumas horas de sono, *bem dormidas, são essenciais para sua beleza. Você não poderá parecer fresca e descansada se passou a noite jogando ou dançando e não recuperou, com o repouso necessário, essas horas de sono perdidas. Normalmente, uma mulher precisa dormir de sete a oito horas e meia, conforme o seu organismo e o seu tipo de vida. Vá cedo para a cama. Se tem dificuldade em conciliar o sono, tome um banho morno, de imersão, antes de se deitar. Aconselha-se, também, para quem sofre de insônia, comer uma maçã antes de ir dormir, ou tomar um copo de leite quente com bastante açúcar. Experimente e veja qual o sistema que dá mais certo para você. (Foto: Helen Carter — da Paramount).*

Week-end na Cozinha

Selecionamos para a página culinária de hoje duas receitas pouco comuns, "bôlo de laranja" e "sopa de cenouras". O bôlo é gostosíssimo para o lanche, e não deve ser enfeitado com glacê, já que tem sabor todo especial. A "sopa de cenouras" é muito decorativa e você pode experimentá-la quando tiver convidados para jantar. — TIA DULCE



CONSELHOS ÚTEIS

★ Para variar a carne que serve todos os dias, faça-a assada ou cozida, acompanhada de purê de maçã. O purê de maçã prepara-se cozinhando-as e esmagando-as no espremedor.

★ Quando quiser enfeitar o bôlo ou algum doce com nozes inteiras, mergulhe-as em água salgada durante tôda uma noite. Sairão inteirinhas da casca.

★ Os ovos cozidos conservam-se bem na geladeira. Cozinhe uma dúzia de uma vez e tê-los-á sempre a mão para enfeitar saladas, servir com torradas, ou com sopas.

★ Se tiver cuidado de cortar a palha de aço, que usa na copa e na cozinha, em seis partes, poderá pôr fora cada pedaço, depois de usado algumas vêzes, e evitará que se enferruje tôda a palha de aço de uma vez.

BÔLO DE LARANJA

INGREDIENTES

- **1/2 xícara de casca de laranja, picada**
- **1/2 xícara de açúcar**
- **1/4 de xícara dágua**
- **1 colher das de sopa, de manteiga ou margarina**
- 1 ôvo, bem batido
- 2 1/2 xícaras de farinha de trigo, peneirada
- 3 colheres das de chá, de fermento em pó
- 1/4 de colher das de chá, de bicarbonato de sódio
- 1/2 colher das de chá, de sal.

MANEIRA DE FAZER

1. Lave as laranjas (cêrca de 3, das grandes). Tire a casca, fininha, com uma faca afiada. Pique as cascas, em pedacinhos muito pequenos, com uma tesoura.
2. Misture o açúcar com a água. Acrescente a casca de laranja. Ponha no fogo e ferva, mexendo sem parar, até que todo o açúcar se dissolva. Depois, deixe cozinhar mais cinco minutos em fogo lento (o xarope assim obtido, com as cascas, deverá medir 2/3 de xícara).
3. Junte a manteiga, misture até derreter. Acrescente o caldo de laranja e o ôvo batido.
4. Peneire juntos, numa tijela de bater bôlo: a farinha, o fermento em pó, bicarbonato e o sal. Junte a mistura de casca e caldo de laranja e bata o suficiente para que a massa fique homogênea.
5. Unte uma fôrma, com manteiga, e ponha a massa. Asse em forno brando, até que espetando o bôlo com um palito, êste saia sequinho. Deixe esfriar, e sirva frio, em fatias.

SOPA DE CENOURAS

INGREDIENTES

- **2 litros de caldo para sopa**
- **2 colheres das de sopa, de extrato de carne**
- **Sal, raminhos de salsa**
- **1 cebola, cortada em rodelas**
- **2 quilos de cenouras, das mais vermelhas**
- **1 xícara de leite**
- **1/2 colher das de sopa, de manteiga**
- **1 colher das de sopa, de farinha de arroz.**

MANEIRA DE FAZER

1. Ponha o saldo para sopa no fogo e deixe ferver. Acrescente as duas colheres de sopa de extrato de carne e as cebolas, para que fique com gôsto mais acentuado.
2. Quando estiver bem quente, retire do fogo, e acrescente as cenouras cruas, inteiras. Torne a pôr para cozinhar, até as cenouras ficarem tenras. Retire algumas do caldo, corte em quadradinhos ou bolinhas, e deixe resedvadas. Ponha as aparas outra vez no caldo.
3. Acrescente ao caldo 1 colher de farinha de arroz e deixe ferver.
4. Passe o caldo numa peneira fina, torne a pôr na panela, junte o leite, a manteiga e os quadradinhos ou bolinhas de cenoura, e ferva outra vez, ràpidamente. Sirva muito quente, enfeitando com os raminhos de salsa.



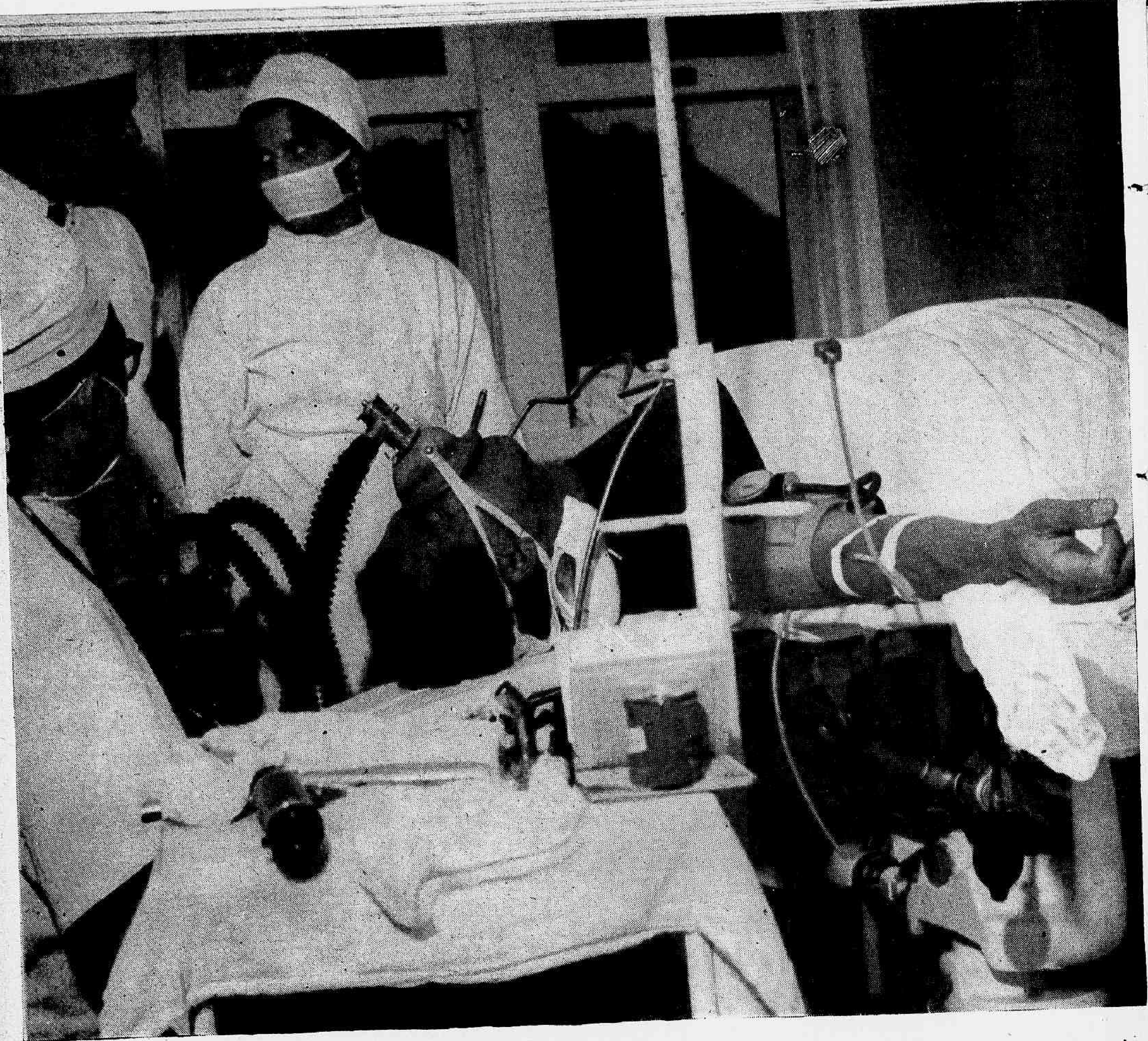
D. Jane, espôsa do «crack» Zizinho, exibe o menisco do famoso jogador de futebol, como quem diz: «Era esta meia-lua que ia acabar com êle...»

OS CRACKS PERDEM O MENISCO

O ESPANTALHO DOS JOGADORES DE FUTEBOL, ATÉ BEM POUCO TEMPO ★ OPERAÇÃO RELATIVAMENTE SIMPLES ★ ADEMIR CAMINHOU DA MESA DE OPERAÇÕES ATÉ SEU QUARTO ★ TREINARÁ EM 30 DIAS.

Texto de **SAMUEL AVERBACH** — Fotos de **ALBERTO FERREIRA**

QUE diabo é êsse tal de «menisco?». Principiou o povo a perguntar, logo que os casos de extração do mesmo começaram a figurar em todos os noticiários de futebol. E o mais curioso é que, recrudescendo ùltimamente a safra de «meniscos», não vêm as operações acompanhadas de algum esclarecimento para o grande público. Muita gente chega a pensar que se trata da rótula, êsse osso a que no norte do Brasil se dá o nome popular de «bolacha». Outras pessoas julgam que menisco é uma moléstia exclusivamente feita para jogador de futebol. Conta-se mesmo que certa senhora residente em Bangu, ao verificar que o filho de quatorze anos era fanático por futebol, não perdendo qualquer terreno para dar seus chutes em



Sob os efeitos da anestesia geral, Zizinho está completamente alheio ao que se passa em redor. Talvez sonhe com os seus futuros goals...



A intervenção para a retirada do menisco de Ademir foi mais rápida e simples, e o famoso jogador pernambucano sòmente faltou chutar.

«peladas» alegres com outros colegas, a fim de afastá-lo da brincadeira, falou-lhe muito severamente:

— Larga essa história de futebol, meu filho. Queres ser atacado de «menisco?».

Mas, afinal de contas, que vêm a ser os tão decantados meniscos?

São duas fibro-cartilagens adaptadas à superfície articular da tíbia para melhor receber as extremidades do fêmur com ela em conjunção. Êsses ligamentos têm a forma de uma lâmina plana semilunar, cuja grossura vai diminuindo da periferia para o centro. Os meniscos, como ligamentos interarticulares do joelho, estão sujeitos a ruturas, que podem ser ocasionadas por certos movimentos bruscos e violentos. Essas ruturas podem trazer uma impotência funcional (dificuldade de movimentação), temporàriamente. Tais cartilagens nunca se regeneram e o tratamento mais indicado para os casos de rutura é a sua extração.

A retirada dêsses ligamentos não acarreta malefícios à função da articulação. Acredita-se que, vários anos depois, essa articulação sofra de um reumatismo mais acentuado do que se contasse ainda com os meniscos.

E muito comum a rutura dos meniscos, nos jogadores de futebol. Isto porque êles trabalham essencialmente com as pernas, que lhes proporcionam as jogadas e os «dribblings» sensacionais que executam. Uma vez ocorrido um tal acidente, começa o sofrimento do craque. Inicialmente, em alguns casos, êle tem de permanecer inativo durante algumas semanas, em completo repouso. Se o traumatismo foi de pequena monta, o joelho volta ao estado normal, depois de algum tempo, e o «player» pode voltar aos treinos.

No caso, porém, de um traumatismo violento, torna-se necessária a extração de um ou de ambos os ligamentos, pois caso contrário, o jogador não poderá continuar em sua carreira.

Até alguns anos atrás, o menisco era o espantalho dos jogadores de futebol. Se sofriam qualquer acidente no joelho, o primeiro e trágico pensamento que lhes ocorria era êsse: «Lá se foi o meu joelho. Estou inutilizado». Sim, porque ninguém, por muito corajoso que fôsse, queria se submeter à faca. O craque preferia abandonar o futebol e seguir pela vida mancando ligeiramente após algum esfôrço mais acentuado, como o correr para atravessar a rua, saltar uma poça dágua, etc. Mas nada de operação. Ainda mais considerando o que se dizia a respeito do terrível ligamento do joelho: as operações eram feitas «a trio», sem anestesia, e o menisco era extraído a ferro, com dores lancinantes para o paciente.

Mas, com o progresso da medicina e a constante conjunção entre o departamento médico dos clubes e o setor do futebol, o assunto passou a ser encarado com menos gravidade; paulatinamente, os esculápios foram convencendo os paredros e os próprios jogadores de que a extração do menisco era uma operação simples e quase inofensiva.

Apareceram então os primeiros heróis. A galeria dos futebolistas que tiveram os meniscos extraídos foi aumentando e atualmente eleva-se a várias dezenas o número dêsses «afoitos». A título de curiosidade citaremos os nomes de alguns dos craques operados nestes últimos dois anos: Pinguela, Lito, Nelson, Adam[illegible] Orlando, Ariosto, Ademir e Zizinho. Os três últimos merecem um certo destaque, pois Ariosto é um dos pouquíssimos jogadores de futebol que se submeteu à extração dos quatro meniscos, e Ademir e Zizinho são dois jogadores de fama internacional, consagrados como dos melhores atacantes que o futebol brasileiro já produziu

(Continua na página 47

Momento em que o dr. Paes Barreto aplica injeção anestésica local, em Ademir, do C. R. Vasco da Gama, para que o mesmo seja depois operado.

PASSATEMPO

LIDERGRAMA Nº 69

A	Nítido; desanuviado →	131	32	15	6	146	21	100
B	Efeito de despejar →	49	66	81	18	91	26	116
C	Função, cargo; ocupação →	69	52	89	30	96	13	118
D	Ato de convidar →	16	48	145	57	105	35	138
E	As fôrças navais →	5	122	62	103	55	140	■
F	Elevar-se; trepar →	119	14	25	53	43	■	■
G	Mornos →	38	80	98	74	59	120	23
H	Tornar a mastigar; remoer →	10	24	65	56	33	110	124
I	Fêz operação →	61	115	82	44	127	27	■
J	Branqueou; tomou como alvo →	71	12	117	107	83	63	41
K	Côr-de-carmim; côr-de-rosa →	1	11	73	29	143	■	■
L	Seguirão →	142	47	2	76	■	■	■
M	Embaraçar; privar →	68	78	94	4	86	135	■
N	Calham; adregam →	132	75	112	64	28	144	88
O	Pancadas; incisões →	92	39	101	121	114	72	■
P	O que se junta a uma obra, para completá-la →	19	77	87	37	133	93	■
Q	Prego de novo →	90	50	129	108	136	40	31
R	Não publicado; nunca visto →	123	54	45	79	36	141	95
S	Salteador; o que vive do crime →	106	147	67	85	46	126	7
T	De propósito; por acinte →	17	102	99	42	111	130	■
U	Brilhando; emitindo luz →	104	51	20	58	70	113	3
V	Recebo por espôsa →	8	22	34	137	84	128	134
W	Enganam; produzem ilusão →	125	139	60	109	9	97	■

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Transportam-se depois para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de um livro, e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se, da esquerda para a direita, teremos um trecho do mesmo livro. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

K 1	L 2	U 3	■	M 4	E 5	■	A 6	S 7	V 8	W 9	H 10	■
K 11	J 12	C 13	F 14	A 15	■	D 16	T 17	B 18	P 19	U 20	■	A 21
V 22	■	G 23	H 24	F 25	B 26	I 27	N 28	K 29	C 30	■	Q 31	■
A 32	H 33	V 34	D 35	R 36	P 37	G 38	O 39	■	Q 40	J 41	T 42	F 43
I 44	R 45	S 46	L 47	D 48	■	B 49	Q 50	■	U 51	C 52	■	F 53
R 54	E 55	H 56	D 57	U 58	G 59	N 60	I 61	,	E 62	J 63	N 64	H 65
B 66	S 67	M 68	C 69	■	U 70	J 71	O 72	K 73	G 74	N 75	L 76	■
P 77	M 78	■	R 79	G 80	B 81	I 82	J 83	V 84	■	S 85	M 86	■
P 87	N 88	C 89	Q 90	B 91	O 92	P 93	—	M 94	R 95	■	C 96	W 97
■	G 98	T 99	A 100	O 101	■	T 102	E 103	■	U 104	D 105	S 106	J 107
Q 108	W 109	H 110	T 111	N 112	■	U 113	O 114	■	I 115	B 116	J 117	C 118
F 119	■	G 120	O 121	E 122	R 123	H 124	W 125	S 126	I 127	V 128	■	Q 129
T 130	A 131	N 132	■	P 133	V 134	M 135	■	Q 136	■	V 137	D 138	W 139
E 140	■	R 141	L 142	K 143	N 144	D 145	A 146	S 147	■	Otaner-Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 68: CASTILHO. NOÇÕES RUDIMENTARES. "Granjeiam-se (ciência e virtude) pelo trabalho, entesouram-se dentro, ninguém nô-las pode roubar, acompanham-nos na solidão, consolam-nos nas desditas, elevam-nos sem nos ensoberbecerem".

O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS

(Conclusão do número anterior)

Esperei um instante o dono da casa. Tardou um pouco. Um tanto trôpego, com um lenço de alcobaça na mão, tomando veneràvelmente o simonte de antanho, foi cheio de respeito que o vi chegar. Tive vontade de ir-me embora. Mesmo se não fôsse êle o discípulo, era sempre um crime mistificar aquêle ancião, cuja velhice trazia à tona do meu pensamento alguma coisa de augusto, de sagrado. Hesitei, mas fiquei. «Eu sou, avancei, o professor de javanês que o senhor disse precisar. — Sente-se — respondeu-me o velho. O senhor é daqui do Rio? — Não, sou de Canavieiras. — Como? fêz êle. Fale um pouco alto, que sou surdo. — Sou de Canavieiras, na Bahia, insisti eu. — Onde fêz os seus estudos? — Em São Salvador. — E onde aprendeu o javanês? indagòu êle, com aquela teimosia peculiar aos velhos.

Não contava com essa pergunta, mas imediatamente arquitetei uma mentira. Contei-lhe que meu pai era javanês. Tripulante de um navio mercante, viera ter à Bahia, estabelecera-se nas proximidades de Canavieiras como pescador, casara, prosperara, e fôra com êle que aprendera javanês.

— E êle acreditou? E o físico? — perguntou meu amigo, que até então me ouvira calado.

— Não sou, objetei, lá muito diferente de um javanês. Êstes meus cabelos corridos, duros e grossos, e a minha pele **basanée**, podem dar-me muito bem o aspecto de um mestiço malaio... Tu sabes bem que, entre nós, há de tudo: índios, malaios, taitianos, malgaches, guanches, até godos. É uma comparsaria de raças e tipos de fazer inveja ao mundo inteiro.

— Bem, fêz meu amigo, continua.

— O velho, emendei eu, ouviu-me atentamente, considerou demoradamente o meu físico, pareceu que me julgava de fato filho de malaio e perguntou-me com doçura: «Então está disposto a ensinar-me o javanês?». A resposta saiu-me sem querer: «Pois não». — «O senhor há-de ficar admirado, aduziu o barão de Jacuecanga, que eu, nesta idade, ainda queira aprender qualquer coisa, mas...».

— Não tenho que admirar. Têm-se visto exemplos e exemplos muito fecundos.

— O que eu quero, meu caro senhor...? — Castelo, adiantei eu. — O que eu quero, meu caro senhor Castelo, é cumprir um juramento de família. Não sei se o senhor sabe que sou neto do conselheiro Albernaz, aquêle que acompanhou Pedro I, quando abdicou. Voltando de Londres, trouxe para aqui um livro em língua esquisita, a que tinha grande estimação. Fôra um indu ou siamês que lho dera, em Londres, em agradecimento a não sei que serviço prestado por meu avô. Ao morrer meu avô, chamou meu pai e lhe disse: «Filho, tenho êste livro aqui, escrito em javanês. Disse-me quem mo deu que êle evita desgraças e traz felicidades para quem o tem. Eu não sei nada ao certo. Em todo o caso, guardo-o; mas, se queres que o fado que me deitou o sábio oriental se cumpra, faze com que teu filho o entenda, para que sempre a nossa raça seja feliz». — Meu pai, continuou o velho barão, não acreditou muito na história; contudo, guardou o livro. Às portas da morte, êle mo deu e disse-me o que prometera ao pai. Em começo, pouco caso fiz da história do livro. Deitei-o a um canto e fabriquei minha vida. Cheguei até a esquecer-me dêle; mas, de uns tempos a esta parte, tenho passado por tanto desgôsto, tantas desgraças têm caído sôbre a minha velhice que me lembrei do talismã da família. Tenho que o ler, que o compreender, se não quero que os meus últimos dias anunciem o desastre da minha posteridade; e, para entendê-lo, é claro que preciso entender o javanês. Eis aí.

Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado, deu-me as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, sobrinhos, só lhe restando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, débil de corpo e de saúde frágil e oscilante.

Veio o livro. Era um velho calhamaço, um in-quarto antigo, encardenado em couro, impresso em grandes letras, em papel amarelo e grosso. Faltava a fôlha do rosto e por isso não se podia ler a data da impressão. Tinha ainda umas páginas de prefácio, escrita em inglês onde li que se tratava das histórias do príncipe Fulanga, escritor javanês de muito mérito.

Logo informei disso o velho barão que, não percebendo que eu tinha chegado aí pelo inglês, ficou tendo em alta consideração o meu saber malaio. Estive ainda folheando o cartapácio, à laia de quem sabe magistralmente aquela espécie de vasconço, até que afinal contratamos as condições de preço e de hora, comprometendo-me a fazer com que êle lesse o tal alfarrábio antes de um ano.

Dentro em pouco dava a minha primeira lição, mas o velho não foi tão diligente quanto eu. Não conseguia aprender a distinguir e a escrever nem sequer quatro letras. Enfim, com metade do alfabeto levamos um mês e o senhor barão de Jacuecanga não ficou já muito senhor da matéria: aprendia e desaprendia.

A filha e o genro (penso que até aí nada sabiam da história do livro) vieram a ter notícia do estudo do velho; não se incomodaram. Acharam graça e julgaram a coisa boa para distraí-lo.

Mas com o que tu vais ficar assombrado, meu caro Castro, é com a admiração que o genro ficou tendo pelo professor de javanês. Que coisa única! Êle não se cansava de repetir: «É um assombro! Tão moço! Se eu soubesse isso, ah! onde estava!».

O marido de D. Maria da Glória (assim se chamava a filha do barão), era desembargador, homem relacionado e poderoso; mas não se pejava em mostrar diante de todo mundo a sua admiração pelo meu javanês. Por outro lado, o barão estava contentíssimo. Ao fim de dois meses, desistira da aprendizagem e pedira-me que lhe traduzisse, um dia sim outro não, um trecho do livro encantado. Bastava entendê-lo, disse-me êle; nada se opunha que outrem o traduzisse e êle ouvisse. Assim evitava a fadiga do estudo e cumpria o encargo.

Sabes bem que até hoje nada sei de javanês, mas compus umas histórias bem tolas e impingi-as ao velhote como sendo do **chronicon.** Como êle ouvia aquelas bobagens!... Ficava extático, como se estivesse a ouvir palavras de um anjo. E eu crescia aos seus olhos!

Fêz-me morar em sua casa, enchia-me de presentes, aumentava-me o ordenado. Passava, enfim, uma vida regalada.

Contribuiu muito para isso, o fato de vir êle a receber uma herança, de um seu parente esquecido, que vivia em Portugal. O bom velho atribuiu a causa ao meu javanês; e eu estive quase a crê-lo, também.

Fui perdendo os remorsos; mas, em todo o caso, sempre tive mêdo que me aparecesse, pela frente, alguém que soubesse o tal patuá malaio. E êsse meu temor foi grande quando o doce barão me mandou, com uma carta, ao visconde de Caruru, para que me fizesse entrar na diplomacia. Fiz-lhe tôdas as objeções: a minha fealdade, a falta de elegância, o meu aspecto tagalo. — «Qual retrucava êle. Vá, menino; você sabe javanês!» — Fui. Mandou-me o visconde para a Secretaria dos Estrangeiros com diversas recomendações. Foi um sucesso.

Sensacional!
CR.$ 50
ALBUM RUBRO NEGRO
CR.$ 40
CR.$ 5
VIDA DO CRACK
ADEMIR, BIGUÁ, ZIZINHO, CASTILHO, SANTOS, PINGA
À venda nas Bancas de Jornais
Pedidos pelo Reembôlso Postal à Editôra Brasilidade Limitada. Rua da Quitanda nº 59-2º and. Rio de Janeiro — C. Postal 2733

O diretor chamou o chefe de secção: ¿Vejam só, um homem que sabe javanês — que portento!».

Os chefes de secção levaram-me aos oficiais e amanuenses e houve um dêstes que me olhou mais com ódio do que com inveja ou admiração. E todos diziam: «Então sabes javanês? É difícil! Não há quem o saiba aqui!».

O tal amanuense, que me olhou com ódio, acudiu então: «É verdade, mas eu sei canaque. O sr. sabe?». Disse-lhe que não e fui à presença do ministro.

A alta autoridade levantou-se, pôs as mãos às cadeiras, consertou o pincenê, no nariz e perguntou: «Então, sabe javanês?». Respondi-lhe que sim; e à sua pergunta onde o tinha aprendido, contei-lhe a história do pai javanês. «Bem, disse-me o ministro, o sr. não deve ir para a diplomacia o seu físico não se presta . . . O bom seria um consulado na Asia ou Oceania. Por ora, não há vaga, mas vou fazer uma reforma e o senhor entrará. De hoje em diante, porém, fica adido ao meu ministério e quero que, para o ano, parta para Bâle, onde vai representar o Brasil no Congresso de Lingüística. Estude, leia o Hovelacque, o Max Muller, e outros!».

Imagina tu que eu, até aqui, nada sabia de javanês, mas estava empregado e iria representar o Brasil em um congresso de sábios.

O velho barão veio a morrer, passou o livro ao genro para que o fizesse chegar ao neto, quando tivesse a idade conveniente, e fêz-me uma deixa no testamento.

Pus-me, com afã, no estudo das línguas maléu-polinésicas; mas não havia meio!

Bem jantado, bem vestido, bem dormido, não tinha energia necessária para fazer entrar na cachola aquelas coisas esquisitas. Comprei livros, assinei revistas: **Revus Anthropologique et Linguistique, Proceedings of the English. Oceanic Association, Archivio Glottologico Italiano,** o diabo, mas nada! a minha fama crescia. Na rua, os informados apontavam-me, dizendo aos outros: «Lá vai o sujeito que sabe javanês». Nas livrarias os gramáticos consultavam-me sôbre a colocação de pronomes no tal jargão das ilhas de Sonda. Recebia cartas dos eruditos do interior, os jornais citavam o meu saber e recusei aceitar uma turma de alunos sequiosos de aprenderem o tal javanês. A convite da redação, escrevi no **Jornal do Comércio,** um artigo de quatro colunas sôbre a literatura javanesa, antiga e moderna . . .

— Como, se tu nada sabias? interrompeu-me o atento Castro.

— Muito simplesmente: primeiramente, descrevi a ilha de Java, com o auxílio de dicionários e umas poucas de geografias, e depois citei a mais não poder.

— E nunca duvidaram? perguntou-me ainda o meu amigo.

— Nunca. Isto é, uma vez quase fico perdido. A polícia prendeu um sujeito, um marujo, um tipo bronzeado que só falava uma língua esquisita. Chamaram diversos intérpretes, ninguém o entendia. Fui também chamado, com todos os respeitos que a minha sabedoria merecia, naturalmente. Demorei-me em ir, mas fui afinal. O homem já estava sôlto, graças à intervenção do cônsul holandês, a quem êle se fêz compreender com meia-dúzia de palavras holandesas. E o tal marujo era javanês — uff!

Chegou, enfim, a época do Congresso, e lá fui para a Europa. Que delícia! Assisti à inauguração e às sessões preparatórias. Inscreveram-me na secção do tupi-guarani e eu abalei para Paris. Antes, porém, fiz publicar, no **Mensageiro de Bâle,** o meu retrato, notas biográficas e bibliográficas. Quando voltei, o presidente pediu-me desculpas por me ter dado aquela secção. Não conhecia os meus trabalhos e julgara que, por ser eu americano-brasileiro, me estava, naturalmente, indicada a secção do tupi-guarani. Aceitei as explicações e, até hoje, ainda não pude escrever as minhas obras sôbre o javanês, para lhe mandar, conforme prometi.

Acabado o Congresso, fiz publicar extratos do artigo do **Mensageiro de Bâle** em Berlim, em Turim e Paris, onde os leitores de minhas obras me ofereceram um banquete, presidido pelo senador Gorot. Custou-me, tôda essa brincadeira, inclusive o banquete que me foi oferecido, cêrca de dez mil francos, quase tôda a herança do crédulo e bom barão de Jacuecanga.

Não perdi tempo nem meu dinheiro. Passei a ser uma glória nacional e, ao saltar no cais Pharoux, recebi uma ovação de tôdas as classes sociais e o Presidente da República, dias depois, convidava-me para almoçar em sua companhia.

Dentro de seis meses fui despachado cônsul em Havana, onde estive seis anos e para onde voltarei, a fim de aperfeiçoar os meus estudos das línguas da Malaia, Melanésia e Polinésia.

— É fantástico, observou Castro, agarrando o copo de cerveja.

— Olha: se não fôsse estar contente, sabes que ia ser?

— Que?

— Bacteriologista eminente. Vamos?

— Vamos.

OS CRACKS PERDEM O MENISCO

(Cont. da pág. 44)

Na opinião do público amante do «association», é grande a rivalidade existente entre os dois craques pernambucano e fluminense. No entanto, êles são bons amigos na vida real, e não existe qualquer dissenção entre os companheiros de memoráveis partidas internacionais. Como uma espécie de coincidência, porém, tão logo Ademir se viu obrigado a operar um dos meniscos, o mesmo aconteceu com Zizinho.

O craque vascaíno foi operado pelo dr. Newton Paes Barreto, na Cruz Vermelha Brasileira e, quando esta reportagem estiver sendo lida, Ademir já deverá estar reiniciando os treinos para a volta ao esquadrão principal do seu clube. Uma particularidade que merece destaque, em tôrno da sua intervenção cirúrgica, foi a ordem que o cirurgião lhe deu, tão logo encerrou a operação:

— Levante-se e ande.

E Ademir caminhou da mesa de operações até o seu quarto, apoiando-se na sua dedicada espôsa e em Carlos Volante.

O «caso» Zizinho apresentou um pouco mais de sensacionalismo, pois o craque relutou bastante em submeter-se à operação. Só depois de examinado pelos médicos do Bangu, clube ao qual presta serviços, e por uma junta médica, o renomado «in-sider» concordou em extrair o menisco.

Foi operado pelo dr. Pedro da Cunha Filho, na Fundação Clara Basbaum, e a intervenção durou exatamente cinco minutos e trinta e oito segundos. Diversamente da operação de Ademir, em que houve apenas anestesia local, Zizinho foi totalmente anestesiado, não assistindo à extração do «mais famoso menisco do futebol brasileiro», como já é referido por muitos.

Minutos após esta operação, o dr. Pedro da Cunha Filho efetuou uma nova intervenção semelhante no «player» Waldir da Guia, também defensor do Bangu e, por sinal, o quarto jogador dêsse clube a ser operado pelo referido cirurgião.

Após a extração do menisco, os craques são submetidos a um período de repouso que medeia entre sete e oito dias. Em seguida, durante mais vinte dias, limitam-se a tomar banho de sol, visando um rápido fortalecimento do joelho. Com as massagens e um pouco de ginástica leve, está encerrado o tratamento pós-operatório e os ídolos do público já podem voltar aos treinos, a fim de defenderem suas côres em canchas do Brasil e do estrangeiro.

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA

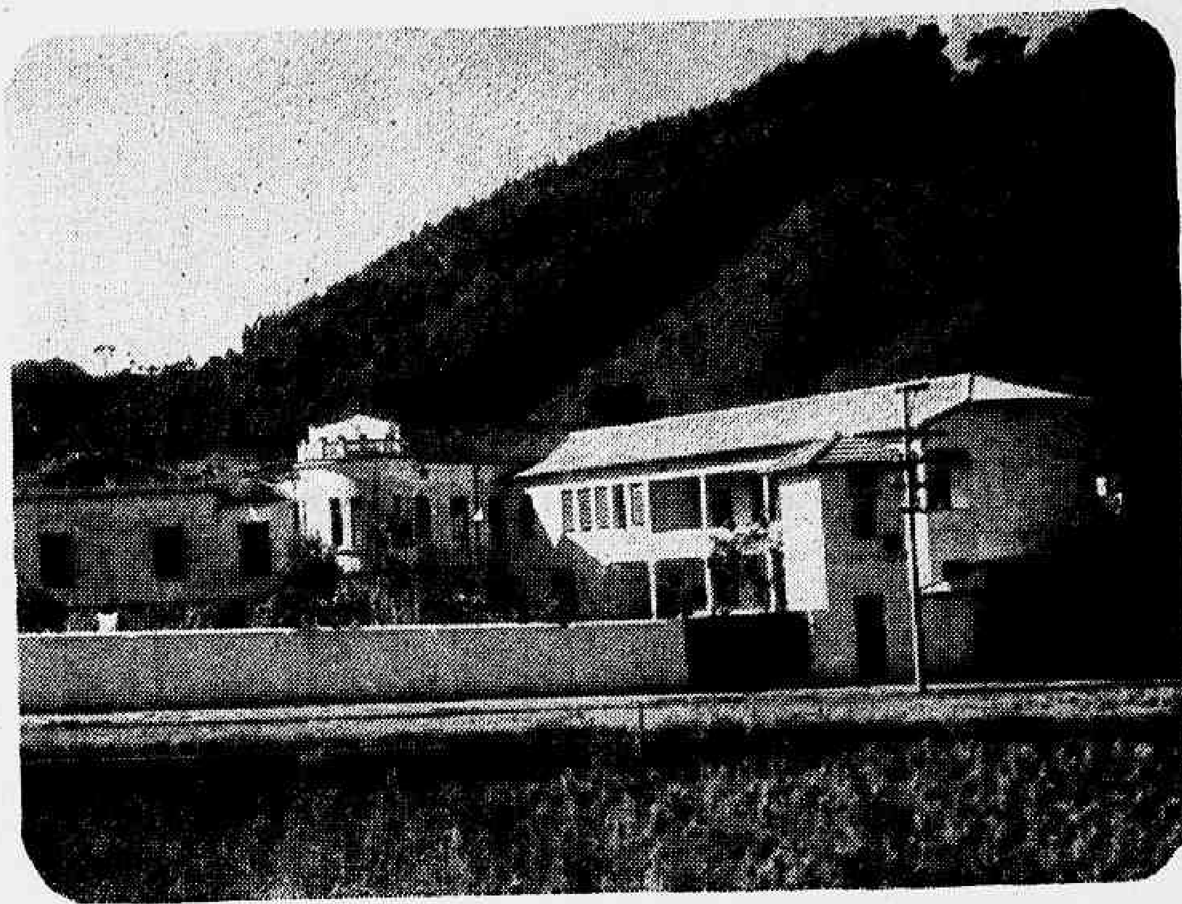


Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 - S. Paulo
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.



ÁGUAS DA PRATA

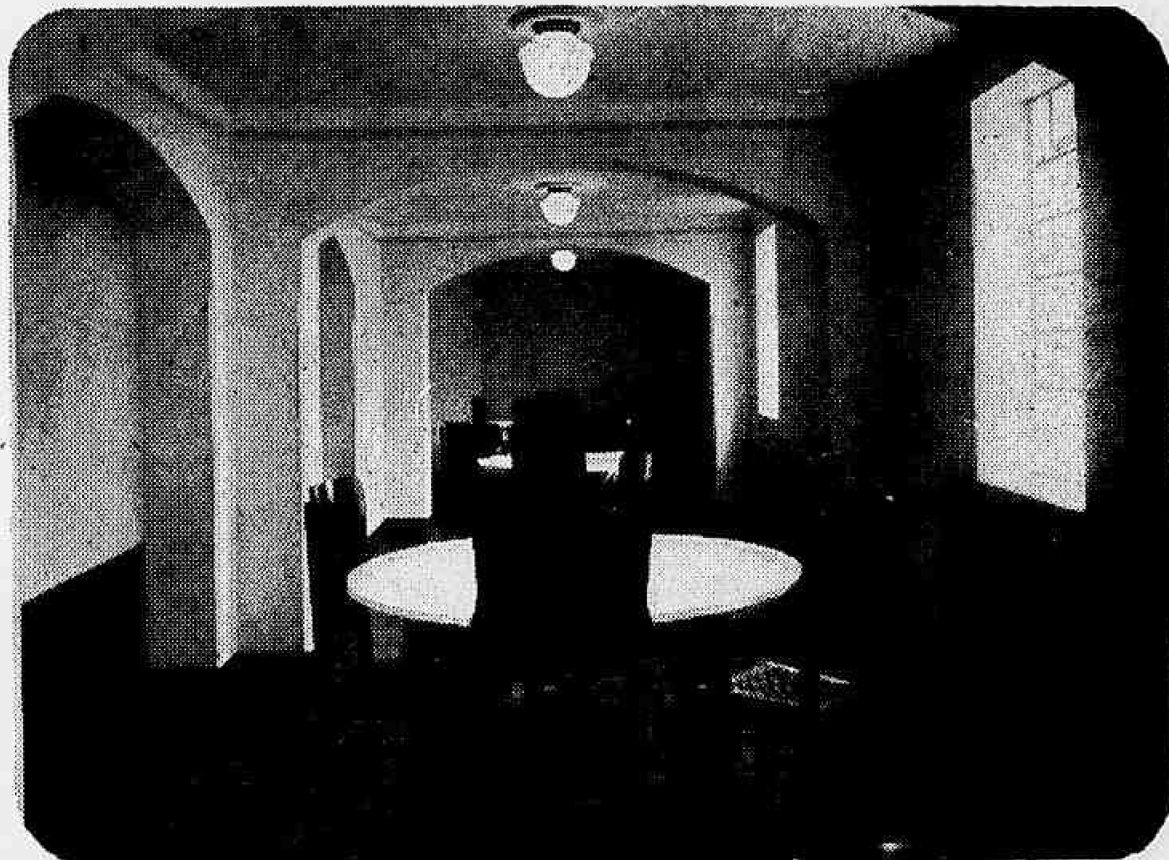
ESTADO DE SÃO PAULO

Telefones 41, 20 e 29 (Rêde interna)

GRANDE HOTEL PRATA

Avenida Vichy Nº 9

O mais bem montado da Estância — 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados, com telefone em todos os aposentos.



- SALÃO PARA CRIANÇAS
- SALÃO DE CHÁ
- SALÃO DE JOGOS
- SALÃO DE ESTAR E FESTAS
- CINEMA ÒTIMAMENTE INSTALADO
- BILHAR E «SNOOKER»
- BAR BEM INSTALADO
- BARBEARIA E MANICURE

RESERVAS PELAS EMPRÊSAS DE TURISMO, OU DIRETAMENTE PARA O HOTEL POR CARTA, TELEFONE OU TELEGRAMA.

Até 30 de dezembro: desconto de 20% sôbre os preços da tabela.



BRAZÍLIA
AGÊNCIA DE VIAGEM E TURISMO
FUNDADA EM 1937

CAPITAL SOCIAL
3.000.000,00
(Integralizado)
Carta Patente n.º 146

Oferece o formidável

PLANO DE ECONOMIA

Série "C"

O plano Série "C" da Brazília além de ajudá-lo a cultivar o hábito sadio da economia, proporciona-lhe as seguintes vantagens:

a) — Prêmios de Cr$ 200.000,00; Cr$ 100.000,00; Cr$ 80.000,00; Cr$ 20.000,00; Cr$ 10.000,00, etc.

b) — Resgate por antecipação;

c) — Resgate por falecimento;

d) — Dividendos ou bonificações anuais;

e) — Seguros contra acidentes pessoais;

f) — Sugestões relacionadas a viagens, repousos ou excursões;

g) — Informações sôbre matéria de interêsse turístico;

h) — Reembôlso integral.

MENSALIDADE — 50,00

Peçam informações

BRAZILIA TURISTICA E COMERCIAL, S. A.

SEDE PRÓPRIA: Rua Visc. de Inhaúma, 134 - 4.º pav.

Agências e Sucursais em todos os Estados

TELEFONE: 43-8475

ELIZABETH DA INGLATERRA

(Cont. da pág. 34)

— Para desempenhar-me de uma missão *in extremis*.

— Se fôr em relação àquele conde de Essex, tenho boas razões para acreditar que não procuraremos de nenhum modo fazer com que ela se apiede. Seria uma ofensa para mim, teu marido, e te porias contra a maioria dos inglêses, que pedem justiça e não a concebem senão com a condenação à morte do seu pior inimigo.

— No entanto, eu prometi.

— Que prometeste?

— Entregar êste anel à rainha, de parte do condenado.

— Ninguem, e eu em primeiro lugar, ha de te impedir de fazê-lo. Evidentemente trata-se de uma determinação testamentaria. Eu mesmo me ocuparei de entregá-lo à rainha.

— Quando?

— Depois da morte do testador, como ordena a lei, minha cara, entregaremos o anel. Deixa comigo e não te preocupes. Guarda com a máxima discreção o anel, para que o apresentemos no momento oportuno à rainha. Minha querida, teu marido sempre te aconselhou bem, não é verdade?

— Acho que sim.

— Devias ter respondido: não tenho dúvida.

Por isso, Elizabeth nunca recebeu o pedido de clemência que esperava. Por isso não lhe foi entregue o anel do conde de Essex. Por isso, não podendo mais prorrogar a assinatura da sentença de morte deu a si mesma o golpe mais grave que sofreu em tôda sua existência. Desde êsse dia realmente, começou a sua agonia e a sua verdadeira punição.

Ficou sòzinha a partir do momento em que o carrasco separou a cabeça do corpo de seu último amante e foi assim que terminou a vida como a iniciara, entre duas lâmpadas funerárias que iluminaram um corpo sanguinolento. Ficou sòzinha numa tremenda espessura de trevas. Ouvia, tremendo, as vozes dos mortos por ordem e vontade sua, nos patíbulos da Inglaterra, da Irlanda e da Escócia. Entre êles ouvia os gritos dos naufragos de suas esquadras prepotentes que lançam o corço sôbre os mares a devastar cidades... ouvia os lamentos [illegible] dos soldados enviados a terras estrangeiras para conquistas inglêsas de regiões longínquas. Ficou sòzinha com sua velhice angustiada pela falta de uma família e da ternura de um filho.

★

No entanto, o seu nome — diz um de seus biógrafos — ainda suscita o entusiasmo do mais ardente amor pátrio. O despotismo a que Henrique VIII habituara seus súditos tira apenas sentido [illegible] de Elizabeth, porque sempre [illegible] como sendo apara [illegible] Sua falsidade parece [illegible] ser apenas um refinamento político: [illegible] até mesmo nos [illegible] desejar ser a mais [illegible] da Inglaterra, não parece [illegible] ridícula. Êsse [illegible] não é único. [illegible] que se ocuparam particularmente do estudo da vida desta [illegible] ainda [illegible] com severidade [illegible] e para sua [illegible] para com Maria Stuart.

[illegible] salas da[illegible] onde passava [illegible] de cortesãos que [illegible] em sua frente.

[illegible] nem as no[illegible] nem [illegible] de seus ge[illegible] do parla[illegible] de suas von[illegible]

[illegible]

— [illegible] a pessoa que pede a [illegible]

— [illegible]

— [illegible]

— [illegible]

— [illegible]

— [illegible]

— [illegible] Elizabeth [illegible]

— [illegible]

— [illegible] a vossa ma[illegible]

— Em sua consciência há o pêso da vida de um homem. Sabia?

Amarga ironia! Ela, exatamente ela, responsabilizava uma mulher pela morte de uma criatura humana e fazia-se de juiz inexorável de uma culpa da qual estava manchada tôda sua existência.

— Eu o sei, majestade. Vivi dois anos num inferno. Creio que o remorso apressou meu fim. Desejaria morrer confortada pelo vosso perdão, majestade.

Os olhos de Elizabeth chamejaram. A ferocidade que com ela nascera, herança paterna, aflorou naquele instante em seu coração endurecido. Respondeu à moribunda:

— Deus, só Deus pode perdoar, porque o meu perdão não terá jamais!

Assistiu, no aposento, fechado por sua ordem, aos últimos instantes daquela vida martirizada pelo remorso, como uma fúria vingadora. Quando se assegurou de que a pobrezinha exalara o último suspiro, deu-lhe as costas e voltou ao palácio, apertando nas mãos o anel inútil.

★

Desde aquêle momento, porém, o golpe que havia de abatê-la fôra dado em cheio. Alguma coisa se rompera por dentro daquele misterioso e complicado mecanismo que era sua alma.

Sobrevivia, apenas, uma vontade férrea de morrer, e de truncar uma existência que havia percorrido uma órbita extraordinária, sob todos os aspectos.

— Seria bom que vossa majestade se deitasse — aconselhou-lhe um dos médicos.

— Não quero me deitar.

— No entanto, o repouso é a única condição para enfrentar, com algum êxito, a debilidade de vossa majestade.

— Não quero descansar.

Levantava levemente a cabeça e fixava as pupilas negras dos que a procuravam ajudá-la. Êstes, desgostosos com sua férrea tenacidade, inclinavam-se e deixavam-na sòzinha, levantando os ombros quando, nas antecâmaras, os corbros quando, nas antecâmaras, os cor-

(Cont. na pág. 50)

RESPOSTAS DA PÁGINA 36

1 — O melhor pôrto militar do mundo
2 — Que perdeu a nacionalidade
3 — Pará-Maranhão
4 — O Conde d'Eu
5 — As águas minerais
6 — O camelo
7 — Doble
8 — Ilharga
9 — Nos matadouros
10 — Um vaso
11 — O barrete frígio
12 — Nas mãos
13 — Pela picada do mosquito (anófeles)
14 — Da arte de cozinhar
15 — Cutícula

BÉL-HORMON
A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente: aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

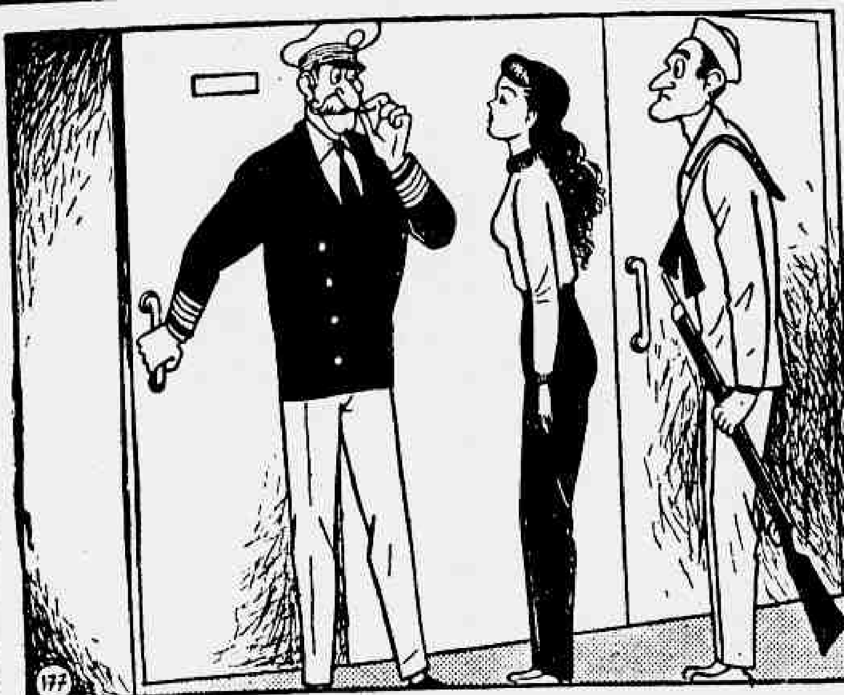
BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 55 — Rio de Janeiro

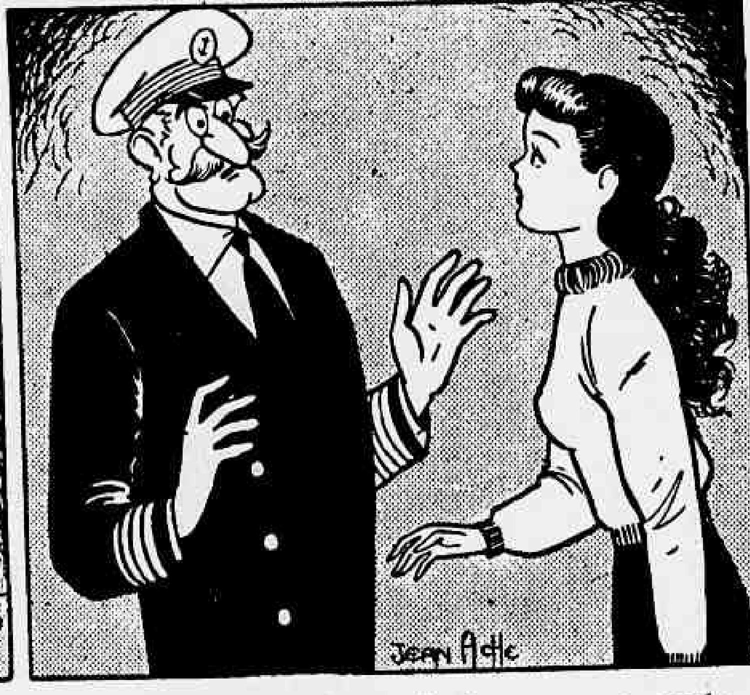
Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

ARABELLE a última sereia



Arabelle pede a um marinheiro que a leve à presença do comandante, e, ao fim do corredor, encontra-se com êle. Pede-lhe a moça que lhe conceda, ao menos, mandar buscar o seu amigo Kouki.



O oficial goza o temor da jovem; mas, preferindo manter o prestígio, responde que, infelizmente, nada pode fazer, uma vez que, para o mundo, havia já três horas que **morrera.**



Com efeito, naquele mesmo dia os jornais publicavam, em gordos títulos, o seguinte: «Arabelle, a última sereia, morreu afogada ao procurar salvar o último passageiro do avião sinistrado.»



Bimbleton, que estava preocupado com a filha adotiva, lê nos jornais em Hollywood, onde se encontrava, ao almôço, o desaparecimento de Arabelle.



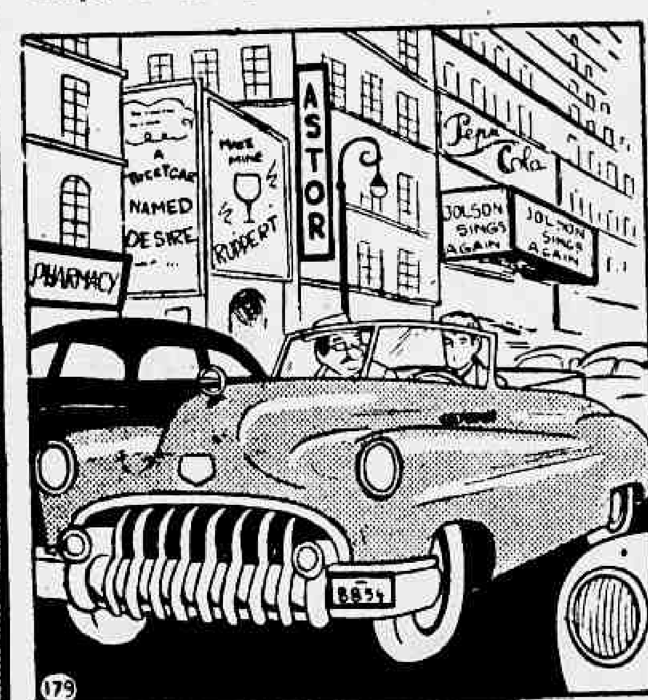
Não termina a refeição e se precipita para o dormitório de seu filho, a quem narra o caso. John Bimbleton corre ao telefone para se certificar.



Mas, antes de ligar, uma voz lhe diz: — «Sinto muito, senhor; porém êsse telefone está sob censura. E, assim, é inútil tentar fazer qualquer ligação.»



John fica desolado e diz ao pai: — «Vamos, papai! Não há tempo a perder. Vista-se, enquanto eu vou buscar o carro na garagem.»



Minutos depois, rodam pelas ruas da cidade de Los Angeles e combinam um plano para descobrir Arabelle, a qual, de certo, estava viva, sem dúvida.



Êles dois tinham certeza de que ela não havia morrido afogada. E foram à Chefatura de Polícia, onde esperavam vir a saber algo do amigo Pat.



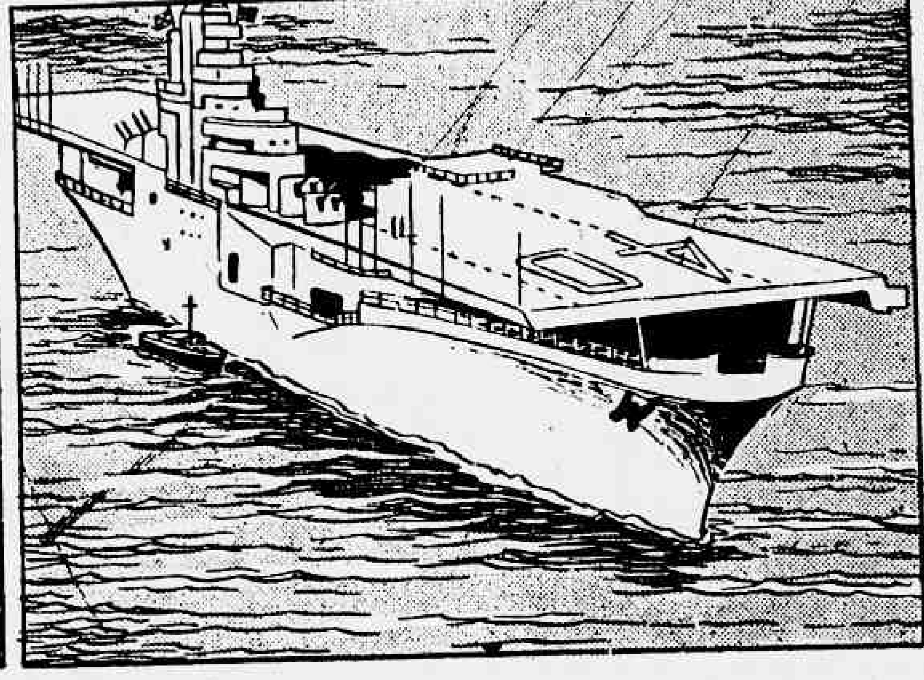
Mas o guarda de plantão lhes diz que o Chefe, no momento, não estava. Havia sido chamado ao Ministério do Exterior, fazia pouco.



Aturdidos por todos êsses contratempos, vão à redação do maior jornal da cidade de Los Angeles, falar com o amigo Nat.



Enquanto seus amigos procuravam, por todos os meios, libertá-la, Arabelle sente que a levam para o alto-mar, e, em dado momento, avista um porta-aviões



A lancha encosta ao enorme porta-aviões, que, pelo aspecto, não tem tripulação. Depois, ela vê dois marujos armados. É então conduzida, sob escolta, para bordo do vaso de guerra, e levada a uma cabine.



Quando entra, Arabelle fica surpreendida por ver muitos oficiais e, também, alguns civis, notando que entre êles se encontra o Chefe de Polícia Pat, que é amigo dos Bimbleton.

História de VANIA LAUREZ

Desenhos de JEAN HACHE

ELIZABETH DA INGLATERRA

(Cont. da pág. 48)

tesãos curiosos procuravam que lhes dessem notícias da soberana.

Como não fôsse possível fazê-la deitar-se e repousar, não se conseguiu, também, induzi-la a se alimentar. Sentada sôbre algumas almofadas, com um dedo sôbre os lábios, durante dez dias pareceu não ver ninguém. O povo esperava em frente ao palácio, olhando as janelas dos aposentos particulares da rainha.

No fim do décimo dia, fêz sinal a uma das camareiras de aproximar-se e ordenou-lhe que dissesse a seu escudeiro para convocar, o mais ràpidamente possível, o conselho dos ministros, em seu próprio quarto. Não foi preciso fazer convites porque os ministros estavam reunidos permanentemente numa das salas junto ao quarto de Elizabeth. Quando viu todos à sua volta, encontrou fôrças para dizer:

— Desejo assinar o decreto pelo qual reconheço como herdeiro do trono da Inglaterra a Jaime Stuart, filho de minha prima Maria Stuart.

O decreto foi aprovado no mais breve tempo possível e ela assinou-o, procurando manter firme a mão que tremia. Entregou-o a um dos ministros com uma só palavra.

— Ei-lo.

Depois disso, deu a entender que desejava ficar sòzinha.

Sòzinha, porém, não ficou. De um ângulo do quarto, já envolto nas trevas de um enevoado dia de abril, saiu uma sombra dolorosa, de fisionomia suave e piedosa, com o pescoço retalhado de vermelho. Elizabeth estendeu as mãos ordenando à sombra que se afastasse. Como esta não obedecesse, ao contrário, dela se aproximava, levou as mãos aos olhos e fechou-os.

Por isso não foi preciso que os fechassem aquêles que, entrando no quarto pouco depois, a encontraram morta.

FIM

A seguir: FRANCESCA DA RIMINI

«Uma criaturinha que nascera para amar e para ser feliz, mas que encontrou no amor a morte e morreu sem temor».

A CAOLHA

(Continuação da pág. 51)

Decorreram alguns anos e chegou a vez de Antonico se apaixonar. Até ai, numa ou noutra pretensão de namôro que êle tivera, encontrara sempre uma resistência que o desanimava, e que o fazia retroceder sem grandes mágoas. Agora, porém, a coisa era diversa: êle amava! amava como um louco a linda moreninha da esquina fronteira, uma rapariguinha adorável, de olhos negros como veludo e bôca fresca como um botão de rosa. O Antonico voltou a ser assíduo em casa e expandia-se mais carinhosamente com a mãe; um dia, em que viu os olhos da morena fixarem os seus, entrou como um louco no quarto da caolha e beijou-a mesmo na face esquerda, num transbordamento de esquecida ternura!

Aquêle beijo foi para a infeliz uma inundação de júbilo! tornara a encontrar o seu querido filho! pôs-se a cantar tôda a tarde, e nessa noite, ao adormecer, dizia consigo:

— Sou muito feliz... o meu filho é um anjo!

Entretanto, o Antonico escrevia, num papel fino, a sua declaração de amor à vizinha. No dia seguinte mandou-lhe cedo a carta. A resposta fêz-se esperar. Durante muitos dias Antonico perdia-se em amarguradas conjeturas.

Ao principio pensava:

— "E' o pudor". Depois começou a desconfiar de outra coisa; por fim recebeu uma carta em que a bela moreninha confessava consentir em ser sua mulher, se êle se separasse completamente da mãe! Vinham explicações confusas, mal alinhavadas; lembrava a mudança de bairro, êle ali era muito conhecido por filho da caolha, e bem compreendia que ela não se poderia sujeitar a ser alcunhada em breve de — nora da caolha, ou coisa semelhante!

O Antonico chorou. — Não podia crer que a sua casta e gentil moreninha tivesse pensamentos tão práticos!

Depois o seu rancor voltou-se para a mãe.

Ela era a causadora de tôda a sua desgraça! Aquela mulher perturbara a sua infância, quebrava-lhe tôdas as carreiras, e agora o seu mais brilhante sonho de futuro sumia-se diante dela! Lamentava-se por ter nascido de mulher tão feia, e resolveu procurar meio de separar-se dela: considerar-se-ia humilhado continuando sob o mesmo teto; havia de protegê-la de longe, vindo de vez em quando vê-la à noite, furtivamente...

Salvava assim a responsabilidade do protetor e, ao mesmo tempo, consagraria à sua amada a felicidade que lhe devia em troca do seu consentimento e amor...

Passou um dia terrível: à noite, voltando para casa levava o seu projeto e a decisão de o expor à mãe.

A velha, agachada à porta do quintal, lavava umas panelas com um trapo engordurado. O Antonico pensou: "A dizer a verdade eu havia de sujeitar minha mulher a viver em companhia de... uma tal criatura?" Estas últimas palavras foram arrastadas pelo seu espírito com verdadeira dor. A caolha levantou para êle o rosto, e o Antonico, vendo-lhe o pus na face, disse:

— Limpe a cara, mãe...

Ela sumiu a cabeça no avental, êle continuou:

— Afinal, nunca me explicou bem a que é devido êsse defeito!

— Foi uma doença, respondeu sufocadamente a mãe: é melhor não lembrar isso!

— E é sempre a sua resposta: é melhor não lembrar isso! Por que?

— Porque não vale a pena, nada se remedeia...

— Bem! agora escute: tragò-lhe uma novidade: o patrão exige que eu vá dormir na vizinhança da loja... já aluguei um quarto; a senhora fica aqui e eu virei todos os dias saber de sua saúde ou se tem necessidade de alguma coisa... E' por fôrça maior; não temos remédio senão sujeitar-nos!...

Êle, magrinho, curvado pelo hábito de costurar sôbre os joelhos, delgado e amarelo como todos os rapazes criados à sombra das oficinas, onde o trabalho começa cedo e o serão acaba tarde; tinha lançado naquelas palavras tôda a sua energia, e espreitava agora a mãe com um ôlho desconfiado e medroso.

A caolha levantou-se, e, fixando o filho com uma expressão terrível, respondeu com doloroso desdém:

— Embusteiro! o que você tem é vergonha de ser meu filho! Saia! Saia que eu também já sinto vergonha de ser mãe de semelhante ingrato!

O rapaz saiu cabisbaixo, humilde, surprêso da atitude que assumia a mãe, até então sempre paciente e cordata; ia com mêdo, maquinalmente, obedecendo à ordem que tão feroz e imperativamente lhe dera a caolha.

Ela acompanha-o, fechou com estrondo a porta, e vendo-se só, encostou-se cambaleante à parede do corredor e desabafou em soluços.

O Antonico passou uma tarde e uma noite de angústia.

Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem e via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, lábios adelgaçados pelo ódio, narinas dilatadas, o ôlho direito saliente a penetrar-lhe até o fundo do coração, o ôlho esquerdo arrepanhado, murcho — e sujo de pus; via a sua atitude altiva, o seu dedo ossudo, de falanges salientes, apontando-lhe com energia a porta da rua; sentia-lhe ainda o som cavernoso da voz, e o grande fôlego que ela tomara para dizer as verdadeiras e amargas palavras que lhe atirara no rosto; via tôda a cena na véspera e não se animava a prostrar com o perigo de outra semelhante.

Providencialmente, lembrou-se da madrinha, única amiga da caolha, mas que, entretanto, raramente a procurava.

Foi pedir-lhe que interviesse, e contou-lhe sinceramente tudo que houvera.

— Eu previa isso mesmo, quando aconselhava tua mãe a que te dissesse a verdade inteirfa; ela não quis, aí está!

— Que verdade, madrinha?

— Hei-de dizer-te perto dela; anda, vamos lá!

Encontraram a caolha a tirar umas nódoas do fraque do filho, — queria mandar-lhe a roupa limpinha. A infeliz arrependera-se das palavras que dissera e tinha passado tôda a noite à janela, esperando que o Antonico voltasse ou passasse apenas... Via o porvir negro e vazio e já se queixava de si! Quando a amiga e o filho entraram, ela ficou imóvel: a surprêsa e a alegria amarraram-lhe tôda a ação.

A madrinha do Antonico começou logo:

— O teu rapaz foi suplicar-me que te viesse pedir perdão pelo que houve aqui ontem e eu aproveito a ocasião para, à tua vista, contar-lhe o que já devias ter dito!

— Cala-te! murmurou com voz apagada a caolha.

— Não me calo tal! Essa pieguice é que te tem prejudicado! Olha! rapaz, quem cegou tua mãe... fôste tu!

O afilhado tornou-se lívido; e ela concluiu:

— Ah, não tiveste culpa! eras muito pequeno quando, um dia, ao almôço, levantaste na mãozinha um garfo; ela estava distraída, e antes que eu pudesse evitar a catástrofe, tu enterraste-lhe pelo ôlho esquerdo! Ainda tenho no ouvido o grito de dor que ela deu!

O Antonico caiu pesadamente de bruços, com um desmaio; a mãe acercou-se ràpidamente dêle, murmurando trêmula:

— Pobre filho! vês? era por isso que eu não lhe queria dizer nada!

DE TEATRO

J. TEIXEIRA

HENRIETTE MORINEAU SEM TEATRO



COM o incêndio do Teatro Copacabana, os «Artistas Unidos», tendo à frente Henriette Morineau, ficaram sem teatro, interrompendo as representações de «Mulheres Feias» (Donne Brutte), privando-nos de assistir as excelentes interpretações, não só de Henriette Morineau, como de seus artistas Laura Suarez, Francisco Dantas, Fernanda Montenegro, Lígia Nunes e Cilo Costa. Esperamos que Henriette encontre, o mais breve possível, um novo teatro, para que o público continue a aplaudi-la, e ao seu elenco, em novas «performances».

● **Depois de percorrer várias cidades do sul de Minas e do Triângulo Mineiro, a Companhia de Comédias João Rios acaba de estrear em Goiânia com «O Homem dos Requerimentos», comédia de João Rios. Do elenco fazem parte: Sandra Gaby, Tereza Lopes, Branca Mauá, Zuleika Sampaio, Célia Cúrcio, João Rios, Nuripê Bittencourt, Noel Guimarães, Dino Florêncio e Cory Lemos.**

ACABA DE ESTREAR no Teatrinho Jardel, a companhia de revistas de Jean Cartier com a peça «Os 7 Pecados da Mulher», revista de sua autoria e onde despontam êle próprio, Celeste Aída, Anilza Leoni, La-Fayette Galvão e Lilian Reis.

OSCARITO vai estrear com a sua companhia de comédias no Teatro Glória, com a peça de José Wanderley e Mário Lago «Cupim», onde além de sua espôsa, Margot Louro, êle apresentará no palco pela primeira vez a sua filha Miriam.

● **A atriz Henriette Morineau vai lançar a sua mais nova aquisição. Trata-se do «Daqui não Saio», a ser mostrada brevemente no Teatro Copacabana. É mais um ator Nelson Morrison, que fará a sua estréia em «Os Artistas Unidos» na peça produto da escola de Henriette Morineau.**

O GUARDA-ROUPA da revista «Tout Va Très Bien», de Zilco Ribeiro e Mário Meira, em cartaz no Teatro Follies, foi desenhado por Norbert e executado por Elvira Figueiredo e Aelson.

JÁ SE ENCONTRA completamente restabelecida, a veterana atriz de nosso teatro de revista Durvalina Duarte, que se achava sob os cuidados médicos dos senhores Américo Caparica, pai e filho.

● **Em virtude de ter que viajar para a Europa, o escritor Henrique Pongetti desligou-se, temporàriamente, da direção da Companhia Dramática Nacional, sendo substituído pelo sr. Hugo Martins Guimarães, que antes ocupava o cargo de assistente do diretor da C.N.D.**

A EMPRÊSA CUNHA FILHO contratou os artistas Gilda de Abreu e Vicente Celestino para serem os ensaiadores da revista «Uma Pulga na Camisola», de Max Nunes e J. Maia, a estrear em setembro no Teatro Carlos Gomes.

O ATOR Rodolfo Carvalho vai apresentar o Grupo Pinguim, especializado em teatro infantil, ainda êste mês no Teatrinho Jardel.

O ELENCO da Companhia de Silveira Sampaio, que está atuando no Teatro Serrador com a peça de sua autoria «O Cavalheiro sem Camélias», é o seguinte: Silveira Sampaio, Nancy Wanderley, Teresa Austregésilo, Vanda Oiticica, Sônia Corrêa, Rachel Moacyr, Raymundo Furtado e Magalhães Graça.

A PRÓXIMA revista da Companhia de Revistas de Zaquia Jorge, que está atuando no Teatro de Madureira será, «Tarados e Taradas».

● **A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais ofereceu uma medalha de ouro ao revistógrafo Freire Júnior, como o campeão do direito autoral, tendo arrecadado a soma de mais de um milhão de cruzeiros. Por ocasião desta solenidade, também foi empossado como o novo conselheiro da sociedade, o teatrólogo Bandeira Duarte.**

A Caolha

Conto de JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

A caolha era uma mulher magra, alta, macilenta, peito fundo, busto queado, braços compridos, delgados, rgos nos cotovelos, grossos nos pulsos; ios grandes, ossudas, estragadas pelo umatismo e pelo trabalho; unhas grossas, chatas e cinzentas, cabelos crespos, uma côr indecisa entre o branco jo e o louro grisalho, dêsses cabelos jo contacto parece dever ser áspero espinhento; bôca descaída, numa expressão de desprêzo, pescoço longo, gelhado, como o pescoço dos urubus; ntes falhos e cariados.

O seu aspecto infundia terror às ianças e repulsão aos adultos; não nto pela sua altura e extraordinária agreza, mas porque a desgraçada nha um defeito horrível: haviam-lhe traído o ôlho esquerdo; a pálpebra scera mirrada, deixando contudo, junto lacrimal, uma fístula continuamente orejante.

Era essa pinta amarela sôbre o fundo negrido da olheira, era essa destilação incessante de pus que a tornavam pulsiva aos olhos de tôda a gente.

Morava numa casa pequena, paga lo filho único, operário numa oficina alfaiate; ela lavava a roupa para os ospitais e dava conta de todo o serviço da casa inclusive cozinha. O filho, enquanto era pequeno, comia os pobres jantares feitos por ela, às vêzes até no mesmo prato; à proporção que ia crescendo, ia-se-lhe pouco e pouco manifestando na fisionomia a repugnância por essa comida; até que um dia, tendo já um ordenadozinho, declarou à mãe que, por conveniência do negócio, passava a comer fora . . .

Ela fingiu não perceber a verdade, e resignou-se.

Daquele filho vinha-lhe todo o bem e todo o mal.

Que lhe importava o desprêzo dos outros, se o seu filho adorado lhe pagasse com um beijo tôdas as amarguras da existência?

Um beijo dêle era melhor que um dia de sol, era a suprema carícia para o seu triste coração de mãe! Mas . . . os beijos foram escasseando também, com o crescimento do Antonico! Em criança êle apertava-a nos bracinhos e enchia-lhe a cara de beijos; depois, passou a beijá-la só na face direita, aquela onde não havia vestígios de doença; agora, limitava-se a beijar-lhe a mão!

Ela compreendia tudo e calava-se.

O filho não sofria menos.

Quando em criança entrou para a escola pública da freguesia, começaram logo os colegas, que o viam ir e vir com a mãe, a chamá-lo — o filho da caolha.

Aquilo exasperava-o; respondia sempre:

— Eu tenho nome!

Os outros riam-se e chacoteavam-no; êle queixava-se aos mestres, os mestres ralhavam com os discípulos, chegavam mesmo a castigá-los, — mas a alcunha pegou. Já não era só na escola que o chamavam assim.

Na rua, muitas vêzes, êle ouvia de uma ou de outra janela dizerem: o filho da caolha! Lá vai o filho da caolha! Lá vem o filho da caolha!

Eram as irmãs dos colegas, meninas novas, inocentes e que, industrializadas pelos irmãos, feriam o coração do pobre Antonico cada vez que o viam passar!

As quitandeiras, onde iam comprar as goiabas ou as bananas para o «lunch», aprenderam depressa a denominá-lo como os outros, e, muitas vêzes, afastando os pequenos que se aglomeravam ao redor delas, diziam, estendendo uma mancheia de araçás, com piedade e simpatia:

— Tá'í, isso é p'ra o filho da caolha!

O Antonico preferia não receber o presente a ouvi-lo acompanhar de tais palavras; tanto mais que os outros, com inveja, rompiam a gritar, cantando em côro, num estribilho já combinado:

— Filho da caolha, filho da caolha!

O Antonico pediu à mãe que o não fôsse buscar à escola; e, muito vermelho, contou-lhe a causa; sempre que o viam aparecer à porta do colégio os companheiros murmuravam injúrias, piscavam os olhos para o Antonico e faziam caretas de náuseas!

A caolha suspirou e nunca mais foi buscar o filho.

Aos onze anos o Antonico pediu para sair da escola: levava a brigar com os condiscípulos, que o intrigavam e malqueriam. Pediu para entrar para uma oficina de marceneiro. Mas na oficina de marceneiro aprenderam depressa a chamá-lo — o filho da caolha, a humilhá-lo, como no colégio.

Além de tudo, o serviço era pesado e êle começou a ter vertigens e desmaios. Arranjou então um lugar de caixeiro de venda; os seus ex-colegas agrupavam-se à porta, insultando-o, e o vendeiro achou prudente mandar o caixeiro embora, tanto que a rapaziada ia-lhe dando cabo do feijão e do arroz expostos à porta nos sacos abertos! Era uma contínua saraivada de cereais sôbre o pobre Antonico!

Depois disso passou um tempo em casa, ocioso, magro, amarelo, deitado pelos cantos, dormindo às môscas, sempre zangado e sempre bocejante! Evitava sair de dia e nunca, mas nunca, acompanhava a mãe; esta poupava-o: tinha mêdo que o rapaz, num dos desmaios, lhe morresse nos braços, e por isso nem sequer o repreendia! Aos dezesseis anos, vendo-o mais forte, pediu e obteve-lhe, a caolha, um lugar numa oficina de alfaiate. A infeliz mulher contou ao mestre tôda a história do filho e suplicou-lhe que não deixasse os aprendizes humilhá-lo; que os fizesse terem caridade!

Antonico encontrou na oficina uma certa reserva e silêncio da parte dos companheiros; quando o mestre dizia: **Sr. Antonico**, êle percebia um sorriso mal oculto nos lábios dos oficiais; mas a pouco e pouco essa suspeita, ou êsse sorriso, se foi desvanecendo, até que principiou a sentir-se bem ali.

(Cont. na pág. 50)



Ilustração de JERONYMO RIBEIRO

A REVOLUÇÃO DO VINHO

O LITORAL MEDITERRÂNEO EM REVOLTA ★ SITUAÇÃO GRAVE ★ CRISE NO CONSUMO DE VINHO ★ 1.600.000 VIVENDO DA UVA ★ UM "ABACAXI" PARA O PREMIER M. JOSEPH LANIEL DESCASCAR ★ RECORDANDO SEU ÍDOLO, MARCELIN ALBERT ★ ACONSELHA-SE, NA FRANÇA, A POLICULTURA.

DUAS vêzes em dez dias, foram erguidas barricadas impedindo o tráfego nas estradas do sul da França. Durante quatro horas no dia 28 de julho e meio-dia a 6 de agôsto, tôda a região do Languedoc e do Roussillon, que margeia uma extensão de cem quilômetros do golfo mediterrâneo de Lion, ficou isolada das grandes cidades meridionais: Marselha e Tuluse. Com as Prefeituras fechadas e todo o trânsito parado, só se viam a viajar os carros dos médicos e os caminhões transportando leite, os únicos que tinham permissão de transpor as barricadas. Certo estadista declarou uma vez que «a mobilização não é a guerra»; pelo mesmo motivo, se dizia, no sul convulsionado da França, que «a barricada não significa a revolução». Mas, se a guerra fôra declarada dois dias após aquela afirmação do homem de estado, não é possível que, com as barricadas dos produtores de vinho, a revolta estale amanhã. Entretanto, e apesar das atitudes de paz dos revoltados, é grave a situação dos vinhateiros daquela grande região francesa. A crise não data de agora, e, sejam quais forem as medidas governamentais a tomar imediatamente, os resultados práticos não se tornariam eficientes senão daqui a vários anos. A causa dêsse desassossêgo todo reside no problema da superproção do vinho, na França. A abundante safra de 1950, no total de 61 milhões de hectolitros, e que foi imprevista, provocou grave excesso de estoque, o qual não pôde ser anulado depois. A cultura foi tanta que não se achavam meios de armazenar o vinho. Ora, os excessos daquele ano, somados aos de agora, trouxeram o tremendo agravamento da crise de superprodução. Para tornar o caso ainda mais complicado, à proporção que a produção crescia, baixava o consumo de vinho na França. Em 1938 cabia 157 litros por ano, enquanto em 1951, o consumo «per capita» descia a 120. Os preços baixaram muito: 46 francos por litro em 1949; 24 francos em 1953. Um milhão e seiscentas mil famílias se entregam à cultura do vinho na zona do sul; sòmente nos quatro departamentos onde se ergueram as barricadas, há 400 mil famílias. Essa região se entrega exclusivamente às uvas, não havendo nenhuma outra fonte de produção e de vida agrícola. Não possuem êsses trabalhadores, nem animais, nem gado, nem cultura de cereais, nem mesmo criação miúda, como cabras, galináceos, etc. A crise é, pois, uma resultante da monocultura. O primeiro Ministro, sr. Laniel, está numa «sinuca de bico». Suas sugestões não foram aceitas pelos vinicultores. Uma das saídas era a de converter uvas e vinhos em álcool combustível; mas se verificou que êsse remédio traria maiores sacrifícios à nação, uma vez que o petróleo e a gasolina importados saiam mais barato. Os comunistas se aproveitaram do momento e apresentaram outras medidas. Uma delas era a de aumentar a ração de vinho aos militares; a outra, de grande efeito popular, era a de distribuir-se, gratuitamente, uma parte do vinho sem colocação, aos necessitados, aos indivíduos «econômicamente fracos». Repete-se agora o fato de 1907, quando os fabricantes de vinhos se ergueram contra o govêrno, liderados pelo indomável Marcelin Albert. Seu nome é hoje rememorado, e os revoltados de agora fundaram um comitê com o seu nome, para infundir coragem aos colegas.



Sob a bandeira do seu ídolo de 1907, Marce lin Albert.



Numa cidade do sul da França, os revoltosos levantam barricadas, com a intenção de impedir o tráfego para outras grandes cidades gaulesas.



«On ne passe pas!» Bradam os vinicultores, a quantos se aproximam da «barreira» improvisada. Tôda a região do sul da França está assim

Ou o pre francês s



lin Albert, os produtores de vinho de agora se organizam, para forçar o govêrno francês a resolver, com brevidade, o problema da superprodução.



Ou o premier M. Joseph Laniel resolverá a crise, ou o saboroso vinho francês subirá à cabeça de todos e o sul do país rebentará revoltado.



Viva a superprodução do vinho! Devem estar exclamando, radiantes, aquêles que nunca tiveram meios de beber tanto e tão bom líquido.



Francisco Matarazzo Jr. depondo perante a C. P. I., tendo ao lado o deputado G. Machado.

FUNCIONA A COMISSÃO DE INQUÉRITO ★ ONDE TODOS SÃO IGUAIS PERANTE A LEI ★ COMPARECERAM RICARDO JAFFET E FRANCISCO MATARAZZO Jr. ★ CADA QUAL CONTOU A SUA HISTÓRIA ★ GESTOS E ATITUDES ★ AUMENTA O VOLUME

Reportagem de JOÃO ALVARENGA

Fotos de ALBERTO FERREIRA, ERNESTO SANTOS e ARNALDO VIEIRA

O «affaire» «Última Hora-Érica», promete estender-se ainda por muito tempo, tal a amplidão dos nomes que se ligaram à emprêsa fundada pelo jornalista. Figuras da maior responsabilidade nos meios oficiais; grandes industriais e capitalistas; homens de prol na sociedade; políticos e influentes de categoria, todos êles se viram de um momento para outro envolvidos numa denúncia das mais vexatórias e indesejáveis. Os membros da Comissão Parlamentar de Inquérito não têm descansado na pesquisa de vestígios para esclarecer certos pontos ainda obscuros do ruidoso caso Wainer. Alguma coisa já obtiveram, realmente; mas, segundo indica o interêsse dos seus componentes, ainda não está satisfeita a Comissão, e vai prosseguindo em sua missão até que a papelada acuse os nomes dos verdadeiros responsáveis pelo escândalo. No começo se dizia que, em face de estarem citadas personagens de alto coturno, não seria possível ir adiante, o inquérito; mas, muito cedo se provou que «todos são iguais perante a Lei», e os srs. Jaffet, Matarazzo, Lodi, etc., tiveram que comparecer perante os inquiridores e responder às perguntas que lhes eram dirigidas. Com o sr. Ricardo Jaffet, as perguntas do deputado Frota Aguiar sempre envolviam um certo sentido a Sherlock Holmes; mas, o ex-presidente do Banco do Brasil, quando percebia a intenção do inquiridor, ou sorria, ou deslisava pela tangente. Assim, quando o sr. Frota Aguiar lhe perguntou se a operação com Wainer fôra feita em caráter comercial ou semi-oficiosa, o sr. Jaffet se estendeu em considerações sôbre o organismo do Banco, e deixou sem resposta a pergunta do deputado. Além dessa primeira inquirição a 12 de agôsto, houve outros depoimentos, o que dava mais trabalho à dactilógrafa e aumentava o volume do inquérito. Com o depoimento do sr. Francisco Matarazzo Jr. se deu esta particularidade: compareceu na Comissão Parlamentar de Inquérito, justamente na data de seu aniversário natalício, 14 de agôsto. E' claro que não houve nenhuma cruel

NO PELOURINHO DA DEMOCRACIA

NQUÊ-
GUAIS
CERAM
O MA-
ONTOU
E ATI-
OLUME.

GA
ESTO

mete es-
a ampli-
rêsa fun-
respon-
s indus-
na socie-
ia, todos
outro en-
atórias e
io Parla-
sado na
er certos
aso Wai-
ealmente;
eus com-
a Comis-
ssão até
verdadei-
omêço se
as perso-
ossível in
o se pro-
Lei», e os
eram que
e respon-
das. Com
deputado
certo sen-
presidente
a inten-
sava pela
Aguiar lhe
r fôra fei-
osa, o sr.
ôbre o or-
esposta a
primeiro
ros depoi-
à dactilô-
érito. Com
azzo Jr. se
u na Co-
ustamente
io, 14 de
uma cruel

O

A



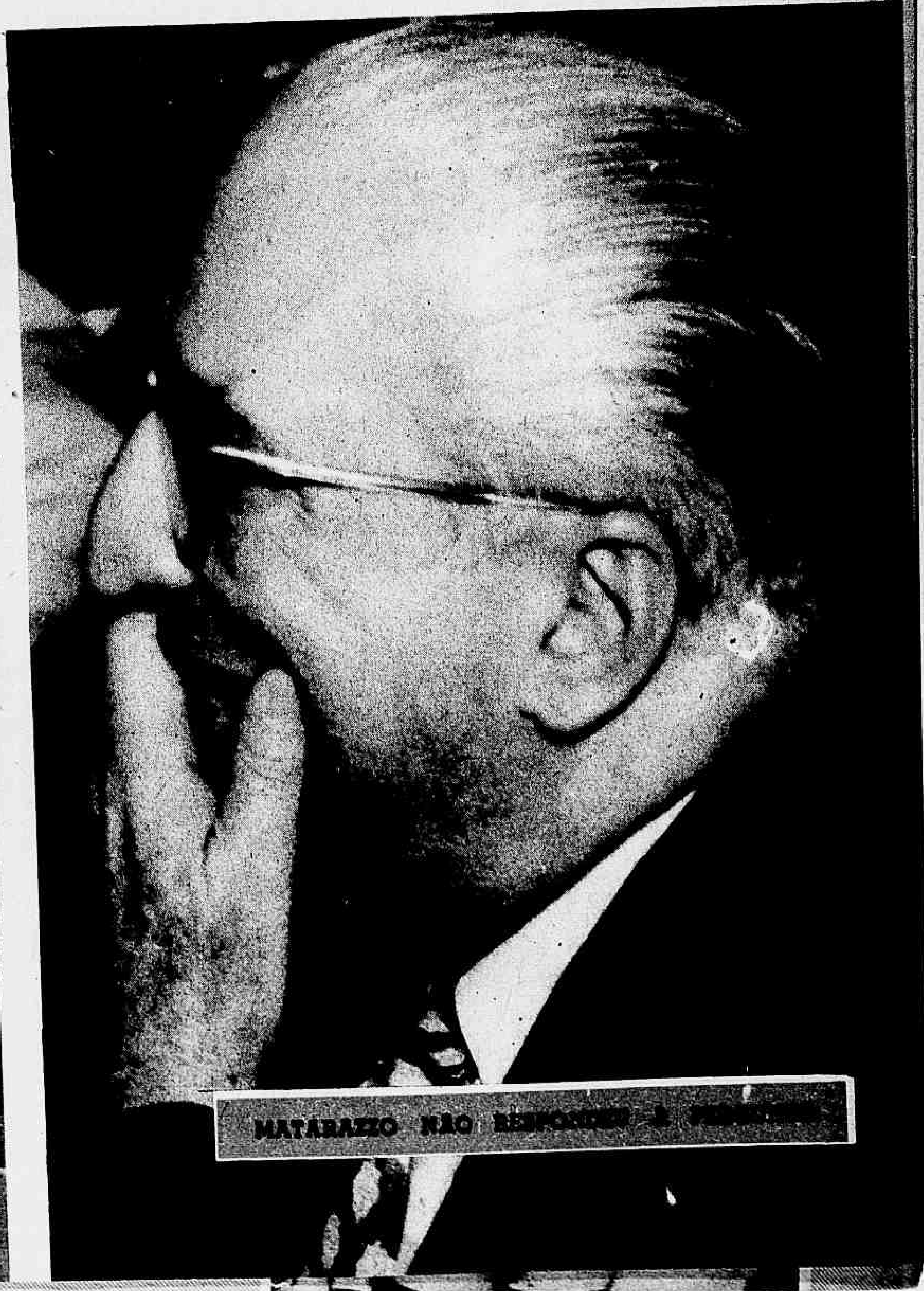
COM SAMUEL WAINER FUI UM IDEALISTA.



AUXILIEI UM MOÇO QUE EU REPUTO [illegible]



O DINHEIRO ERA MEU. DEI-O PORQUE QUIS.



MATARAZZO NÃO RESPONDEU À [illegible]

NO PELOURINHO DA DEMOCRACIA



A vez do sr. Jaffet. O ex-presidente do Banco do Brasil assumiu tôda a responsabilidade perante a Comissão Parlamentar de Inquérito: — «Sou o responsável». Seu ansiosamente esperado depoimento do dia 12 de agôsto, motivado pelo assunto, entrou pela noite a dentro e... continua.

dade social dos legisladores, mas sim, uma coincidência um tanto melancólica. O que disse o grande industrial e capitalista de S. Paulo, também não adiantou muito. Confessou ter fornecido quase vinte milhões de cruzeiros ao sr. Wainer, simplesmente porque julgara que o moço merecia todo o seu auxílio financeiro. Percebera que era o mesmo um idealista, e o sr. Matarazzo, que também se julga um idealista, não teve dúvida em ir ao encontro dos desejos do jornalista. Durante seis horas o Conde depõe. Não se mostra perturbado diante das perguntas dos deputados Leoberto Leal, Ulisses Guimarães, Guilherme Machado e Frota Aguiar. Ao seu lado está o ex-ministro Danton Coelho. Muitos congressistas ali reunidos eram seus conhecidos. Fala aos mesmos, troca amabilidades e se senta para ser interrogado e falar o que soubesse. No final, porém, o sr. Matarazzo estêve a ponto de perder a serenidade em face das perguntas do deputado Leoberto Leal. Veio à baila o nome do sr. Lutero Vargas, filho do Presidente da República e, a essa altura, o Conde já concluía seu depoimento visivelmente exaltado, tendo mesmo declarado que se o dinheiro era dêle, podia dá-lo a quem quisesse, que ninguém tinha nada a ver com isso. Já o tinha ajudado quando da existência de «Diretrizes», e podia repetir os empréstimos tantas vêzes quantas quisesse. O inquérito prossegue. Fala-se que o sr. Moreira Sales, recentemente chegado dos Estados Unidos, onde era embaixador do Brasil, já foi convidado a depor, tendo respondido o banqueiro, que terá muito prazer em cumprir a vontade da Comissão. Com o possível depoimento, ainda, do sr. Lutero Vargas, o processo aumenta de volume e o caso se prolonga por muito tempo. As atitudes dos inquiridos são mais ou menos as mesmas, e os seus gestos caracterizam o firme propósito de assumir, sòzinhos, pessoalmente, os atos financeiros praticados em favor da emprêsa do jornalista denunciado.



D. Judith Muniz Barreto, única dactilógrafa da Comissão, funcionária da Câmara desde o ano de 1951. Diz que dá conta de todo o trabalho.



— «Não há operações de vulto para o Banco do Brasil. As operações dependem das conveniências», respondeu ao deputado Frota Aguiar.

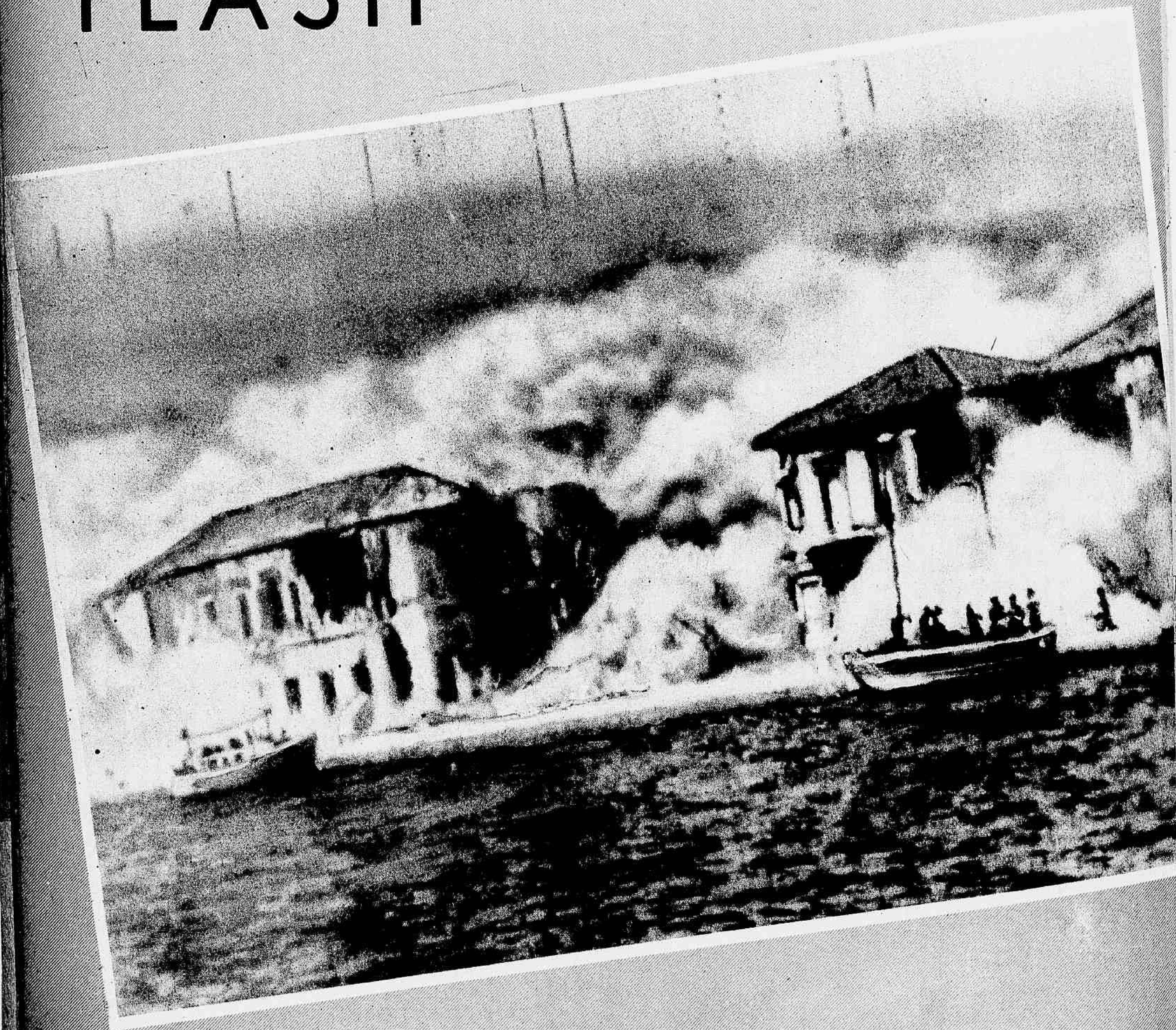
— «Sou
continua.

acterizam
pessoal-
em favor

Banco do
onveniên-
Aguiar.

O sr. Jaffet continua a depor. Não está lembrado de certas coisas, o que causa espanto, até mesmo à decantada estátua do Trabalho.

ÚLTIMO FLASH



CENA infernal da cidade de Ragostoli, Grécia, quando o solo da ilha era s cudido por violentos tremores de terra, o que ocorreu simultâneamente em vári outros pontos do mar Egeu, havendo milhares de vítimas. A fotografia foi apanh da no momento exato em que habitantes aterrorizados procuravam abandonar R gostoli em botes. Segundo informações posteriores, o barco à direita, não pod do suportar o pêso dos fugitivos, soçobrou. Note-se a densíssima nuvem de poei que se ergueu do solo e dos edifícios esbarrondados, aumentando ainda mais pavor dos habitantes, centenas dêles mortos por sufocação. A aviação norte-ame cana e britânica muito contribuiu para abastecer dágua, roupas e víveres os m lhares de vítimas dessa crueldade do destino. Na próxima edição daremos repo tagem completa sôbre o terremoto da Grécia.

MÓVEIS, TAPÊTES E CORTINAS



Projeto da CASA NUNES



TAPÊTES E PASSADEIRAS DE FORRAÇÃO

em côres lisas e com flores

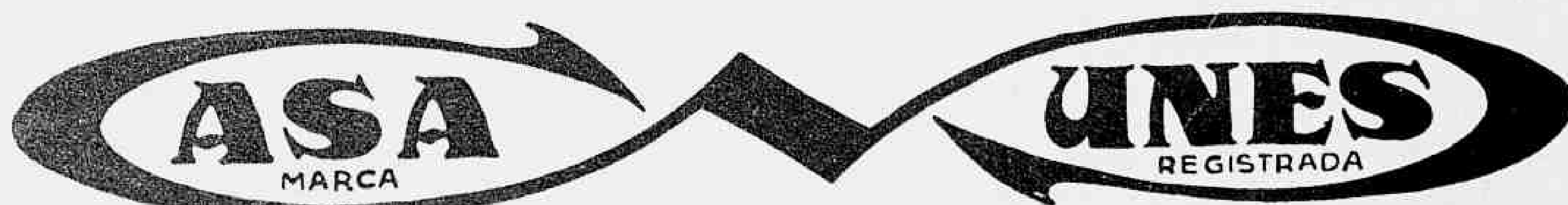
GRUPOS ESTOFADOS

— especialidade de nossas oficinas —

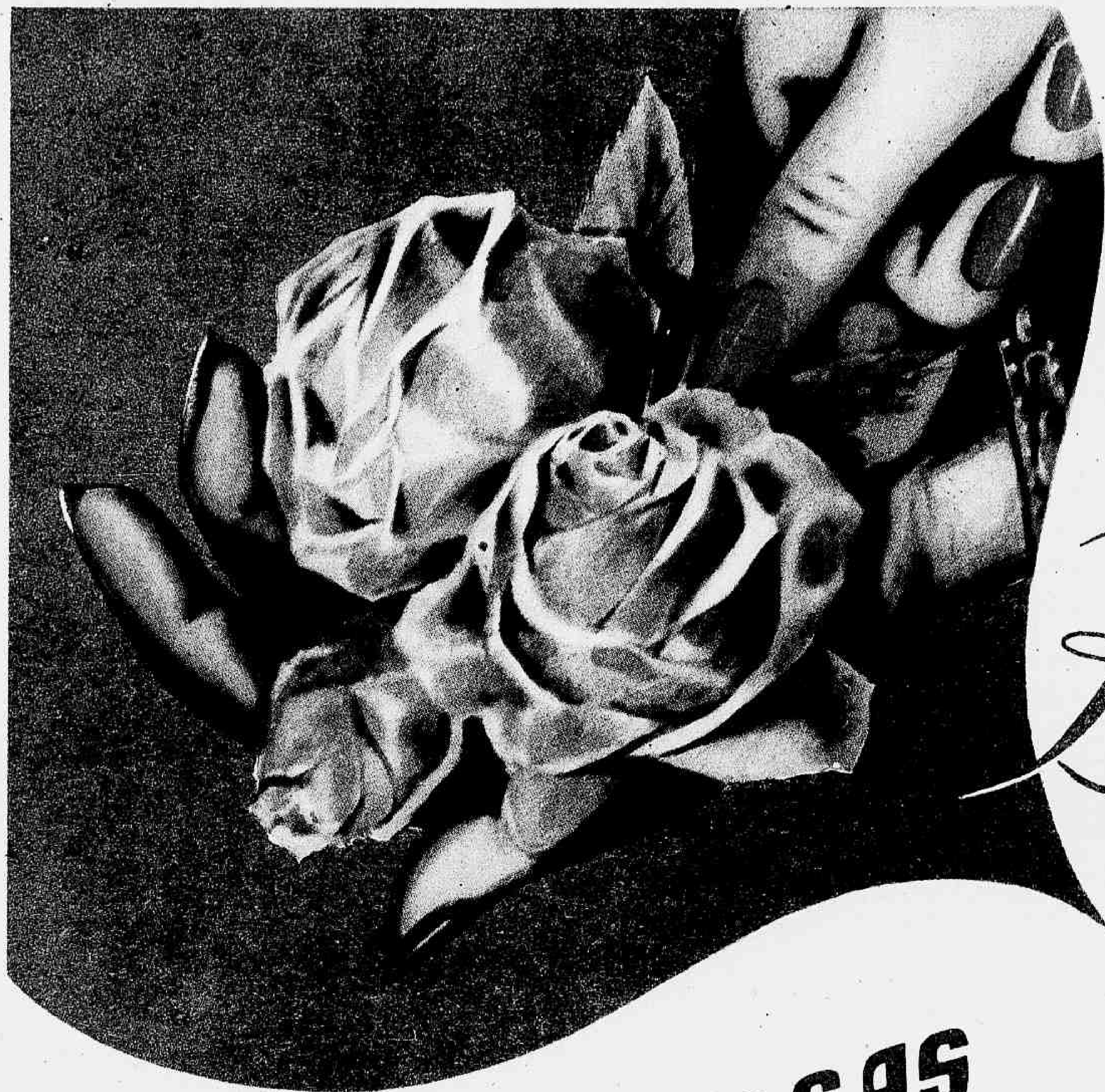
TAPÊTES FEITOS A MÃO

verdadeiras obras de arte

VENDAS A VISTA E A PRAZO



65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO



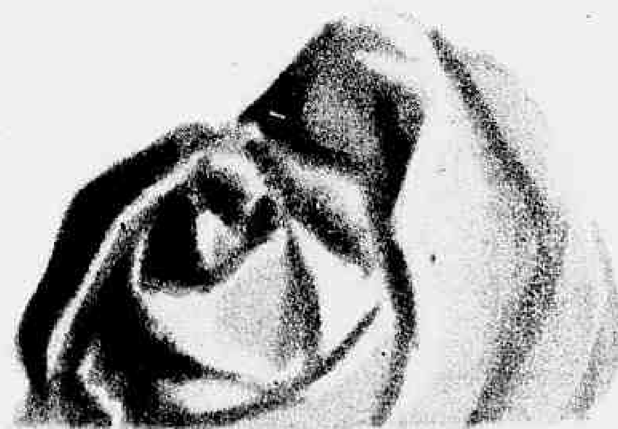
Beleza

impregnada de "it" — a palavra incluída no vocabulário universal para expressar o encanto, a misteriosa sedução que algumas mulheres possuem.

It — êsse não-sei-quê maravilhoso e fascinante, segrêdo do sucesso feminino, entre nós se celebrizou através do LEITE DE ROSAS, o preparado que servindo à mulher em todos os seus cuidados de beleza, proporciona-lhe ainda aquêle misto indefinível de graça e sedução.

LEITE DE ROSAS





LAB. LEITE DE ROSAS LTDA.
RUA ANA NERY, 321
TELEFONE: 48-7680 — RIO